UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em História

DISSERTAÇÃO

JOSÉ VECCHIO: A TRAJETÓRIA DE UM MILITANTE EM ASCENDÊNCIA AO LONGO DO ESTADO NOVO (1930-1950)

Leonardo Silva Amaral

Pelotas, 2021

Leonardo Silva Amaral

JOSÉ VECCHIO: A TRAJETÓRIA DE UM MILITANTE EM ASCENDÊNCIA AO LONGO DO ESTADO NOVO (1930-1950)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Edgar Ávila Gandra

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

A111j Amaral, Leonardo Silva

José Vecchio : a trajetória de um militante em ascendência ao longo do Estado Novo (1930-1950) / Leonardo Silva Amaral ; Edgar Ávila Gandra, orientador. — Pelotas, 2021.

145 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Trajetória. 2. Militancia. 3. Politica. I. Gandra, Edgar Ávila, orient. II. Título.

CDD : 981.07

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

Leonardo Silva Amaral

José Vecchio: A trajetória de um militante em ascêndencia ao longo do Estado Novo (1930-1950)

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 29/07/2021

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Edgar Ávila Gandra (Orientador)

Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Silvio Roberto Stefani

Doutor em Administração pela Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Charles Pereira Pennaforte

Doutor em Relações Internacionais pela Universidad Nacional de La Plata

Prof. Dr. Marcos César Borges

Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a meus pais e meu tio, que sempre me apoiaram desde o começo dessa caminhada, desde a graduação até esse momento, me incentivando para que eu seguisse firme rumo à conclusão desse trabalho. Vocês são as pessoas que eu mais amo nessa vida. Eu não poderia esquecer da minha vó, que foi uma pessoa que sempre acreditou em mim, que me apoiou até os últimos dias, mas que, infelizmente, acabou partindo dessa vida repentinamente. Vó, onde você estiver, espero que esteja orgulhosa do seu neto. Obrigado por tudo, sempre te amar.

Gostaria de agradecer a meu orientador Edgar Ávila Gandra, que foi mais que um orientador, mas um amigo, me ajudando ao longo de todo esse caminho. Ele foi responsável para que eu seguisse focado, me apoiando nos momentos mais difíceis da pesquisa e nos momentos conturbados que se apresentavam pelo contexto que vivemos e por me entender quando houve situações de grande perda familiar. Sem esse suporte, a conclusão desse trabalho não teria sido possível. Agradeço de forma especial a Miguelina Vecchio e José Vecchio Filho, ambos filhos de José Vecchio, que sempre se mostraram disponíveis a contribuir com a presente pesquisa, auxiliando com indicações e principalmente ao narrar fatos vividos com Vecchio e contribuindo para percepções que demais documentações não indicavam. A eles, meu profundo agradecimento.

Eu não poderia deixar de ressaltar a importância que meus amigos tiveram ao longo de todo esse processo. A amizade deles foi essencial para que mantivesse o foco, que me ajudaram me aconselhando e dando apoio nos momentos de maior dificuldade. Em especial, eu agradeço aos amigos Antonio, Felipe, Dulce, Vitória, Mariana que estiveram comigo em todos os momentos. Também agradeço a Juliane, Franciane e Deisiane, que foram amizades construídas desde a graduação, e que sempre se mantiveram presentes e que são especiais na minha vida. E, principalmente, agradeço a Sinara e Julia, que foram mais que colegas de mestrado, mas uma amizade que fortaleceu cada um de nós. Vivenciamos todos os momentos de alegria, mas também de dificuldades, mas nunca deixamos de nos apoiar. Eu não poderia deixar de citar a Patricia, Cleoni e Ana Julia, que são amigos especiais que vivenciaram boa parte de todo esse processo. Levarei todos vocês comigo para o resto da vida.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo desenvolver a trajetória de José Vecchio, um importante militante operário, que vai se destacar em meio a diversas mudanças políticas e sociais. A virada do século XIX para o XX, trouxe consigo agitações no ambiente operário. Com base nas vivências de Vecchio, o intuito é visualizar essas modificações, com foco no cotidiano dos trabalhadores que vão se constituir em organizações, ao passo que vão sofrer grande repressão do Estado, bem como dos empresários. A liderança de José Vecchio emerge ao longo dos anos 1930. Um operário que desempenhava as funções de motorneiro na companhia de bondes de Porto Alegre, ele, ao longo desse período, vai se apresentar como uma figura que contribui não somente para estruturar o sindicato da sua categoria, mas ajudando demais categorias a se formarem. Esse período de grande movimentação contribuía para que os trabalhadores pudessem pensar em estratégias para ampliar as possibilidades de direitos, mesmo com as restrições impostas. As possibilidades iam surgindo ao longo de todo os anos 30 e, a partir da crise do governo em meados de 1940, e principalmente em 45 com a saída de Getúlio Vargas do poder, partidos políticos se estruturam no país, surgindo assim o PSD (Partido Social Democrata) e PTB (Partido Trabalhista Brasileiro).

Palavras-chave: Trajetória; militância; política;

ABSTRACT

This work aims to develop the trajectory of José Vecchio, an important worker activist, who will stand out in the midst of various political and social changes. The turn of the 19th to the 20th century brought with it agitations in the working class environment. Based on Vecchio's experiences, the aim is to visualize these changes, focusing on the daily lives of workers who will form organizations, while they will suffer great repression from the State, as well as from businessmen. José Vecchio's leadership emerges throughout the 1930s. A worker who performed the functions of a motorman in the Porto Alegre tram company, he, throughout this period, will present himself as a figure that contributes not only to structuring the union of Porto Alegre. its category, but helping other categories to form. This period of great movement contributed to the workers being able to think of strategies to expand the possibilities of rights, even with the restrictions imposed. The possibilities were emerging throughout the 1930s and, from the government crisis in the mid-1940s, and especially in the 45s with the departure of Getúlio Vargas from power, political parties were structured in the country, thus giving rise to the PSD (Partido Social Democrat) and PTB (Brazilian Labor Party).

Key words: Trajectory; militancy; politics;

LISTA DE SIGLAS

AIB – Aliança Integralista Brasileira

ANL – Aliança Nacional Libertadora

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

DRT – Delegacia Regional do Trabalho

FORGS – Federação Operária do Rio Grande do Sul

FGV – Fundação Getúlio Vargas

FUG – Frente Única Gaúcha

MTIC – Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PL – Partido Liberal

PRL – Partido Republicano Liberal

PRR – Partido Republicano Riograndense

PSDA (Partido Social Democrático Autonomista)

PSD – Partido Social Democrático

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PTBI - Partido dos Trabalhadores Brasileiros Independente

UDN – União Democrática Nacional

SUMÁRIO

Introdução.....08

CAPÍTULO 1 – OS CENÁRIOS POLÍTICO-SOCIAIS DA PRIMEIRA REPÚBLICA E ESTADO NOVO NO AMBIENTE OPERÁRIO..... 21

1.1 – Os reflexos políticos e sociais. 22

1.2 - Articulações Operárias. 27

1.3 - Os governos varguistas e as mudanças na sociedade 36

CAPÍTULO 2 – A TRAJETÓRIA DE JOSÉ VECCHIO, UM MILITANTE NA METADE DO SÉCULO XX 50

2.1 - Os primeiros passos de Vecchio. 51

2.2 - Novas legislações de 1930 e maior destaque de José Vecchio. 60

2.3 - José Vecchio e as experiências político-partidárias. 86

CAPÍTULO 3 – OLHANDO PARA TRÁS A REPRESENTAÇÃO DA TRAJETÓRIA DE JOSÉ VECCHIO.....113

3.1 – Família.....114

3.2 – Militância. 126

3.3 – Trajetória 130

CONCLUSÃO. 134

LISTA DE FONTES 139

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....140

Introdução

Em um processo de mudanças no meio social ao fim do período republicano e desdobramento de governos varguistas, essa pesquisa se coloca, tendo como objetivo refletir sobre a trajetória de José Vecchio, um importante sindicalista, operário da companhia de bondes de Porto Alegre, e sua emergência como uma figura de liderança relevante em meio às articulações de uma organização sindical frente às pressões vigentes no momento. A figura de Vecchio contribui para compreender não apenas suas vivências como também de que forma os trabalhadores conviviam com as pressões do Estado e do patronato, que os pressionava através das legislações existentes. Enfim, busca-se compreender esse período de transformação e as ações dos militantes operários que vivenciaram esse momento.

Sobre esse aspecto, é importante compreender que o desenvolvimento das organizações operárias levou a uma expansão das lutas por melhores condições de vida durante boa parte do século XX. As condições de precariedade, visíveis em todo o país, se apresentavam no Rio Grande do Sul, bem como as resistências a essas precarizações, a partir de 1906 com maior incidência na capital Porto Alegre, ocorrendo também em outras regiões do estado. É preciso destacar, que anteriormente a esse momento, reações por parte dos trabalhadores já existiam, e foram se avolumando e ganhando força para promover mudanças.

Ao longo do final do Império e início da República, as formações operárias se constituíram com uma forte presença de socialistas e anarquistas, fortalecendo as lutas que, anteriormente, já vinham se desenvolvendo, construindo não só as organizações de categorias, mas também federações. No caso do sul do país, é digno de nota o desenvolvimento da FORGS (Federação Operária do Rio Grande do Sul), que se colocava como uma grande influência no campo da luta por direitos, a qual se desenvolveu até meados de 1930, tendo, na sua liderança, uma alternância entre socialistas e anarquistas.

Essa federação se apresentava como um vínculo não apenas nas atividades que os trabalhadores desempenhavam no seu cotidiano, mas também em questões mais amplas, como culturais e de assistência, aproximando várias

categorias em seu entorno. Considerações sobre esse período anterior às mudanças estruturais ocorridas após 1930 são importantes, pois ajudam a analisar esse período dinâmico de transformação das formas de atuação dos significativos setores operários brasileiros.

Essas condições de desenvolver estratégias de manutenção dos direitos já conquistados também abriam novos campos de atuação, que teve maiores desdobramentos a partir da metade de 1940. Este novo momento ficará marcado pela constituinte de 1946, na qual é aberto o processo de eleição para a escolha de candidaturas aos governos, em âmbito estadual e federal.

Partindo desse ponto, o desenvolvimento de um agente histórico pode ampliar o suporte de visualização de um contexto, bem como perceber as relações dentro de uma visão micro. É relevante ter como ponto de partida o vínculo com o meio e o que ambos têm a dar e receber, na intenção de evitar cair na cilada de apontar o cenário como um influenciador da vida de determinado indivíduo. Como define Karsburg e Vendrame (2016, p.93),

> Contudo, essa tentativa de reconstituição do contexto não deve nos condicionar a acreditar que o indivíduo deva ser analisado como uma produção óbvia do cenário, pois, assim como qualquer sujeito, todos são absolutamente particulares, mas só possíveis de entender com a ampliação do campo de observação à sua volta.

Nesse sentido, é necessário abordar com maior profundidade o contexto no qual o indivíduo está inserido e a perspectiva relacional entre a trajetória dele e o referido cenário, visto que é nesse processo que trilharemos a análise de sua trajetória. Examinando esses dois pontos de partida, a saber o contexto e o indivíduo, algumas considerações são feitas pela relevância desse tipo de análise para a compreensão da história política brasileira.

Segundo essa direção, a vivência de um indivíduo pode apresentar perspectivas que, ao longo dos anos, passaram despercebidas pela historiografia. Destaco que não busco “encaixar” o sujeito em outros períodos, como alguém que possa ser jogado de um lado para o outro. A realidade da nossa pesquisa busca observar o sujeito histórico conjuntamente com o desenrolar do contexto em que o mesmo está inserido.

A questão principal consiste em avaliar os limites e possibilidades de uma análise na qual um militante operário pode lançar luzes sobre um contexto mais

abrangente de toda uma categoria de trabalhadores em um período delimitado da história brasileira. Sobre a complexidade de fazer uma análise entre biografia e trajetória, é importante apresentar algumas condições, e, nesse sentido, alguns debates apresentam contradições sobre seu potencial realização e significado. Nessa óptica, Benito Bisso Schmidt (1996) defende que ambos os conceitos podem ser considerados, tendo eles um mesmo sentido. Alexandre Karsburg (2015) busca dividir claramente ambos. Segundo ele, a biografia trataria de uma análise ampla, dialogando com a vida pessoal e social, tendo como objetivo principal desenvolver e visualizar o maior número de detalhes possíveis. Já no sentido da trajetória, ele aponta que o pesquisador faria um recorte do período ou das questões específicas da vida de um indivíduo, restringindo assim seu foco de análise.

A partir das análises, é importante assinalar que a presente pesquisa toma como conceito de partida a perspectiva de Alexandre Karsburg, pois é possível visualizar na sua caminhada uma situação multifacetada. Tendo em vista a sua atuação no meio operário, sindical e político, agindo em um período de grandes transformações que contribuíram para a ascensão de muitos trabalhadores dentro da sociedade, tendo como objetivo se aprofundar em momentos-chave das vivências do sujeito, sem desconsiderar o todo existente que constitui suas vivências.

É relevante pontuar que o conceito biográfico apresenta possibilidades que vão de encontro à análise, visto que, para dar enfoque a certos momentos da vida de alguém que é objeto de pesquisa, é necessário perceber a construção desse sujeito desde seus primeiros passos. Desse modo, apesar de seguir uma linha de trajetória, algumas colocações ligadas à biografia podem agregar de forma significativa à pesquisa.

Ainda é importante destacar um apontamento de Giovanni Levi (1996), no qual ele destaca que,

> (...) deveríamos indagar mais sobre a verdadeira amplitude da liberdade de escolha. Decerto essa liberdade não é absoluta: culturalmente e socialmente determinada, limitada, pacientemente conquistada, ela continua sendo, no entanto, uma liberdade consciente, que os interstícios inerentes aos sistemas gerais de normas deixam aos atores. Na verdade, nenhum sistema normativo é suficientemente estruturado para eliminar qualquer possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou de interpretação das regras, de negociação. A meu ver a biografia é por isso mesmo o campo ideal

> para verificar o caráter intersticial – e, todavia, importante – da liberdade de que dispõem os agentes e para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradições. (LEVI, 1996, p.79-80)

Essas condições destacadas pelo autor contribuem na perspectiva de entender outros aspectos da análise biográfica. Para ele, uma das importantes contribuições do estudo de uma biografia consiste em visualizar as condições de consciência do indivíduo em um campo e as situações às quais ele está condicionado. Nessa concepção, como bem salienta Levi, independente da estrutura instalada, e do quão normativa ela seja, não retira as decisões conscientes, assim como não impede a chance de manipulações, e, por esses fatores, é tão relevante compreender trajetórias de vida, uma vez que, desse modo, é possível visualizar os espaços para que essas decisões, sendo conscientes ou não, aconteçam, e perceber as contradições existentes naquele meio.

A partir da compreensão desses pontos, a trajetória de José Vecchio se relaciona com esses fatores, que indicam a utilização do conceito. O mesmo é referência em aspectos ligados ou relacionados à sua vida política e de militância sindical. Dessa forma, afunilamos nossa análise prioritariamente a esses aspectos. E alguns outros que poderiam ser importantes em um trabalho biográfico ficaram de fora ou foram superficialmente analisados. O contexto em que estava inserido se tratava daquele do uso de aparelhos repressivos, considerado em alguns momentos como um período com pouca articulação operária, mas sendo necessário compreender as variações das ações coletivas e individuais que se distinguem e que não aceitaram de forma amorfa as imposições. E, de modo geral, compreender as contradições existentes em um possível coletivo, além dos interesses próprios que vão sendo estruturados ao longo da vida de Vecchio.

Partindo dessas ponderações sobre aspectos da trajetória, é importante, para dar sustentação às nossas análises, apresentar algumas discussões sobre identidade, em específico no caso que trabalha com um grupo de trabalhadores no Rio Grande do Sul. A autora Kathryn Woodward (2000) traz relevantes considerações sobre o conceito. Ela aponta as questões de representação, onde,

> A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos se os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (WOODWARD, 2000, p. 17)

É nesse sentido que as posições de identidade e diferença se apresentam, visto que ambas se relacionam a partir da afirmação de um em negação ao outro. Por exemplo: um operário que vai fazer parte da militância operária com um trabalhador que vai vivenciar essas experiências em grupo, mas que vai participar de outros coletivos, como o político, condição em que Vecchio vai estar inserido. Nesse meio, se apresentam os significados e simbolismos que darão as características que o colocam e o diferem de determinados grupos.

Seguindo a mesma linha, é preciso citar algumas afirmações do autor Tomaz Tadeu (2000), que se relaciona com o presente exemplo de análise. Para ele, a identidade é uma construção cultural e social e, a partir das linguagens, é possível construir aspectos que vão dar entornos para a identidade do indivíduo. Dentro desse conjunto, ainda se inserem as relações de poder, visto que o meio social é uma das bases das questões identitárias, e as disputas que ocorrem na sociedade entre os grupos existentes dentro de um conflito por simbologias e materialidade.

Ainda sobre os discernimentos do poder ligado às disputas de identidade entre grupos, o autor Pierre Bourdieu afirma que essas questões se estruturam dentro da sociedade a partir de formas, o que diz respeito às relações políticas e sociais. Essas considerações se alinham aos envolvimentos com relação à trajetória de Vecchio. Com os pontos ressaltados até o momento, fica evidente a importância do diálogo com os símbolos e discursos que compõem a identidade para visualizar os conflitos de cunho político e social, sem ignorar o meio cultural, onde ocorrem as construções de grupos sociais.

Compondo esses debates, a memória é agregada como constitutiva do indivíduo dentro da sociedade. Com base nos debates que se cercam, é importante apontar os autores Joel Candau e Maurice Halbwachs. As colocações de Halbwachs descrevem a chamada memória coletiva, que tem como conceito geral que as lembranças de um indivíduo são construídas a partir dos grupos

com quem se relaciona, transformando, desse modo, toda memória individual em construções de um coletivo, ou seja, a pessoa não poderia ter lembranças somente individuais. Mesmo que em sua percepção, ainda assim, esses fatos seriam de um coletivo.

Por outro lado, a pesquisa de Candau amplia e traz contribuições importantes para o debate sobre memória que Halbwachs já havia trazido antes. Ele busca desenvolver, de maneira clara, as perspectivas sobre memória coletiva, além de ir de encontro com o outro autor. Ele procura explicar, de maneira relevante, os apontamentos do que é coletivo e do que é individual. Dentro de seus debates, o autor apresenta algumas classificações a que a memória estaria inserida, deixando claro que poderia sim haver uma memória individual, diferente do que Halbwachs defendia.

Um debate significativo em Candau é o fator da memória forte contribuir para as questões identitárias na configuração de grupos. Nesse caso, vale frisar que Vecchio estava inserido, em um primeiro momento, em relações operárias, e que as mesmas ascenderam e se organizaram politicamente, ao passo que, na sociedade, ocorria a ascensão não apenas de alguns personagens, mas de um coletivo, constituindo-se, desse modo, uma identidade coletiva nessas relações. Esse fato se alinha às questões apontadas tanto por Woodward quanto por Tomaz Tadeu, anteriormente citadas, ressaltando a importante relação entre memória e identidade.

Ainda sobre identidade em grupo,

> Aplicada a um grupo, a complexidade aumenta. Passemos ao fato de que, nesse caso, o termo "identidade" é impróprio" porque ele nunca pode designar com rigor uma "recorrência": em um momento preciso de uma observação um indivíduo é idêntico a ele mesmo, mas duas pessoas - mesmo que se trate de gêmeos - jamais são idênticas entre elas." O termo é então utilizado em um sentido menos restrito, próximo ao de semelhança ou de similitude que satisfaz sempre uma inclinação natural do espírito. Se admitirmos esse uso pouco rigoroso, metafórico." a identidade (cultural ou coletiva) é certamente uma representação. (CANDAU, 1996, p.25)

A partir das colocações apresentadas até o momento, fica exposta a importância dos desdobramentos de ambos os conceitos para perceber como se visualizam as identidades e a memória dentro de relações individuais e em grupos. Ainda nesse sentido, a identidade na figura de Vecchio se mostra em vários momentos como ambígua. Como já citado antes em muitos momentos, ele se coloca como um revolucionário, sendo preso em momentos de articulação

sindical, deixando a entender, por meio de seus ideais, que deveria haver mudanças estruturais de fato; porém, nesses mesmos momentos, ele também se coloca indiferente a grupos comunistas e anarquistas – demonstrando ambiguidades dentro da sua identidade –. Isso também traz os aspectos de contradições vide o contexto em que ele está inserido.

Ao elencar esses pontos relacionados à memória e à identidade, fica exposta a sua ligação com a trajetória de José Vecchio. As relações do coletivo se auto alimentaram naquele grupo de operários ao qual Vecchio pertencia, ampliando a militância, que foi seguindo, ao longo dos anos seguintes, até a participação político-partidária. No mesmo sentido que a caminhada de um sujeito histórico se relaciona com o contexto em que ela vive, os componentes da identidade se fazem presentes.

Como salientado por Candau, os fatores identitários ajudam na formação de grupos, e os caminhos de José Vecchio apontam para essa realidade, para que houvessem as divergências, mas principalmente constituição a partir dos mesmos interesses e ideais.

Ainda sobre essas questões de classes conscientes, é interessante destacar Edward P. Thompson, sobretudo em sua obra *As Peculiaridades dos ingleses e outros artigos*, na qual o autor desenvolve uma crítica à ideia de que os trabalhadores manteriam sua luta de forma estrutural, ou seja, estática. Essa concepção vinha, em sua maioria, de pesquisadores marxistas. Contrariando essa posição, Thompson apresenta apontamentos significativos, que mudaram os rumos da historiografia sobre o mundo do trabalho. E, ainda sobre as perspectivas de Thompson, entendo Vecchio como um militante que se aproxima da “minoria de linguagem articulada” (Thompson, p.57. 1987), que foi “porta voz” de sua categoria em alguns momentos chaves da sua história de luta.

Na sua concepção, as movimentações de classe seriam constantes. Desse modo, a partir das suas experiências vividas, eles não seriam estáticos e nem haveria uma fórmula exata de luta; cada grupo ou indivíduo, com base no que viveu, enfrentaria as adversidades de formas diferentes. Nesse sentido,

> Classe é uma formação social e cultural (frequentemente adquirindo expressão institucional) que não pode ser definida abstrata ou isoladamente, mas apenas em termos de relação com outras classes; e, em última análise, a definição só pode ser feita através do tempo, isto é, ação, reação, mudança e conflito. Quando falamos de uma classe, estamos pensando em um corpo de pessoas, definido sem

> grande precisão, compartilhando a mesma categoria de interesses, experiências sociais, tradição e sistemas de valores, que tem disposição para se comportar como classe, para definir, a si próprio em suas ações e em sua consciência em relação a outros grupos de pessoas, em termos classistas. Mas classe, mesmo, não é uma coisa, é um acontecimento. (THOMPSON, 1998a, p. 102)

Essas concepções feitas por Thompson contribuem para a presente pesquisa no que diz respeito a compreender as ações do coletivo, bem como de Vecchio para com esse mesmo conjunto. Como ele mesmo assinala, a classe se dá a partir de uma formação social e cultural, e, dentro da realidade de José Vecchio, esses pontos se interligam. Por um lado, as mudanças políticas que vão ocorrer nos primeiros 30 anos do século XX, a partir do dia a dia porto-alegrense em que a trajetória de Vecchio vai se fazer presente, vai contribuir para que os grupos operários de diferentes categorias constituam uma consciência da realidade, façam um enfrentamento e se articulem em organizações e federações que vão criar instrumentos, até mesmo no âmbito cultural, no enfrentamento aos aparelhos repressivos.

Ainda sobre as perspectivas do mesmo autor, vale destacar que, para ele, a classe trabalhadora não pode ser elencada dentro de apenas um modo estrutural e econômico. Ainda sendo importante colocar esses indivíduos como agentes principais desses conflitos, com base na presente pesquisa, isso se dava frente aos empresários e às repressões dos diferentes governos que passaram ao longo do período aqui retratado. De modo geral colocar esses operários como protagonistas, e não como coadjuvantes.[1]

Seguindo essas condições, é relevante a abordagem de Ângela de Castro Gomes, que inclui aspectos relevantes sobre desdobramentos e conflitos no período abordado. No seu trabalho *A Invenção do Trabalhismo*, em que a autora aponta conceitos sobre as condições, lutas e organização dos trabalhadores, em períodos anteriores a 1930 e posteriores, ela busca fazer uma relação com as mudanças ocorridas após a criação do Estado Novo.

Seguindo esse debate da consciência dos trabalhadores, é necessário ressaltar essas questões sobre os usos dessas classes por parte de Getúlio. A historiografia, por muito tempo, considerou a classe trabalhadora como uma

[1] SILVA, Sergio. Thompson, Marx, os marxistas e os outros. In: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). **As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos**. 2012. p. 59-74.

massa amorfa, que apenas recebia as mudanças e não agia e nem se manifestava em prol dos seus direitos. Essa colocação aos poucos é mudada em virtude de um debate mais aprofundado que percebe os trabalhadores como um grupo que luta à sua maneira e usa das possibilidades que se apresentam como uma via de enfrentamento. Algumas pontuações da autora Ângela de Castro Gomes constroem essa nova forma de pensar nas relações. Segundo ela,

> Atribuir aos trabalhadores um papel ativo, vale dizer, uma presença constante na interlocução com o Estado, significava reconhecer um diálogo entre atores com recursos de poder diferenciados, mas igualmente capazes de se apropriar e reler as propostas político-ideológicas um do outro. Tal postura afastava a dicotomia, muito vigente, entre autonomia e heteronomia da classe, como forma de designar e explicar a ausência de lideranças "verdadeiras" e a "falta de consciência" ou a "consciência possível". (GOMES, 1996, p.14)

Dentro desse contexto, a autora ainda aponta a relação dos trabalhadores com o governo, e que essa se dava de modo a construir trocas. E isso se dava nos momentos em que o governo concedia benefícios e direitos, e os operários davam de volta o apoio às decisões governamentais, ainda que como será destacado mais a frente nessa pesquisa. As pressões e impedimentos do Estado se mantinham, e, nesse caso, os trabalhadores precisavam se articular para buscar mais espaços onde pudessem se organizar.

Uma outra situação importante, e que corresponde à realidade de José Vecchio, é a de sua participação no campo político. E, nesse caso, a análise se coloca com uma grande importância, pois a formação da sigla petebista gaúcha vai se dar com a base sindicalista, fato esse que vai dar uma característica única à organização, pois esse grupo vai usar desse novo campo para almejar novos interesses e, em alguns casos, não somente de cunho coletivo como individual. Ainda vale ressaltar que, ao passar dos primeiros anos de liderança sindicalista no partido, com José Vecchio na direção, outras frentes vão compor a sigla, pertencentes da elite política, e, com isso, os conflitos internos vão se tornar frequentes.

Em correlação a esses apontamentos é relevante destacar uma passagem de Pierre Bordieu, onde ele destaca que,

> Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a

> associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. (BOURDIEU, 2006, p.189-190)

Nesse trecho ele aponta a importância da subjetividade do sujeito, e a realidade que o cerca, esses dois pontos são extremamente decisivos na pesquisa de uma trajetória. Seguindo esses destaques feitos pelo autor, o conjunto de acontecimentos e mudanças ocorridas na sociedade vão se relacionar com a figura de José Vecchio, construindo assim uma conjuntura onde há troca entre o sujeito e o meio.

Seguindo os desdobramentos sobre a trajetória, o autor Pierre Bourdieu (1989), que vai apresentar em um momento anterior alguns pontos sobre as relações dentro desse campo político, que vai ser um arranjo crucial na vida de Vecchio. O autor, então, apresenta que esse campo vai fazer sentido em todo o seu conjunto, se for analisado por meio das relações, através do jogo das oposições e das distinções. Ainda na sequência, ele salienta que é no interior dos partidos com os interesses e principalmente em relação aos mandantes dessas organizações, que vai ser possível ver as oposições internas.

De modo geral nas suas palavras,

> (...) a própria ambiguidade da luta política, esse combate por “ideias” e “ideais” que é ao mesmo tempo em combate por poderes e, quer se queira quer não, por privilégios, está na origem da contradição que absídia todos os empreendimentos políticos ordenados com vista à subversão da ordem estabelecida. (BOURDIEU,1989, p.202)

Esse trecho reafirma as condições de um jogo político que vai constituir, em seu interior, interesses variados, desde aspectos coletivos até individuais. Mas principalmente, nesse interior, a luta pelo poder vai ser realçada, e, ao pegar o exemplo da trajetória de José Vecchio, os grupos que se relacionavam ou faziam parte do círculo político de Vargas não viam com bons olhos trabalhadores como líderes de um partido, principalmente pelos interesses entrarem em conflito, e assim o uso de variadas ferramentas foram essenciais para conquistar mais espaços e retirar grupos considerados de oposição.

Dentro desse conjunto, os aspectos da obra de Jacques Revel, vão nortear o contexto que permeava a vida de Vecchio, então para Revel (1996,

p.28), o uso de análises em escalas contribui para a compreensão desenvolvimentos de nível estadual a global, a exemplo de um indivíduo estudado que se relaciona com os contextos, pois, “o que a experiência de um indivíduo, grupo, de um espaço permite perceber é uma modulação particular da história global”. Esses fatores vão de encontro com as posições destacadas por Bourdieu dessa relação do meio com o indivíduo, além de trazer importantes perspectivas sobre o jogo de escalas a partir de sujeitos dentro da sociedade, posiçõesessas que irão auxiliar os desdobramentos sobre as vivências de José Vecchio.

Para o desenvolvimento desse trabalho em conjunto com os pontos relatados até esse momento, é importante destacar as fontes que compõem e ampliam os debates. Um dos principais documentos é o depoimento dado por José Vecchio, em 1986, para o CPDOC da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Nessa longa narrativa, Vecchio descreve vários momentos da sua vida, com enfoque na trajetória política, além de ser uma relevante fonte para compreender lacunas, onde não há outro tipo de documentação.

Um segundo conjunto de fontes diz respeito a uma sequência de noticiários presentes em periódicos no acervo da Biblioteca Nacional. Esse conjunto permeia os anos de 1930 a 1950, porém com maior destaque para as suas ações políticas. Esse período vai abarcar os primeiros momentos e mudanças no sindicalismo que Vecchio estava inserido, indo até as organizações partidárias a partir dos anos 40.

Outras importantes fontes que contribuem com a pesquisa são correspondências trocadas entre José Vecchio e Vargas, nas quais o principal assunto eram decisões da sigla do PTB gaúcho. Esses documentos fazem parte do acervo Getúlio Vargas disponíveis no CPDOC. Esses recortes vão apresentar componentes que mostram contatos com Vargas com Vecchio, além de indicações de nomes para as primeiras eleições que iriam ocorrer nos anos de 1946.

Outro relevante acervo é o da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, que apresenta várias atas de sessões de plenária correspondente aos anos de 1957 a 1960, período em que Vecchio desempenhou as funções de deputado. Essa documentação vai ajudar a

demonstrar os modos e ações que Vecchio vai tomar ocupando um cargo político e levando seus ideais de militância até a bancada da Assembleia.

A última fonte analisada são as entrevistas feitas com seus dois filhos Miguelina Vecchio e José Vecchio Filho, nas quais ambos vão narrar suas lembranças sobre a trajetória de Vecchio, e o quão representativa foi a militância dele de modo geral, além do quanto ele influenciou a ambos. Essa fonte vai se apresentar como essencial, visto que, as questões que cercam o debate das fontes orais dialogam com os conceitos de identidade e memória já que a partir da oralidade é possível perceber as percepções do indivíduo, ou de grupos sobre as suas vivências, bem como de pessoas próximas ampliando assim o campo de visão. Sobre seu uso, a autora Verena Alberti (2005, p.165) salienta: “Em linhas gerais, essa combinação significa o seguinte: entender como pessoas e grupos experimentaram o passado torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas.”.

A partir dos pontos anteriormente expostos, é importante destacar, as estruturas que serão desenvolvidas em três capítulos, a forma como a trajetória de José Vecchio vai percorrer do início do século XIX até a década de 50. Esse recorte foi feito, visto o tempo para o desenvolvimento da pesquisa, assim como as dificuldades encontradas durante a pandemia do coronavírus, além de buscar nortear os objetivos a partir dos seus movimentos sindicais e políticos.

No primeiro capítulo, intitulado *Os cenários político-sociais da Primeira República e Estado Novo no ambiente operário*, o intuito é visualizar o cenário brasileiro, mas principalmente o gaúcho, com as mudanças políticas que foram ponto central das modificações das questões sociais e econômicas que atingiam diretamente o ambiente operário. Um outro ponto a ser observado dentro desse panorama diz respeito ao desenvolvimento de organizações operárias que tiveram grande participação nas lutas operárias na primeira parte do século XX dentro da capital gaúcha. Ainda nesses desdobramentos, destacar a relevância da Forgs (Federação Operária do Rio Grande do Sul), que, além de ser um núcleo de relações com as variadas categorias, foi responsável pelas disputas de vertentes políticas, como o socialismo e o anarquismo.

O terceiro ponto é não menos importante. Visa pontuar as questões envolvendo a virada dos anos 20 para os 30. Nesse período, vai despontar a figura de Getúlio Vargas, que vai colocar em prática legislações que vão atingir diretamente os trabalhadores, e, com a própria mudança na sindicalização,

coletivos operários vão se articular para pleitear maiores direitos, e vai ser nesse momento que vai começar a despontar a liderança de Vecchio.

O segundo capítulo, intitulado *A Trajetória de José Vecchio, um militante na meia metade do século,* tem por objetivo discorrer pela trajetória de Vecchio, norteando os aspectos que marcaram e foram determinantes para a sua militância. Em um primeiro momento, a intenção é destacar os primeiros anos da sua vida até o começo das suas atividades dentro da companhia de bondes da capital. Na passagem da infância para a juventude, acaba tendo que trabalhar pelas condições que se apresentavam na sociedade e pelas condições familiares, e foi boa parte das situações desse momento e das experiências como motorneiro que marcaram sua trajetória.

Em um segundo momento, o intuito é apresentar os desdobramentos que os governos de Vargas tiveram no cotidiano dos trabalhadores. Nessa condição, a formação das entidades sindicais será essencial para um novo passo nos aspectos de liderança de Vecchio, além de relações com vertentes como o comunismo e as contradições existentes, ainda sendo importante ressaltar as variações de um apoio e enfrentamento aos modos repressivos do Estado.

O terceiro ponto a ser trabalhado dá conta de analisar um novo momento na vida de José Vecchio e do coletivo que o cercava. Nesse momento, um novo campo se destaca como meio de luta: as formações partidárias na metade de 1940, que vão representar um cenário de maiores possibilidades para esses trabalhadores, além de conflitos com lideranças da elite que disputavam o poder e não aceitavam sindicalistas administrando o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro).

No terceiro e último capítulo, intitulado *Olhando para trás a representação da trajetória de José Vecchio*, o objetivo é destacar a trajetória a partir de dois principais primas: sua relação no ambiente familiar. A partir da memória de Miguelina Vecchio e José Vecchio Filho, o intuito é compreender até que ponto sua militância era ligada à sua vida pessoal e o quanto isso influenciou a trajetória de vida de ambos. O segundo ponto da conta da forma como Vecchio compreendia suas tomadas de decisão, como suas memórias viam esses acontecimentos e as contradições existentes quanto aos momentos em que desempenhou uma liderança e as relações com demais trabalhadores.

Capítulo 1. Os cenários político-sociais da Primeira República e Estado Novo no ambiente operário

O presente capítulo tem como objetivo visualizar os principais componentes que desempenharam o papel de formadores da classe trabalhadora no Brasil entre o final do século XIX e início do XX. Esse contexto focaliza principalmente o ambiente gaúcho, que norteia a rotina de José Vecchio, indivíduo analisado ao longo desse trabalho.

As condições econômicas e políticas trouxeram algumas mudanças para a estrutura do país, porém é necessário salientar que essas modificações não foram profundas nesses primeiros momentos. Sobre o aspecto político, há uma ruptura do sistema monárquico e a entrada de um novo modelo, no qual a burguesia agrária do país foi se consolidando, em paralelo ao exército com maior participação política. Ao passo que as mudanças econômicas se aplicavam à exportação dos produtos e aos primeiros passos de uma industrialização, modificando assim as ideias de acumulação do capital, esses aspectos se refletiam no sul do país. As alterações ocorriam, desse modo, de maneira ampla.

Nesse cenário, os trabalhadores eram o grupo que mais sofria. Se, por um momento, essa cisão ocorrida levou a certa esperança de uma melhora nos direitos sociais, a realidade se mostrou diferente. Os operários, nesse contexto, sofriam com uma grande repressão do Estado e do patronato, e, com esses desdobramentos, as organizações foram se estruturando e estabelecendo as características da luta trabalhista, que norteará os governos varguistas a partir de 1930, além de influenciar as conjunturas políticas a partir de 1945, com a crise do Estado Novo.

1.1. Os reflexos políticos e econômicos

Referente a esse cenário:

> A expectativa positiva com o novo regime foi seguida de uma igualmente grande desilusão, na medida em que este se mostrou incapaz de atender aos anseios da classe operária. Essa desilusão é um tema que aparece repetidas vezes na imprensa operária nos anos que se seguiram ao 15 de novembro de 1889. Muitos dos futuros socialistas, como o gaúcho Francisco Xavier da Costa (Schmidt,2004, pp. 273-274), bem como futuros anarquistas, como os paulistas Benjamim Mota e Edgard Leuenroth (Toledo, 1998, p.102), chegaram a essas concepções conforme viram a República fechar as portas a toda esperança de transformação efetiva. (BATALHA, 2003, p.123)

Essa descrição deixa clara a situação que foi se configurando a partir do final do século XIX. Houve um aspecto positivo para as oligarquias: o aumento da exportação, principalmente no centro do país, com a cafeicultura, e no Rio Grande do Sul, com o crescimento do sistema agroexportador. É necessário destacar ainda que a indústria, nesse momento, já dava sinais de um crescimento.

Porém, as estruturas se formaram e só ampliaram as situações de exclusão, pois, ao se organizarem em busca dos direitos básicos, eram fortemente reprimidas pela polícia, ato esse que se estendeu ao longo de boa parte do século XX. Em meio a essas condições, os trabalhadores iam formando sindicatos e federações, que foram crescendo a partir de 1906 no sul do país.

Dentro desse meio econômico, as zonas cafeeiras levaram demais as regiões a disputarem o fornecimento interno, principalmente da área agrícola. Nesse ambiente, se apresentava um conflito entre o meio rural e os comerciantes pelos lucros. Além disso, a industrialização já se encontrava em crescimento. Nas palavras de Pesavento (1982):

> Com relação ao processo de industrialização, o Rio Grande do Sul apresentava determinadas condições estruturais que lhe permitiam uma arrancada inicial não muito diversa da que ocorria então em São Paulo. A atividade dos comerciantes de origem imigrante permitia uma razoável acumulação de capital; formara-se um mercado regional para manufaturados na zona

> colonial e nos centros urbanos; a agropecuária fornecia matéria-prima, e a mão de obra imigrante que deixava a lavoura colonial em demanda das cidades era da melhor qualidade. (PESAVENTO, 1982, p.74)

Fica claro que os diferentes núcleos da sociedade nesse período se relacionavam e formavam as primeiras estruturas de relação. O sul do país se matinha ainda com a base rural. A industrialização, que se desenvolvia, tinha como componentes os produtos agropecuários, e, como destaca a autora Pesavento, sem uma variedade como os centros do país. E um dos principais arranjos formados foi o do operariado, que começava a surgir nos centros urbanos, dando as características de uma coletividade para enfrentar as dificuldades inseridas pelos governos e da elite, ampliando também as relações entre brasileiros e imigrantes.

A configuração que se deu nesse ambiente levou a uma relação próxima entre esses dois grupos, tanto no campo quanto no cotidiano urbano, com maior intensidade nos centros da cidade. As nacionalidades italianas e alemãs se mostraram presentes em várias regiões do país, tendo sido, inclusive, a maioria na região sul.

Sobre esses apontamentos, vale ressaltar que a intenção é apenas apontar brevemente a configuração desses grupos na cidade de Porto Alegre, a qual a figura de José Vecchio compõe. Para essa visualização, é importante apontar o artigo da autora Constantino (1999), que descreve os fatos diários e como se estabeleceram esses grupos nos principais bairros da cidade. Segundo a pesquisadora, os bairros eram assim dispostos em sua maioria:

> (...) o Bom Fim representa o bairro de Judeus, Cidade Baixa é bairro de italianos, Floresta é aquele de alemães, Navegantes e São João são bairros operários. Os três primeiros concentram representantes de camadas sociais intermediárias; os dois últimos são bairros populares. (DE CONSTANTINO, p.150, 1999)

Essa visualização vai ao encontro do local de moradia de Vecchio, de nacionalidade italiana. Seu nascimento se dá por volta de 1909, porém sua família já se instalava no bairro Cidade Baixa ao final do século XIX. Sua família faria parte desse conjunto com demais grupos, formando o operariado porto alegrense. Ainda é importante destacar que ao, passar dos seguintes anos, outras etnias

começaram a fazer parte dessa formação, ainda que não em peso como italianos e alemães.

Como uma das principais motivações, essa industrialização vai levar a uma grande presença dentro das cidades em busca de melhores condições de vida. Em outro ponto do seu texto, de forma sucinta, Constantino salienta:

> Analisando-se espaços de imigrantes na cidade, ratifica-se que a imigração é um fenômeno social, mais do que individual. Determinados grupos permanecem articulados em função da vizinhança que, por sua vez, auxilia na rearticulação de relações primárias que compõem o universo de origem. Também em Porto Alegre verifica-se que o imigrante quase nunca é um indivíduo isolado, mas parte de um grupo primário que, dissolvido no outro lado do oceano, de alguma forma se reorganiza também pela ocupação de espaços. (CONSTANTINO, 1999, p.164)

Fica exposto que esses grupos se mantinham de forma coletiva e muito dificilmente existiam de maneira individual. Esses grupos se somaram à luta operária brasileira, constituindo as estruturas do movimento de trabalhadores nesse momento de mudanças econômicas e políticas. Porém, esses imigrantes sofreram com todas as formas de discriminação por parte do Estado e, muitas vezes, do ambiente das fábricas. Todos os fatores de conflito entre diferentes coletivos existentes na sociedade levaram esse período a uma grande instabilidade, durante a qual o operariado precisou se organizar, com toda a repressão violenta, para conquistar seus direitos básicos dentro da sociedade.

Em meio a essas modificações econômicas, se alterava o aspecto político no Rio Grande. Os conflitos entre federalistas e republicanos se deram ao longo de todo esse período. Em um primeiro momento, e com grande maioria no estado, o Partido Liberal (PL), que tinha em sua base os pecuaristas, buscava uma articulação com a estrutura federal. Essas condições davam a noção de um estado com grande dependência do âmbito federal.

Esse conflito vai gerar as bases para um embate com outros setores dentro do estado que discordavam desse modelo de relação. Formou-se, com esse descontentamento, o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), um partido de nível estadual, que se organizou em enfrentamento à imposição dos liberais.

> A base social do PRR foi constituída por elementos do latifúndio pecuarista (ala jovem do Partido Liberal ou conservadores),

> descontentes com o regime, em associação com setores médios urbanos. Se comparado com o Partido Liberal, o novo partido realizou um alarga mento social da sua base política. Preocupou-se em incorporar setores do colonato italiano e cooptar aqueles elementos egressos do complexo colonial que enriqueciam: comerciantes e industriais. Por outro lado, o PRR foi capaz de realizar uma união vantajosa com o exército. (PESAVENTO, 1982, p.65-66)

Fica bem clara a presença de diferentes grupos da sociedade, e esse fator levou o partido a se expandir, além da sua aproximação do exército, que vai estabelecer uma imposição no jogo de embates. É necessário fazer um adendo: esses primeiros antagonismos vão se somar às divergências entre os principais estados que monopolizam a economia e que serão sentidos em várias esferas, principalmente a política.

Mais à frente, essas disputas políticas vão se ampliar com os conflitos oligárquicos, principalmente com a eleição em 1922. A imposição de São Paulo e Minas Gerais, no que diz respeito ao modo econômico, também se fazia sentir nas condições políticas, o que ampliou ainda mais a oposição de várias outras regiões oligárquicas, com destaque para a gaúcha. Ainda sobre essas condições,

> A resistência dos estados do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul e do Distrito Federal não era um fenômeno novo, pois em várias ocasiões pôde-se detectar uma busca de articulação entre essas oligarquias estaduais com o objetivo de aumentar seu poder de negociação ante os estados de Minas e São Paulo. O movimento de 1922 foi um momento expressivo dessa luta. Não devem ser esquecidas, entretanto, as formas de articulação buscadas pelos integrantes da Reação Republicana com os setores urbanos, em especial do Distrito Federal, e com os militares. (FERREIRA; SÁ PINTO, 2003, p. 312)

Esse primeiro grande acontecimento marcou as disputas ao longo dos anos seguintes. As condições foram se tornando cada vez mais acirradas, criando margens para a Revolução de 1930. Especificamente na região sul, essas articulações deram o poder ao PRR, sob a figura de Borges de Medeiros. Já no ano seguinte, ocorre a grande disputa entre republicanos e federalistas, de um lado Borges de Medeiros, que já levava a discordância de vários setores da sociedade, e de um outro lado o grupo formado por Assis Brasil.

O grande conflito se dá com a reeleição de Borges de Medeiros em 1923, considerada pela oposição uma fraude. Esse embate se mostrou desfavorável desde os primeiros momentos, como indica essa passagem[2]:

> A correlação de forças, no entanto, se mostrou desde o início desfavorável aos rebeldes: enquanto Borges conseguiu mobilizar cerca de 12 mil homens junto aos efetivos da Brigada Militar e dos corpos provisórios – tropas irregulares, legalistas, compostas por civis –, os rebeldes só conseguiram arregimentar a metade desse número. Para fazer frente a essa desproporção, os rebeldes foram obrigados a adotar uma estratégia específica, fragmentando as tropas e comandos. (MOREIRA, 2010, p.6)

Os passos seguintes levaram a uma aparência de paz entre ambos os lados, mas, de certo modo, a desmobilização dos rebeldes federalistas levou ao apaziguamento da situação. Esse panorama se tornou parte do movimento tenentista, que ocorria em várias regiões do país. Essa atividade teve em sua base a presença de figuras que não faziam parte do alto escalão do exército, em um enfrentamento aos grupos oligárquicos, considerados o grande problema da sociedade. O desenvolvimento tenentista cresceu ao ponto de aproximar outros setores da sociedade, até mesmo parte do operariado.

Nesse contexto, é importante destacar a presença de José Vecchio e seu pai. Em um de seus relatos, ele descreve que o governo de Borges reprimia fortemente os trabalhadores. Já em outro momento, ele frisa que seu pai apoiava os maragatos (como eram chamados os adeptos do Partido Federalista), em virtude das repressões existentes durante os anos de 1920. Essas ponderações vão de encontro às situações que se sucederam, ao longo do período borgista, como no confronto em 23.

Com esse conjunto político formado ao longo desse período republicano, vale citar a presença de alguns grupos operários. Desde o final do século XIX, alguns partidos de cunho operário surgiram, dentro da linha socialista, porém nos primeiros anos de 1900, alguns nomes começam a se aproximar dessas principais siglas (PL e PRR), em alguns casos relacionados a cargos, em outros, na intenção de disputar eleições. Esses casos levaram algumas lideranças a sofrerem desprestígio frente aos trabalhadores, além de um aumento do conflito

[2]MOREIRA, R. L. Revolução Gaúcha de 1923. In: ABREU, Alzira Alves de *et al* (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

com os movimentos anarquistas, que já consideravam o envolvimento no campo político algo que prejudicaria o operariado.

É notado que, nesse momento, as relações iam se aprofundando, com a inserção dos trabalhadores, ou parte do movimento socialista, que começavam a participar das atividades partidárias do período. Porém, essa relação se apresentava conflituosa com essa ligação aos setores da elite da sociedade. E essa condição trazia o conflito já nos primeiros momentos da organização operária gaúcha.

1.2 Articulações Operárias

Entre o final do século XIX e início do XX, as movimentações por melhores condições se mantinham em pequenos grupos, e com pouca participação dos trabalhadores. Essas organizações se apresentavam a partir de identificação por categoria, enquanto outras abarcavam alguns trabalhadores de várias atividades. Nesse período, também é importante citar as formações de partidos, entre 1890 e 1897. Porém, as configurações davam conta de uma grande influência de partidos burgueses no seu interior.

> O surgimento de “partidos operários” também implica examinar, ainda que no limite dos escassos dados obtidos, o envolvimento destes primeiros militantes com a política dos grandes partidos do Rio Grande do Sul, na época, o Partido Republicano Rio-Grandense (situacionista) e o Partido Federalista (de oposição), pois é fácil imaginar que eles, recém-experimentando a política partidária como um campo de luta por direitos, tivessem sido alvo de alguma forma de cooptação por parte daqueles partidos. (PETERSEN, 2001, p.88)

Esses aspectos demonstram que esse período foi de várias situações e experiências por parte das militâncias, porém as forças de uma burguesia já estabelecida levaram a uma grande dificuldade de ampliação das lutas. O desenvolvimento desses partidos teve como base a influência socialista que já se estabelecia no estado ao longo desses primeiros momentos. Somente alguns anos depois, a participação de ideias anarquistas começa a ganhar destaque, e as discordâncias de conceitos entre ambos vão se desenrolar até meados de 1920.

As disputas entre ambos os grupos têm seu ponto mais alto com a formação da FORGS, que ocorreu após uma longa greve em 1906. Ambos, ainda

que disputassem seus pontos de vista, defendiam a construção de uma resistência frente às difíceis condições que o operariado sofria por parte do Estado e dos donos dos meios de produção. A autora Silvia Petersen aponta, em seu trabalho, que, nesse caso, a Federação aparece “quase simultaneamente ao surgimento das primeiras associações operárias gaúchas no final do século XIX” (PERTERSEN, 2001, p.203).

A FORGS, em seus primeiros passos, reuniu várias associações de diferentes categorias. Essas condições formaram as bases iniciais das articulações. Os anos seguintes se mantiveram com a disputa entre socialistas e anarquistas. Enquanto os primeiros se mantinham ligados às situações partidárias, os segundos lideravam a organização. Esses desdobramentos se desenvolveram ao longo de vários anos, e, ainda que ambos tivessem ideais diferentes, buscavam por ideais conflitantes à luta dos trabalhadores pela conquista de condições dignas de vida.

É relevante destacar que, em meio a essas estruturas, os operários formavam mobilizações de forma direta referente à sua atividade, mas também de modo mais amplo, com conjuntos de variadas categorias. A federação se destaca por ser um dos principais vínculos dessas formações, mas variadas greves, a partir de 1906, se deram em muitos casos a partir de uma categoria, e esse fator levou outros grupos a se articularem.

Esses movimentos grevistas se apresentavam pelas formas com que os operários sofriam no dia-a-dia. Eram impostas a esses trabalhadores várias formas de exploração, com horas trabalhadas que ultrapassavam 12h/dia, além dos salários baixos, entre outras formas precárias de vida dentro da sociedade, como visto:

> (...) reclamações sobre as condições de trabalho, atrasos no pagamento ou maus tratos sofridos eram respondidos com a dispensa sumária do trabalho ou com a recomendação de que se as condições não agradavam, fosse o trabalhador procurar outro emprego (Gazetinha, 6 jun.1897). Não menos frequentes eram os casos em que os mestres agrediam os operários fisicamente (7 mar. 1897). Causava revolta no meio operário incidentes como o que envolvera o mestre de oficinas de uma fábrica, "escravocrata grosseiro" (Echo Operário, 26 set. 1897), que agredira um velho operário a bofetadas e que também afrontava os demais ao fumar nas oficinas, o que era expressamente proibido segundo o regulamento da empresa. (PESAVENTO, 1994, p.59)

Os destaques feitos pela autora deixam mais clara a ideia de que os modos de vida operária eram totalmente insalubres. Vale ressaltar que, nessas relações, havia a presença de crianças em diversas atividades, e, nesse contexto, havia a figura de José Vecchio, o qual, até meados de 1920, tinha apenas 11 anos. Durante esse período, Vecchio desempenhou funções em açougues, floriculturas e uma fábrica de vidros, o que o levou a ficar doente por entrar em contato com produtos tóxicos. Isso mostra quão perigosos eram os ambientes laborais, e isso se intensificava com a presença de menores de idades nesses setores. No caso de Vecchio, o que o levou a buscar emprego foi, de certo modo, a ida de seu pai para a Primeira Guerra, ficando para trás apenas ele, sua irmã e sua mãe, sobre seus ombros a responsabilidade de ajudar com as despesas em casa; acrescido a isso os preços e dificuldades econômicas existentes naquele período.

Ainda nesse contexto, vale relatar que era constante a presença de outros familiares no mesmo local de trabalho, e um dos grandes motivos nesse sentido vinha dos baixos salários. E a iniciação de Vecchio às atividades dos bondes da capital se deu pela presença do seu pai nesse local. Se, por um lado, a justificativa se dava possivelmente pelas motivações econômicas, segundo o próprio José Vecchio, ele tinha o interesse de aprender uma função.

O contexto externo e interno da guerra e da gripe espanhola ampliou ainda mais os efeitos reversos no ambiente proletário. Os anos a partir de 1917 significaram um longo período de intensificação grevista, visto que a situação instalada ao longo da República se tornava cada vez mais nociva aos trabalhadores. E, sobre as coordenações desse movimento que se expandia no país inteiro, Marcelo Mattos Badaró (2009) destaca:

> Nas greves, percebemos melhor os métodos utilizados pelos operários para pressionar o patronato, bem como as estratégias de mobilização e conscientização aplicadas pelas lideranças. Para estas, em especial as anarquistas, as greves poderiam ter um sentido revolucionário. Porém, em muitos casos, os movimentos não se resumiam ao horizonte das lideranças, surgindo às vezes de forma “espontânea” (no sentido de não convocados por organizações sindicais) e assumindo o formato de grandes protestos coletivos, próximos aos levantes da multidão urbana descritos anteriormente. (MATTOS, 2009, p. 53)

O relato feito pelo autor levanta um aspecto importante das mobilizações, pois havia uma grande presença de movimentos socialistas e anarquistas, que davam uma grande representação à organização das greves. Porém, esse fato

não modificava a existência autônoma de articulação, o que representa uma construção de uma identidade operária, que atuava independentemente da existência de grandes estruturas políticas ou participação de tendências.

Um destaque de movimento grevista no Rio Grande foi da Companhia Força e Luz, que era a principal responsável pela distribuição dos bondes e da energia na cidade. Esse acontecimento foi totalmente importante pois incidiu diretamente no cotidiano da cidade. Foram setores dentro da Cia que aderiam à greve, e, por se darem em conjunto com outras categorias que iam se articulando, o movimento foi se tornando mais forte. Os acontecimentos destacados se deram entre os anos de 1918 e 1919. Nesse caso, ainda não é possível visualizar a presença de Vecchio, porém, a partir dos anos 20, seus relatos deixam expostas suas vivências nesse meio.

Partindo dessas vivências, é importante destacar a construção de uma identidade operária. Ao longo desse período, alegorias, características, e representações levaram os trabalhadores a construírem essas homogeneidades do coletivo. Outro meio, que teve grande relevância para essa constituição, se deu com os periódicos, que eram criados por grupos sindicais, e se tornavam grandes meios de informação entre o operariado, além de manifestações culturais. Os fatores tornavam possível uma consciência de classe se formando nesse momento.

Sobre essa condição vale apontar a análise de Thompson:

> (...) para mim as pessoas se veem numa sociedade estruturada de um certo modo (por meio de relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre explorados), identificam os nós dos interesses antagônicos, debatem-se em torno desses mesmos nós e, no curso de tal processo de luta, descobrem a si mesmas como uma classe, vindo, pois, a fazer a descoberta de sua consciência de classe. (THOMPSON, 2001, p.274)

Ainda sobre esses fatores:

> A valorização do trabalho e do trabalhador era, para os primeiros militantes operários, um pré-requisito para que se identificassem como classe e pudessem, então, agir coletivamente por meio de suas organizações sindicais. (MATTOS, 2009, p.35)

Os conceitos destacados ajudam a visualizar a sociedade que ia se estruturando ao longo do período republicano. As pressões vindas do campo burguês e a falta de apoio por parte do Estado levavam os trabalhadores a se organizarem de maneira coletiva, com intuito de conquistarem um cenário mais favorável. Esses cenários levavam esse operariado a tomar a consciência do campo onde estavam, compreendendo o conjunto oposto que era a elite.

O cotidiano das cidades também contribuiu para as transformações das relações de trabalho. Nesse ambiente, há uma variada presença de hierarquias e, sobretudo nesse contexto republicano, com o Estado intermediando, porém, em muitos casos favorecendo o patronato e, com isso, o operariado sofria as variadas formas de pressões e restrições contrárias às mobilizações.

Como apontado antes, o movimento crescente da industrialização levou a um aumento do meio urbano e, com isso, as individualidades vindas de variadas condições começaram a dar os contornos dessas identidades coletivas no seio do ambiente fabril. Sobre a constituição de grupos dentro desse dia-a-dia, é importante apontar que

> (...) nem todo grupo apresenta uma hierarquia fixa e específica de valores; no mais das vezes, a única coisa que se choca com as normas do grupo é a violação dos interesses do grupo; fora isso, existem no grupo "éticas" plenamente pluralistas e contraditórias. Os alunos da seção a tem de ser incondicionalmente solidários em suas ações diante dos alunos da classe b; mas nem sequer nesse caso o grupo se torna comunidade, salvo se dispuser de um sistema de normas relativamente concreto e válido para todos os seus membros. (HELLER, 2008, p.67)

Os aspectos apontados pela autora trazem a perspectiva de que os grupos que se formavam dentro de uma sociedade eram heterogêneos, pois se estruturavam com experiências individuais e com variados interesses. Ainda é importante pontuar que questões étnicas e de gênero também se faziam presentes nesses conjuntos, e esses diferentes tipos de ideias e contradições ampliavam as formas de mobilização e os aproximava pelos interesses que partilhavam. Em acréscimo a isso:

> Também enquanto indivíduo, portanto, é o homem um ser genérico, já que é produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano; mas o representante do humano-genérico não é jamais um homem sozinho, mas sempre a integração (tribo, demos, estamento, classe, nação, humanidade) – bem como, frequentemente, várias integrações – cuja parte consciente é o homem e na qual se forma sua "consciência de nós". (HELLER, 2008, p.21)

Fica exposto que o indivíduo se constitui a partir de uma integração ao ambiente e em conjunto com as demais pessoas que o cercam. Com o destaque apontado anteriormente, a urbanização dentro da região sul, mais especificamente em Porto Alegre, dava contornos de divisões de regiões, dos quais as áreas mais pobres e operárias da cidade se mantinham próximas, auxiliando assim as relações e a formação de associações.

Sobre as organizações sindicais, o autor Cláudio Batalha (2000) destaca duas concepções sobre o sindicalismo a partir dos primeiros anos do século XX. Para ele, em um grupo, os sindicatos seriam de ação direta, também chamado de revolucionário, que se baseava no enfrentamento ao patronato, sem hierarquias nas direções das organizações, defesa da greve como principal forma de luta, além de recusar conquistas que não fossem completas. Do outro lado, havia o sindicato reformista, que não se manifestava de modo homogêneo, e, em muitos dos casos, essas organizações tinham diferentes matrizes, como positivistas, republicanos, entre outros.

Os aspectos levantados pelo autor destacam as influências que cercavam o ambiente operário. Como citado anteriormente, na região sul, alguns nomes do movimento socialista entravam em contato direto com os partidos da elite e, por outro lado, os setores anarquistas se viam na ideia de luta revolucionária, colocando a participação em partidos por parte de trabalhadores como uma condição que prejudicaria a organização operária.

A constituição dessa classe, seja ela formada por matrizes anarquistas, socialistas ou, a partir de 1920, com as tendências comunistas, ou até mesmo de maneiras autônomas, deram as bases para a coletividade e a luta construída durante a Primeira República, mas que influenciaram as noções dos trabalhadores para o período varguista.

Na sequência dos movimentos grevistas, a partir de 1920, o número de greves se ampliam, em grande parte pela insatisfação pelo grande aumento do desemprego, além de aumento e falta de produtos, ou seja, as condições que já eram difíceis se tornaram ainda piores. Nesse período, as organizações aparecem um pouco distantes da atividade grevista e, nesse ambiente de disputas, o

governo de Borges de Medeiros despontava com amplo enfrentamento aos trabalhadores. Sobre esse fato, o autor Alexandre Fortes salienta:

> As oscilações da ação e do discurso do governo gaúcho diante do movimento operário na Primeira República tem sido objeto de debate historiográfico. Aqueles que acentuam o caráter progressista da postura de mediação assumida na greve 1917, como Bodea, tendem a ver no borgismo o embrião do varguismo. (...) As continuidades entre os governos do PRR e a ação nacional de Vargas no pós-30 são entretanto relativizadas por autoras como Pesavento e Petersen. Para a primeira, independente da intervenção pontual de Borges, "prevalecia a negociação privada nas relações entre o capital e o trabalho" e "os empresários podiam recuar das concessões feitas no momento em que quisessem". Portanto, não haveria uma atuação sistemática "pró-operária e trabalhista", e a maleabilidade doutrinária do "comtianismo borgista" em relação ao conflito entre capital e trabalho se inclinaria, na maior parte dos casos, por uma intervenção em favor dos industriais, a partir da solicitação destes. [...] Para questionar a ideia de um posicionamento "avançado" dos gaúchos diante das questões trabalhistas, Pesavento retoma as análises de Castro Gomes sobre a atuação da bancada gaúcha no Congresso Nacional, fortemente controlada por Borges, que foi um dos principais obstáculos à aprovação de uma legislação social nos anos 20. (FORTES, 2001, p.446-447)

As considerações feitas por ele apontam as possibilidades de compreender as condições que o governo borgista dava aos trabalhadores. Ainda que existam debates na historiografia sobre suas reais atitudes, a partir do testemunho de José Vecchio, que será ampliando mais à frente, é possível ver um momento de forte repressão em cima dos trabalhadores. A partir de 1920, o primeiro passo de um movimento comunista vai emergindo, e, mesmo com esses novos fatores, a federação se mantém até final dos anos 20, até as mudanças políticas que ocorreram em 1930. Somente a partir de 1933 que a FORGS retorna, já sob presença da nova legislação, e esse fator levanta dúvidas sobre o seu posicionamento frente às ações varguistas. Como pontua Diorge Konrad (2009) a partir de uma declaração no periódico *A Voz do Trabalhador:*

> O argumento central da FORGS era de que o operariado rio-grandense havia abraçado com real carinho a legislação social, mas o inspetor só fazia "obra de destruição" dos direitos conquistados. O editorial citava os cento e oito processos de reclamações de operários contra os patrões, nos quais foi dado ganho de causa aos proprietários. A orientação patronal da diretoria da IRT, para a FORGS, era a principal causa para a fuga da sindicalização dos trabalhadores gaúchos. O editorial terminava em tom ameaçador: "(...) descanse 's/s.' que o cargo de Inspetor Regional do Trabalho não é perpétuo. (KONRAD, 2009, p.402)

Ainda sobre,

> Apesar da orientação do PCB na direção da FORGS, coincidente com a nova tática comunista no Brasil,14 de atuar dentro das organizações operárias legais, acreditava-se que o Ministério do Trabalho, representado pelo ministro Salgado Filho, pudesse interferir no cumprimento da legislação trabalhista. Pode-se perceber que para a FORGS, nesse momento, a luta sindical e a organização dos seus trabalhadores passavam pelo debate em torno da legislação trabalhista. (KONRAD, 2009, p.403)

Esses aspectos mostram uma FORGS mantendo em sua base as definições de enfrentamento ao estado provisório até aquele momento. É possível observar, do mesmo modo, a influência do PCB[3] (Partido Comunista Brasileiro) na entidade, grupo esse que já se estabelecia com força. Esse fator adicional mostra essas vertentes dentro da organização, algo que já ocorria com socialistas e anarquistas. Porém, para a autora Beatriz Ana Loner (2005), assim como demais organizações das várias categorias, a federação retornou já com a nova legislação. Para ela:

> A década de 30 iniciou com as lideranças sindicais gaúchas, acreditando na política oficial do governo para os trabalhadores e participando ativamente de sua proposta de organização sindical, como ficou evidente na realização do Congresso Operário, em fevereiro de 1933, em Porto Alegre, no qual foi reorganizada a Forgs. (...) A nova Forgs pouco tinha em comum com a entidade homônima da República Velha, pois nasceu de sindicatos que estavam predispostos a aceitar a proposta de sindicalização do governo. (LONER, 2005, p.146)

Esses debates, ainda que divirjam, ajudam a compreender a relevância da federação, a qual, a partir de uma influência estatal, começa a perder sua relevância e sua importância no meio operário. Com a legalização das organizações por categoria, os trabalhadores tinham um novo cenário de luta por mais direitos e manutenção daqueles já conquistados, e, nesse contexto, duas posições se apresentam: a primeira tem relação com a experiência trabalhista ao longo dos anos anteriores. Ainda que formações fossem perdendo força, as vivências de enfrentamento se mantinham em um novo campo, com novas estratégias. O segundo mostra que, ainda com um conjunto de leis que bloqueavam as manifestações, o operariado não se colocava estático à situação

[3] Mais detalhes sobre PCB: SANTANA, Marco Aurélio. **Homens partidos: comunistas e sindicatos no Brasil**. São Paulo, Boitempo Editorial/UFRJ, 2001.

e sim usava das possibilidades para alçar novas perspectivas sociais, a partir de alguns aspectos.

> O primeiro aspecto que se quer assinalar é que as relações de troca econômica podem e devem ser pensadas como mecanismos que se vinculam simbolicamente a um certo modelo de relações sociais e, no caso também políticas. O dado já conhecido e ressaltado é o da existência de relações materiais utilitárias entre o Estado e a classe trabalhadora, sob a forma da produção e do gozo dos benefícios sociais. A questão é entender o tipo de relação social que constrói em conexão com esta relação de troca econômica. Dito de outra forma, a lógica simbólica que preside e dá sentido a tais fluxos materiais e que está presente na ideologia do trabalhismo brasileiro. (GOMES, 2005, p.181)

A abordagem destacada pela autora deixa claro que as relações entre trabalhadores e o Estado eram produções simbólicas. O operariado articulava com as condições que iam surgindo e não apenas recebia as imposições do governo e mantinha-se paralisado. Os movimentos realizados nesse período, seguindo os anos de 30, acabam colocando uma nova visão sobre essa classe, diferente do que a historiografia anterior acreditava.

É importante relatar que as greves que cresceram até meados de 1920 não deixam de se aparecer nos anos seguintes, porém, com o agravamento da crise do final dos anos 20, uma nova onda emerge com força em Porto Alegre. O contexto desse movimento se dava, em grande parte, pela legislação das férias, que não estava sendo colocada em prática; porém outras demandas continuavam sendo ignoradas pelo patronato, e, desse modo as categorias iam se somando ao cenário.

Nesse momento, motorneiros e condutores da Companhia Carris Porto Alegrense saem para o enfrentamento das formas de ação do grupo americano que havia comprado a Cia Força e Luz. Sobre essa situação, José Vecchio destacava que a situação com a presença americana tornava o ambiente extremamente insatisfatório, pois esse grupo, além de, com a ajuda do Estado e da polícia, trazer o aspecto repressivo, segundo ele, chegavam ao ponto de colocar alguns funcionários contra os outros. E, nessas movimentações, o partido comunista já aparece com maior destaque, visto seu crescimento no início dos anos 20, como é visto nessa passagem sobre a greve no Carris.

> (...) a CRT vinha a público para esclarecer que a sua função era de luta econômica e, portanto, não de agitação comunista, embora reconhecesse “o PCB como o único partido que luta pelos

> trabalhadores". Sua versão para a origem do incidente da fundação da união era bastante distinta, alegando a Confederação ter sido convidada por operários da Carris para auxiliar na sua organização (...). A greve, explicava ainda a CRT, fora causada pelas demissões, não por agitação, e deveria ser vista não como uma ação com "o intuito de perturbar a ordem pública", mas como "o uso de um direito de que podem e devem lançar mão os trabalhadores na conquista de suas reivindicações tanto econômicas como políticas". (FORTES, 2001, p. 461)

Em suma, o desenrolar dos acontecimentos entre o final do século XIX e início de XX condicionaram as organizações operárias em lutas ao longo do período republicano e experiência para os trabalhadores a partir de 1930. Os aspectos econômicos, políticos e sociais evidenciados ao longo desse primeiro momento configuraram as bases desse cotidiano que ia se modificando e ampliando a presença de um Estado que valorizava as elites e um patronato que ampliava sua força repressiva apoiado por esses governantes. Com as mudanças ocorridas partir de 1930, algumas bases dessa estrutura se alteraram, porém, os aspectos sociais para os operários ainda tiveram um longo caminho.

Ao apresentar as estruturas operárias, que foram se formando ao longo do início do século XX, incidiram diretamente na formação dos trabalhadores que foram se constituindo já no período republicano. E é nesse momento que a trajetória de José Vecchio vai dar seus primeiros passos. O contexto precário que abarcava o desemprego e aumento nos preços dos alimentos, além do modo repressor do Estado em conjunto com o empresariado vai incidir no sentimento de indignação e luta por direitos em grande parte do coletivo operária.

1.3 Os governos varguistas e as mudanças na sociedade

O final dos anos 20 trouxe consigo várias mudanças nas estruturas da sociedade, como a crise econômica a partir de 1929, mas situações que levaram a esse momento se deram, em grande parte, no contexto de disputas regionais. E essas condições atingiram os trabalhadores. Se, em um primeiro momento, a tomada de poder por Vargas abria uma expectativa no operariado de que a situação existente iria ser modificada, até meados de 1940 essa estrutura pouco se modificou.

Sobre esse fato, a fala de Vecchio expõe que, já ao longo de 1928, com Getúlio como presidente do Estado, eles o viam como uma esperança; porém,

ao tomar o poder em 30 e aplicar novas legislações, para ele nada tendo se modificado de modo real, apenas houve uma amenizada na forma repressiva e algumas atitudes buscavam dividir os trabalhadores e categorias.

Partindo desse marco de 1930, é essencial destacar a grande mudança estrutural ocorrida dentro da sociedade brasileira com a tomada do poder por Getúlio Vargas. Esse momento irá transformar profundamente as questões políticas e sociais. Esses desdobramentos acabam por chegar em todo país, principalmente na região sul, visto que o principal nome nesse período da revolução era Vargas, um dos nomes que, como dito anteriormente, havia se tornado uma figura de melhora na situação operária e social como um todo. Em linhas gerais, esse momento se tratou de um movimento armado, com seus primeiros momentos tendo começado em meados de outubro de 1930, sob a liderança de Vargas e do tenente Góis Monteiro, ambos buscando derrubar o atual presidente Washington Luís e impedir a posse do presidente eleito Júlio Prestes em março do mesmo ano. Ainda sobre essa situação,

> A Revolução de 1930 assumia assim o caráter de um movimento de libertação da trágica experiência liberal da Primeira República. O contexto político em que esse movimento se realizou fora o de uma verdadeira perda de autoridade e de esgotamento de fórmulas de conciliação política. A ameaça de anarquia era profunda, pois a perda do próprio curso da evolução normal do país; como uma perda de suas tradições de ordem, irremediavelmente comprometidas pelo divórcio entre a terra, o homem e as instituições políticas. E a ameaça política imediata, que atualizava para o mundo dos conflitos este divórcio crucial, era o descontentamento popular, materializado na chamada *"questão social"*. (GOMES, 2005, p.193)

Os dois principais grupos que se articulavam contrários à situação que se apresentava eram políticos e o tenentismo, que se apresentam como uma grande força nesse momento. Por um lado, há uma grande ruptura entre os estados de São Paulo e Minas Gerais, que comandavam, em grande parte, a economia do Café com Leite, tendo como principal motivação da indicação de Washington Luís o nome de Júlio Prestes para assumir a Presidência da República, assim aproximando Minas do Rio Grande do Sul, como aponta Ferreira e Sá Pinto (2003, p.403).

> A divergência entre Minas e São Paulo abriu espaço para que outras disputas e pretensões, sufocadas num passado não muito distante, pudessem ressurgir. Nesse contexto, em julho de 1929, contando com o apoio mineiro, foi lançada a candidatura de Getúlio Vargas, ex-ministro da Fazenda de Washington Luís e então governador do Rio Grande do Sul, tendo como vice na chapa dissidente o governador da

> Paraíba, João Pessoa. Estava formada a Aliança Liberal, uma coligação de forças políticas e partidárias pró-Vargas.

As colocações das autoras acima expõem como as situações foram se articulando em meados de 1930, resultando na posse de Vargas. Por um outro lado, o movimento tenentista teve essa nomenclatura por consistir em oficiais de nível intermediário, como capitães e tenentes, e essas articulações ganharam o país em diversos estados, uma vez que levavam a ideia de serem contra as oligarquias que mantinham o poder ao longo do período republicano.

É relevante destacar as condições políticas em um nível local no Rio Grande do Sul, durante esse período, pois havia uma grande complexidade em correlação a esse novo governo central. Esse novo regime vai buscar uma centralização do poder; porém cada região tinha suas características e estruturas que se articulavam e, nessa conjuntura,

> Em contexto de rompimento político entre as oligarquias hegemônicas de São Paulo e Minas Gerais, os gaúchos ao contrário, viviam um momento de pacificação entre chimangos e maragatos, após um passado de revoluções formando-se a Frente Única Gaúcha (FUG), sob a liderança de Getúlio Vargas. A formação da FUG foi determinante, naquele momento, para que o Rio Grande do Sul superasse a divisão interna que existia desde o início da República Velha e que enfraquecia o Estado, *"colocando-o fora das grandes pretensões ao poder central"*. (ABREU, 2007, p. 82)

O contexto que se desenvolveu a partir disso dá conta de disputas ainda mais profundas, como a dissidência dentro dessa frente única. Em grande parte, isso se dava pela condição de conflitos que já se consolidavam ao longo de todo o período republicano. E, com isso, a partir de 1932, Flores da Cunha e Vargas criam o PRL (Partido Republicano Liberal). Enquanto isso, a FUG, que tinha como um de seus criadores Getúlio, se tornou um grupo oposicionista aos governos estadual e federal.

Nos anos seguintes, as configurações iam sendo modificadas com o contexto das disputas da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e da Aliança Integralista Brasileira (AIB)[4] a partir de 1935. O autor Luciano Aronne (2007)

[4] Sobre esses movimentos: VIANNA, Marly de A. G. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: DELGADO, Lucília de Almeida; FERREIRA, Jorge (org**). O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 63-106.

destaca em seu trabalho que, com a aprovação da Lei de Segurança Nacional, houve uma rejeição dos polos políticos no Sul, e esse fator se tornou tão impactante que levou FUG e PRL a se aproximarem e se tornarem oposição ao governo federal. O conflito levou a um embate direto entre Flores da Cunha e Getúlio Vargas, levando, desse modo, à saída do interventor, retornando em 1937, porém, com o golpe do Estado Novo, Vargas nomeia Daltro Filho ao cargo.

O conflito entre estados e o governo central foi se mantendo ao longo desse período, dando continuidade às estruturas formadas com a Primeira República. Ainda que houvesse mudanças nesses primeiros anos de 1930, como articulações e aproximações regionais com o aspecto federal, o resultado do golpe de Estado de 1937 deixou exposto que essas modificações eram instáveis, já que esses grupos buscavam uma maior autonomia econômica, mantendo os polos oligárquicos.

Ao ser constituído o governo estado-novista, várias estruturas foram modificadas. Uma das mudanças foi a extinção de partidos políticos que tinham tido sua existência aprovada com a Constituição de 1934[5]. Nesse cenário, foram aprovadas diversas outras condições, como o voto feminino, que foram totalmente excluídas por Vargas em 1937. Os aspectos centralizadores desse governo levaram à constituição de um aparelho centralizador e que buscava reprimir efeitos oposicionistas nos estados, assim como das oligarquias que se mantinham.

No que diz respeito às relações com os estados, entre o final dos anos 30 até 1945, se mantém a presença de interventores federais, e essa condição só terá uma mudança a partir de 1946 com as eleições. Ao longo desse período, Daltro Filho, Osvaldo Cordeiro de Farias e Ernesto Dornelles foram os principais nomes que interviram no estado do Rio Grande. Enquanto os dois primeiros conseguiram manter a situação política controlada, Ernesto, que assume a interventoria gaúcha a partir de 1943, vai ter grandes desafios para manter o equilíbrio, visto que o governo varguista já vinha tendo problemas que levaram à destituição do regime em 1945.

[5] **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (16 de julho de 1934**). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm. Acesso em: 20 de Jun. 2021.

No contexto econômico, o país já vinha ampliando espaços para o âmbito industrial, porém, o setor cafeeiro e agroexportador se mantinha como produtor relevante no cenário do governo varguista. Com a crise de 1929, o principal produto econômico, o café, sofreu com uma grande produção, e em oposição a isso, uma grande queda, que levou a uma grande quebra no produto. Na sequência, houve um período de grande força do setor industrial. Esse cenário teve um grande apoio de Getúlio Vargas, que buscava diminuir o peso econômico do setor agroexportador, como destacado:

> A alta taxa de dinamismo do setor industrial no período se deve a uma base industrial preexistente que pôde ser ampliada a partir da conjuntura internacional em crise, que ajuda a substituição de importações. Mas é inegável o forte impulso que vem das políticas de proteção à indústria, através das taxas tarifárias (por volta de meados dos anos 1930, quando é feita a tarifa de 1934) e das medidas cambiais que regulam taxa de câmbio e importações. (LEOPOLDI, 2003, p.249)

A autora deixa claro que o governo acrescenta a base industrial, que já existia em maior apoio, auxiliando com a proteção através das taxas e buscando a diminuição das importações feitas pelo país. Essas políticas de apoio à indústria vão se manter até o fim do regime em 1945, e essas estruturas fomentaram as bases para uma indústria que tinha como objetivo produzir petróleo, ferro, aço e energia hidrelétrica.

Em meio a esse ambiente de apoio à área industrial, o governo trouxe aspectos que se relacionavam: a regulamentação do trabalho, em conjunto com leis sindicais, leis previdenciárias e um apoio ao patronato. Essas políticas tinham como objetivo dar sustentação ao campo da indústria e buscar o diálogo entre patrões e operários, do mesmo modo que alguns governantes tentavam fazer durante o período republicano, durante o qual, em muitos casos, não havia efeito ou acabavam apoiando a elite, até mesmo com aspectos repressivos.

Esse panorama do campo de trabalho é muito relevante nesse cenário dos governos de Vargas. Ainda sobre esse componente, é nesse contexto que aparece com maior presença a figura de José Vecchio, que começa a vivenciar as organizações sindicais, as articulações das categorias, e, com os governos, se coloca como uma das lideranças nesse período que vai se desenvolver até meados de 1940.

As transformações no âmbito econômico, com maior presença do polo industrial, ampliando os centros urbanos, as mudanças políticas que buscavam a todo instante a centralização do poder, são partes importantes dessa nova organização operária. Logo no início dos anos 1930, o governo de Vargas impõe uma nova legislação aos sindicatos. Essas organizações, que antes eram independentes e mantinham em seu interior linhas comunistas e de outras vertentes, como anarquistas e socialistas, agora acabam tornando-se ligadas ao Estado.

Como destacado anteriormente, o governo buscava, desde os primeiros momentos, ser um canal que buscava a harmonia entre empresários e trabalhadores. Em um primeiro momento, foi criado o Ministério do Trabalho, Industria e Comércio (MTIC), que se tornou o principal articulador dessas novas legislações, que vão ser reunidas em 1943 na CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas). A principal ideia era colocar esses sindicatos como interlocutores e evitar que as forças oposicionistas que enfrentavam essa intervenção se mobilizassem.

> Mas, os trabalhadores organizados não pareciam estar dispostos – a não ser no caso dos que sempre defenderam a adesão ao Estado e ao patronato – a trocar suas tradicionais entidades de classe pelos sindicatos oficiais controlados pelo MTIC. Além de estimular a criação de sindicatos oficiais, quase sempre com pouca representatividade, uma das estratégias adotadas pelo Ministério para angariar adesões ”voluntárias” ao sindicato oficial foi vincular a concessão dos benefícios das novas leis trabalhistas à representação de classe oficial, deixando assim que as lideranças mais combativas sofressem a pressão para a busca do reconhecimento do Ministério por parte de suas bases, ansiosas por usufruir benefícios da legislação (MATTOS, 2009, p. 64)

Com essa concepção, fica exposto que a legislação aplicada não foi absorvida de modo geral pelas organizações sindicais. Essa ampliação só se estabilizou a partir de 1935 com a repressão aos movimentos comunistas, que lideravam alguns sindicatos de variadas categorias, e, desse modo, o corporativismo começa a atuar com maior força. Porém, estrategicamente, essas vertentes se mantinham escondidas, e isso vai seguir até meados dos anos 40.

A partir da pouco duradoura constituição de 1934, é criado o decreto que regulamentava a pluralidade sindical, que tinha como intenção aprovar a existência de vários sindicatos de mesma categoria. Esse fato só mudaria a partir de 39, trazendo a unidade sindical criada em 1930. Com esse regime instaurado

a partir de 37, o aparelho repressivo se intensifica, buscando o impedimento de greves e agindo em eleições da diretoria.

Nesse primeiro momento, os trabalhadores já começam a visualizar a presença de um governo que, se, em um primeiro momento, era visto como esperança de dias melhores, se apresenta como bloco ainda repressivo. Como exemplo dessa situação, José Vecchio narra que realmente tinha um pensamento positivo atrelado à figura de Vargas, mas que a forma repressiva da polícia atuando em locais de reunião, e algumas leis como a da pluralidade, que, para ele, enfraqueceram as organizações, levou-os não só à frustação como a se mobilizarem ainda mais.

A partir de 1940, o governo cria o Imposto Sindical, no qual cada trabalhador contribuiria com o valor de um dia de trabalho para a organização de sua categoria, até mesmo trabalhadores que não eram sindicalizados. Esse panorama buscava estruturar esse campo sindical, além de aproximar esses operários que não faziam parte desses movimentos.

Com essa conjuntura posta, com os sindicatos atrelados ao Estado, legislações para com os trabalhadores e formas repressivas prosseguem até meados da crise do regime em 1940. Somadas a esses fatos, todas essas políticas sociais tinham como objetivo aproximar o vínculo do operariado à figura de Vargas como um defensor dos trabalhadores, principalmente a partir da virada dos anos 40, quando o próprio Vecchio descreve esse momento com a criação da Justiça do Trabalho e CLT, além desse Imposto Sindical, e parte dos operários que o cercavam acabam vendo em Getúlio essa figura relevante.

Sobre essas condições, é importante destacar alguns pontos importantes de um dos trabalhos da autora Angela de Castro Gomes (2005)[6], que destaca sobre as formas que as relações se formaram entre trabalhadores e os governos. Ela destaca que, a partir do momento de instauração dessas legislações, havia uma relação de trocas, enquanto o trabalhador recebia essas condições, ele dava a obediência política, e assim se estabeleciam os benefícios materiais.

Outra situação que ocorria com essas articulações era uma construção simbólica. Sobre isso,

[6] GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Editora FGV: Rio de Janeiro, 2005.

> Esta lógica material, essencial para a construção de um pacto social, na realidade só começou a produzir os significativos resultados a ela imputados no pós-40. A partir daí ela combinou-se com a lógica simbólica do discurso trabalhista, que, ressignificando a "palavra operária" construída ao longo da Primeira República, apresentava os benefícios sociais não como uma conquista ou uma reparação, mas como um ato de generosidade que envolvia reciprocidade. Nesta perspectiva, o Estado não era visto apenas como produtor de bens materiais, mas como produtor de um discurso que tomava elementos-chave da autoimagem dos trabalhadores e articulava demandas, valores e tradições desta classe, redimensionando-os em outro contexto. A classe trabalhadora, por conseguinte, só "obedecia" se por obediência política ficar entendido o reconhecimento de interesses e a necessidade de retribuição. Não havia, neste sentido, mera submissão e perda de identidade. Havia pacto, isto é, uma troca orientada por uma lógica que combinava os ganhos simbólicos da reciprocidade, sendo que era segunda dimensão que funcionava como instrumento integrador de todo o pacto. (GOMES, 2005, p.180)

Neste trecho, fica exposto que as experiências que grande parcela da classe trabalhadora construiu ao longo do período republicano teve muita presença nesse novo campo de trocas. A reciprocidade que a autora salienta é importante pois destaca que os operários não estavam submissos àquele modelo de governo, mas que, ao desenrolar dos anos, os trabalhadores tinham a consciência de construir um espaço maior, com ganho de novos direitos e, em contrapartida, aceitavam seguir as novas legislações. Na fala de Vecchio apontada anteriormente, ele frisa que essa presença estatal se mostrou pouco diferente da que eles viviam antes de 30, mas que, nesse processo de luta e organização, ainda que tardiamente, iam conquistando pequenas parcelas de concessões, que levaram ele e demais trabalhadores próximos a getulistas.

Ao passar desses 10 primeiros anos de governo, uma significativa parcela do operariado começa a colocar Vargas nesse local de relevância para com as conquistas sociais. Nesse plano de mudanças, o governo começa a apresentar ideias de manter o poder consolidado desde o início do regime, mas, ao mesmo tempo, usar um tom mais ameno para a transição em concepções mais democráticas.

Foram concebidas ações que aproximavam o governo de uma maneira mais ampla, atingindo vários territórios do país, e, com isso, foram criadas participações em programas de rádio com a intenção de informar sobre ações semanais do governo. Outra ação foram as comemorações de 1° de maio, que vai aparecer antes dos anos 40, mas que vai ter grande importância entre os

trabalhadores. Além dessa data festiva, era comemorado o aniversário de Getúlio e do dia do Estado Novo. Nisso,

> A construção da figura de Vargas, o elogio da outorga das leis sociais e valorização da posição ocupada pelos trabalhadores brasileiros – pedra que precisava de lapidação – se completavam em um enredo harmonioso que estruturava a comunicação entre o povo e o presidente. (GOMES, 2005, p. 223).

Os anos seguintes levaram uma grande instabilidade ao governo Vargas, levando-o à sua destituição em 1945, com o novo presidente sendo escolhido através de eleições, com a organização dos partidos. Para compreender essa mudança, é importante visualizar o movimento de uma grande parcela de trabalhadores em favor de Getúlio querendo a permanência do seu governo, tendo em vista uma possível perda dos direitos adquiridos ao longo de todo esse período.

Com o crescimento da oposição varguista, houve um ataque direto às ações de controle estatal e das legislações vigentes, sendo comparadas ao fascismo. Neste cenário, se colocam os trabalhadores que começam a se organizar, saindo às ruas e enfrentando comícios contrários ao governo.

Para Jorge Ferreira (2019, p.14), “(...) era difícil para esses grupos sociais culturalmente eruditos compreender as razões de tal inconformismo e definir os comportamentos de indignação de populares que se insurgiam contra os que ofendiam Getúlio Vargas”. O grande grupo que defendia a manutenção de Vargas era colocado à margem da sociedade, seus membros sendo comparados a desordeiros. Como descrito pelo autor, a oposição não conseguia compreender essa relação que operários, e a classe popular como um todo, tinham com as estruturas postas pelo varguismo, e, com isso, criticavam e ignoravam o valor dessa mobilização favorável.

Os acontecimentos de um período eleitoral levaram à formação de partidos, e três deles se tornaram as bases centrais nesses primeiros anos de disputas políticas. O primeiro criado foi a UDN (União Democrática Nacional), nos primeiros meses de 1945, que tinha como principal definição a oposição a Vargas, tendo entre os membros desses momentos iniciais figuras como Júlio Prestes, Borges de Medeiros, entre outros. Esses nomes tiveram disputas e divergências com Getúlio ao longo dos anos. Com Prestes, houve o conflito, em que ele é eleito e o movimento tenentista, com a figura de Vargas, assume

o poder, enquanto que, com Borges de Medeiros, havia os conflitos em território gaúcho.

Ao longo desse mesmo período, é criado o PSD (Partido Social Democrático), que tinha em sua base uma estrutura conservadora, e com a maioria dos membros da área rural. Essa sigla apoiava Getúlio Vargas e tinha como objetivo consolidar as elites da sociedade. Porém, os grupos relacionados ao movimento operário foram excluídos da parte central desse quadro. Na região sul, foi criada uma ala trabalhista da qual várias categorias fizeram parte. Um dos líderes desse bloco foi José Vecchio, que, a partir desse momento, tem grande presença nas configurações do PSD e, logo em seguida, pelo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro).

O PTB é criado em meados de outubro de 45, em um momento de grandes mobilizações no movimento queremista, e esse processo vai desencadear em um novo campo de atuação para os operários. A sigla vai ser criada tendo em sua estrutura trabalhadores urbanos, e a intenção era que o partido se tornasse um bloco de mobilização para manter os direitos conquistados ao longo de todo o período varguista. Desse modo, naquele cenário,

> O PSD e o PTB surgiram tributários da tradição getulista. Ambos defendiam a manutenção das leis sociais e a intervenção do Estado na economia. Vargas foi indicado presidente do PSD, embora nunca tenha exercido efetivamente a função. No caso do PTB, tornou-se seu presidente de honra. Os dois partidos não foram fundados por Getúlio Vargas, como é costume afirmar. (FERREIRA, 2019, p.19)

Nesse cenário, então haviam dois partidos extremamente ligados à figura de Vargas e outro com grande relevância oposicionista. Porém, a relevância que o PTB obtém na vida desses sindicalistas é notável. Se, em um primeiro momento, as organizações sindicais vão se tornar o centro de luta e dessas trocas entre trabalhadores e governo, o panorama político a partir desse marco vai tornar a sigla um novo ambiente de articulação.

Sobre esse fato, vale destacar que a figura do Partido Comunista que se instala a partir de 1920 vai ter uma grande influência no operariado; porém, com os modelos de repressão e perseguição de Vargas, houve o desaparecimento da organização ao longo de 10 anos e seu surgimento somente com a

redemocratização em 1945, voltando a sofrer, contudo, repressão a partir de 46.

A partir disso, o PTB é que vai se tornar esse elo de participação e defesa dos direitos trabalhistas. Mas, por um bom tempo, a historiografia apresentou a criação do partido para evitar que os trabalhadores seguissem ideários comunistas. Porém, ainda que possa existir essa possibilidade, no exemplo da configuração no Rio Grande, a sigla começa se ligar a alguns nomes comunistas como Alberto Pasqualini, levando até a conflitos com Vargas.

É importante visualizar que a sigla teve variações em determinadas regiões ao longo dos anos seguintes. Nesse plano, várias vezes a estrutura entrou em atrito com decisões varguistas que priorizavam o PSD e tentavam interferir em indicações a cargos e disputas eleitorais. Neste contexto,

> As controvérsias e a escassa maioria obtida pela tese abstencionista para a eleição presidencial de 1945 indicavam tensões internas expressivas. Parte dos sindicalistas que integravam o PTB era favorável a entendimentos políticos com outros setores da política nacional, enquanto parte propugnava uma postura isolacionista. Este seria um dos principais problemas que o partido teria que enfrentar nos anos seguintes. E, com Vargas alijado do poder, para que o PTB servisse a seu chefe, era necessário que este revelasse seus planos e desse diretrizes ao partido. (ARAUJO, 1996, p.33)

A posição do PTB desde o início foi ser contrário à saída de Getúlio Vargas e principalmente à indicação de Dutra pelo PSD, e somente com a presença de Getúlio tomando partido é que a sigla foi levada a apoiar, a contragosto, o candidato. Com essas variações existentes, é importante destacar as particularidades que levaram o Partido Trabalhista no Sul a ser um dos mais relevantes e atuantes no país.

PTB RS e suas particularidades

O cenário nacional do qual emergem as primeiras estruturas partidárias se dá a partir de uma transição de um regime repressivo e de controle estatal para uma abertura redemocrática. Por essa razão, é evidente que os partidos originários nesse momento mantêm em suas estruturas aspectos de influência varguista, já que grande parte dos componentes de ambas siglas faziam ou fizeram parte das estruturas do regime do primeiro governo de Getúlio Vargas.

As siglas que aparecem nesse momento são PSD (Partido Social Democrático), PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e UDN (União Democrática Nacional). Ainda é significativo citar o PCB (Partido Comunista Brasileiro), pois, nesse momento, começa a retomar suas articulações, que haviam sido rompidas ao longo dos anos de 1930; porém, entre 1947 e 1948, teve sua sigla cassada e parte das questões de esquerda seguiram as linhas do partido trabalhista. É importante apresentar as siglas como um amplo campo político pois ambas disputavam o posto de ascensão para com o fim do regime.

O PSD se apresentava como um partido de formação pelos interventores de Estado indicados por Vargas. A sigla acabou se tornando uma força nas eleições seguintes, elegendo o presidente Eurico Gaspar Dutra em 1946, bem como a grande maioria dos cargos nas câmaras legislativas. É importante salientar que, nessa construção, divergências ocorreram, em grande sentido pelas influências ideológicas advindas do período republicano, e que discordavam das estruturas incorporadas ao longo do regime varguista. Essa situação abriu possibilidade para a conjuntura de um outro partido.

Os grupos oligárquicos, que haviam sofrido com o golpe em 1930, se colocaram como contrários ao modo como se estruturava a sociedade até aquele momento, e, com o vigente fim do regime, aquele momento se apresentava como oportuno. Desse modo, em um primeiro momento, se caracterizou como uma frente, mas acabou por se tornar um partido, a UDN, que concorreu às eleições já a partir de 1946.

Em conjunto com os oligarcas que haviam perdido prestígio, se instalaram na sigla apoiadores varguistas que tinham sido deixados de lado antes mesmo dos anos 40, além dos grupos liberais regionais. O que ligava ambas as frentes era a oposição a Vargas, já que havia contradições entre as decisões. Desse modo, o presente grupo se apresentava como uma contradição ao PSD, da mesma forma que ao PTB.

Tendo visto esses componentes, é importante adentrar o objetivo em questão: entender como se organizou e se estruturou o PTB no Brasil e no Rio Grande do Sul. O partido trabalhista levantou em seu desenvolvimento uma via para os trabalhadores, e um meio termo ante o partido comunista. Na sua base,

houve “coordenação do Ministério do Trabalho, basicamente operários urbanos e sindicatos.”[7].

Os movimentos de construção da sigla se deram em vários pontos do país. O grande ponto recai sobre as diferenciações entre esses grupos; em um exemplo, São Paulo, no período, era um dos principais polos industriais, porém, não se tornou um centro de forte atividade e importância do PTB, pois, na grande maioria das localidades, essa estrutura, ainda que contando com trabalhadores e sindicalistas, acabava por se manter muito ligada ao PSD, enquanto que as condições no sul do país traziam particularidades, tornando-os, desse modo, um sólido partido.

Assim como os demais partidos, a sigla trabalhista desponta em 1945, após o surgimento do PSD e UDN. No sentido gaúcho da fundação, já se estrutura a primeira diferenciação, com os primeiros componentes sendo dissidentes da ala trabalhista do Partido Social Democrático, além de fazerem parte da conjuntura sindicalista do Estado, tendo em José Vecchio o principal nome dessas transições. Nesse sentido, o autor Bodea (1992), aponta essa vertente vinculada aos sindicatos:

> (...) é composta, essencialmente, por um núcleo de lideranças sindicais que se forjaram no Estado Novo ou, quando anteriores a ele, nele pelo menos sobreviveram em funções sindicais. Nem todos poderiam ser considerados simples "pelegos" pelos padrões da época: algumas destas lideranças sofreram inclusive os percalços das prisões e da repressão do Estado Novo, o que contribui para conferir-lhes uma visão relativamente crítica em relação às elites políticas tradicionais consolidadas ou adaptadas à estrutura de poder do Estado Novo. (BODEA, 1992, p.20)

É importante visualizar, que nesse momento, o forte movimento queremista amplia a relevância dos grupos que buscavam a manutenção do governo Vargas. Por um outro lado, a sigla pessedista via uma oportunidade de indicar o nome de Dutra para a presidência do país. Em conjunto a isso, mesmo que o movimento do queremismo tenha ocorrido em boa parte do país, ao longo das negociações, com a eminente saída de Getúlio do poder, grande parte dos petebistas acaba por apoiar a indicação de Eurico Gaspar.

[7] HIPPOLITO, Lucia. Vargas e a gênese do sistema partidário brasileiro. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, jan./dez. 2004. p.22.

Porém, no Sul, por toda a construção trabalhista e sindicalista a partir dos anos 30, possibilitou-se mais consciência de luta por partes dessas categorias, levando à ascensão dos mesmos com a possibilidade que o PTB oferecia naquele momento. A breve apresentação do cenário de primeiros movimentos partidários e das diferenciações serve para visualizar as bases de um partido realmente formado por trabalhadores e que lutava para manter os direitos conquistados até o momento, em direção oposta às demais siglas que, embora tenham sido criadas em um mesmo período, com influências getulistas, tinham suas próprias direções e peculiaridades, ainda mais fortes na construção do PTB no Rio Grande do Sul.

Todos os aspectos destacados até o momento trazem à tona a realidade em que estavam inseridos os trabalhadores, durante o período republicano e ao longo de todo o período varguista. De maneira ampla, os aspectos dão conta de experiências que moldaram as organizações e formações de sindicatos e federações e que vão dar as experiências para enfrentar as mudanças ocorridas com o advento dos anos de 1930. Esse conjunto de articulações é parte integrante das vivências de José Vecchio, que formaram a trajetória dele, até se tornar uma liderança nas configurações entre as categorias e, mais tarde, na criação de uma ala trabalhista pelo PSD e sigla regional.

Capitulo 2 - A Trajetória de José Vecchio, um militante na meia metade do século XX

O presente capítulo visa apresentar a extensa trajetória de José Vecchio, um importante militante ao longo dos governos de Getúlio Vargas. Suas experiências de vida, em meio ao dia-a-dia de trabalho, as organizações operárias das quais ele torna a fazer parte, constituíram a figura de liderança em que ele se tornou por um extenso período, perpassando os anos de 1940, chegando até meados de 1960.

A estrutura do período de entrada do século XX, com várias mudanças sociais e políticas, tanto no cenário brasileiro como no panorama regional e na cidade de Porto Alegre (RS), como destacado anteriormente, influenciaram no dia-a-dia. Esses acontecimentos atingiram a rotina dos trabalhadores e, nesta ambientação, se fazia presente a figura de José Vecchio, que, nesses primeiros anos, era uma criança vivenciando a difícil realidade de trabalhar em condições extremamente precárias.

Esses primeiros fatos foram o ponto de partida das experiências que esse indivíduo teve nesse cenário do operariado. Na sequência, sua trajetória o conduziu à sua formação como motorneiro da Companhia Força e Luz, que era encarregada dos bondes da cidade, e, nesse momento, ele entra em contato com as diferentes formas de repressão do patronato e do Estado, somando ainda mais às suas vivências. As situações que foram surgindo levaram Vecchio a se mostrar insatisfeito e se articular em conjunto com demais trabalhadores e se organizar para enfrentar as péssimas condições em que viviam.

Os anos que seguiram a partir de 1930 deram contornos aos novos modelos de estruturas sindicais. As novas legislações tornaram as organizações ligadas aos mecanismos dos governos varguistas, porém, essas condições não modificaram de modo completo a consciência dos trabalhadores em manter a luta por melhores condições. A trajetória de Vecchio contribui para visualizar essas relações de trocas de direitos trabalhistas e, em contrapartida, o apoio desse operariado ao governo.

De modo geral, a sua história de vida, com as variadas experiências que constituíram a forte atuação de liderança em meio às várias categorias profissionais, já seriam importantes na compreensão da articulação de um trabalhador que vivenciava as condições extremamente desiguais. Porém, sua

trajetória ajuda a visualizar as estratégias e organizações do meio operário para manter os direitos que foram conquistados ao longo de um processo, e que, em meados de 1940, a abertura de um campo político trouxe novas possibilidades de enfrentamento.

2.1. Os primeiros passos de Vecchio

Antes de destacar a trajetória como militante e organizador de movimento sindical de José Vecchio, é importante destacar sua caminhada até aquele momento, fato já previamente apontado no capítulo anterior. Ele nasce na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, em 1909, e sua família era advinda de uma 2° onda de imigração ao país.

A partir dos 9 anos, ele já começa a desempenhar atividades como entregador de carnes para um açougue. Posteriormente, atua em uma fábrica de vidros e, após um tempo, é contratado como ajudante de engenheiro. Após entrar em contato com um gás que vazou de um dos motores, ele acaba se intoxicando e ficando doente, conforme já citado. É preciso visualizar que, a partir dessas condições, entre os 9 e 10 anos, ele já estava tendo que trabalhar, e, mesmo sendo uma criança, ele era colocado em locais muito perigosos, que o levaram a adoecer – aspecto era recorrente entre a população de baixa renda -, acontecimento esse que ainda o leva a abandonar os estudos. Ainda vale ressaltar que era constante a presença infantil nesses setores, como forma de manter a ajuda financeira para a família.

Outros dois pontos que são importantes salientar: o primeiro diz respeito às condições em que os trabalhadores viviam. Como já dito anteriormente, em meados de 1917, com a ocorrência das greves, a falta de melhores salários, a diminuição das horas trabalhadas, além do ambiente de trabalho, ficou cada vez mais clara*. A figura de Vecchio aparecia nessa condição, assim como demais operários, como um agravante por ainda ser uma criança. O segundo ponto se relaciona a este fato uma vez que seu pai foi servir na Guerra pelo seu país de origem, a Itália; logo, pela irmã trabalhar com a mãe como costureira, ele acaba também tendo que trabalhar para ajudar no custo de casa.

O autor Silva Jr. (1996, p. 188) destaca que a lista de reivindicações elaboradas durante a greve incluía a jornada de 8 horas, a regulamentação para mulheres e crianças, além de aumento salarial. Esses fatores confirmam as

grandes dificuldades que as pessoas tinham no ambiente de trabalho, a exemplo de José Vecchio, desde tenra idade tendo contato com atividades totalmente perigosas, que levavam boa parte dessas crianças a correrem riscos de vida em exercícios que não poderiam contar com a participação de infantil.

A partir de 1923, segundo seu relato[8], ele descreve que, após seu pai retornar, ele demonstra interesse em aprender um ofício no local onde seu pai trabalhava. Nesse momento, ele começa a exercer a atividade na Companhia Força e Luz de bondes da cidade. Esse contato se dá através de seu pai, que, desde seu nascimento, já trabalhava na companhia, e acaba sendo esse o trabalho no qual Vecchio irá começar a ter suas primeiras experiências no movimento operário. Logo ao começar a exercer alguma atividade no local, ele acaba indo em reuniões com seu pai nas quais os funcionários se organizavam em um Grêmio para lutar por melhores condições, e ele descreve um acontecimento que o impactou.

> Organizaram, então o Grêmio Unido dos Empregados da Companhia Força e Luz. Reivindicaram um aumento, onde estava envolvido o meu pai, e eu o acompanhava, mesmo porque era um empregado menino, mas empregado das oficinas. A sede desse grêmio era na Azenha, como quem via para o cemitério, ainda tem o prédio lá, velho, antigo. E numa noite ele levou lá para ver uma tal reunião. Eu era curioso, filho único, era eu e a minha irmã, único filho homem. (...) nós estávamos lá na reunião, e saiam uns discursos meio inflamados, me deu uma coisa assim que parece que começamos a atacar. Não demorou meia hora, a brigada veio a facão e acabou a sessão. (VECCHIO, p.12, 1986)

E, na sequência,

> E quando eu saia, ouvi tiros, mataram um operário, companheiro nosso, que era do tráfico. Não me lembro bem do nome dele, se era Artur Rossi.... Meu pai me agarrou, se agarrou, se atirou no chão comigo e ficou por cima de mim, me protegendo com o corpo dele. Era um homem de muita coragem, experiente, tinha vindo da guerra, conhecia a guerra. Ai então, quando acalmou a coisa, nós saímos. No outro dia fomos enterrar aquele companheiro, mas não subimos, o caixão era carregado a unha, não tinha carro, não tinha dinheiro. Fomos levando o cadáver do pobre homem, subindo a lomba do cemitério, lá em cima um dos companheiros se inflamou, e largaram o caixão no chão, para fazer um discurso. Também não teve dúvida! Antes de chegarmos ao cemitério, veio a brigada e acabou matando outro. Então foi assim que o movimento proletário se sentiu mal, porque sindicato não existia; eram grêmios; grêmio unido tal, grêmio isso, grêmio aquilo, quer dizer era tudo associação civil. (VECCHIO, p.13, 1986)

[8] VECCHIO, José. **Depoimento**. CPDOC/FGV, 1986.

Esse acontecimento marcou a vida de Vecchio, que, naquele momento, ainda era apenas um menino de 13 anos. Se, anteriormente, ele já havia tido contato com as adversidades de atuar no ambiente de trabalho, daquele momento em diante, começou a presenciar as atitudes repressivas vindas do patronato em conjunto com os governos que favoreciam em grande parte a classe burguesa já estabelecida. O ato com o qual ele se depara era um reflexo da presença repressiva da polícia contra possíveis organizações de trabalhadores e formações de movimentos grevistas, fatos esses que foram se mantendo ao longo de 1920, e não se modificaram de modo real a partir de 30.

Ainda segundo ele, as dificuldades e as más condições de trabalho o tornaram um "jovem revoltado". Ainda destaca que, nesse período, as movimentações politicas[9] não chegavam até os trabalhadores. Ele só tinha maior conhecimento pois seu pai participava e era contrário ao governo de Borges de Medeiros, mas que todos os desdobramentos foram "nossos primeiros alicerces da libertação do povo, de 23 até 30". Em frente a esse fator, fica evidente que, ainda que os conflitos políticos não estivessem ligados estritamente aos operários, o arranjo e os desdobramentos chegavam até eles, e se somavam às experiências que influenciaram as formações dos trabalhadores para a luta frente às difíceis condições que eles enfrentavam.

Nesse contexto de trabalho com os bondes da capital, ele narra que, independentemente da idade que a pessoa tivesse, desde que eles os considerassem aptos, jovens menores de idade como ele eram colocados em diferentes atividades. Nas experiências que ele teve nesses primeiros momentos, Vecchio destaca que chegava a trabalhar sem um horário definido, parando somente quando os patrões decidiam; o salário era predefinido desde o começo das atividades, e que, caso não houvesse uma mínima movimentação negativa pela forma como lidavam com os jovens empregados, a empresa os colocaria trabalhando direto e sem pausa.

Ele teve que atuar ajudando a recolocar os bondes nos trilhos, e, quando muito, outra pessoa o ajudava. Caso ele não cumprisse essa tarefa, seria demitido, e, naquele momento, era muito difícil conseguir vagas em outros locais, pois a crise, que já vinha se encaminhando, se mantinha. Desse modo, ele

[9] Sobre a Revolução de 1923, BRANDT, Aline**.** ***"De Borges a Getúlio: A Transição Política nas páginas de o Nacional (1923-1930) "***. Dissertação – Universidade Federal de Passo Fundo. Passo Fundo, 2008.

acabava tendo que desempenhar funções extremamente desumanas, como levantar pesos absurdos de máquinas e maquinários, ao longo de 2 anos.

No passar desses primeiros anos de grande exaustão, ele acaba indo para um outro setor da empresa. A partir desse ponto, ele foi trabalhar no tráfico de bondes, como condutor. Há de se ressaltar que essa condição só aconteceu pelo fato de haver um engenheiro responsável, amigo próximo de seu pai, que ajudou Vecchio a ser colocado nessa nova função.

Com essa etapa, fica exposto que a presença de seu pai foi importante para o seu começo no serviço. Em outro momento, essa figura aparece novamente, e, ainda que não haja documentos que demonstrem uma presença expressiva, ele acaba por se tornar um indivíduo que contribui para o desenvolvimento de José naquele ambiente, ainda que não se possa desconsiderar o próprio protagonismo de Vecchio.

Alguns anos mais tarde, ele acaba tendo um salto dentro das funções, e acaba se tornando fiscal de cobrança, função na qual ele averiguava as movimentações financeiras. Mais à frente, se torna inspetor, uma das principais funções na empresa. Segundo sua própria descrição, ele buscava ser direto e nunca hostilizava os demais companheiros independentemente da posição de cargos, pois ele mesmo considera que deveria ser solidário à sua classe. Ainda que faltem mais detalhes que o liguem diretamente a essa questão, suas atitudes a partir dos anos que seguiram demonstram essa visão de defesa ao coletivo operário que o cercava.

Antes de destacar os desdobramentos seguintes da trajetória de Vecchio, é importante apontar o desenvolvimento da companhia que comandava a circulação de bondes na cidade de Porto Alegre. Essa empresa esteve em boa parte das vivências e de luta operária de José, além de estar presente na rotina das pessoas.

Na virada do século XIX para o XX, os primeiros bondes começam a surgir. Até meados de 1909, esses bondes eram puxados por mulas. Com a inauguração de uma usina termoelétrica, alguns anos antes, começam os primeiros movimentos para bondes elétricos. Em conjunto a isso, com a soma da Carris de Ferro e Urbano e com a criação da Companhia Força e Luz Porto-Alegrense, além da implantação dos bondes elétricos, houve o fornecimento de energia elétrica à cidade.

São poucos os trabalhos que remontam a essas transições da Carris e do desenvolvimento dos bondes na Capital. Porém, é possível verificar, a partir da tese de Walter (2016), que

> A Força e Luz em Porto Alegre estava ligada à Companhia Ligth, empresa canadense que, em 1907, adquiriu várias companhias de bondes e carris urbanos no Rio de Janeiro, controlando o serviço até 1963. Criada em 1906 na fusão entre a Carris de Ferro e a Carris Urbanos, em 1926 a Força e Luz vendeu suas usinas para a Companhia de Energia Elétrica do Rio Grande do Sul (CEERG). (WALTER, 2016, p.90)

Nessa passagem, fica destacado o quanto a companhia sofreu modificações ao longo dos anos, buscando uma modernização, até meados dos anos 30, quando a empresa é comprada por empresários americanos, fato que causará impacto na vida dos trabalhadores. Ainda sobre os primeiros anos de atividade dos bondes, foram comprados em torno de 37 carros vindos da Europa. Até 1946, esse número seria elevado para 161. Apesar de ser uma inovação, o sistema se mantinha bastante precário, o que gerava, quase que constantemente, acidentes e atrasos, fatores esses que se estenderam por longos anos.

A partir dos anos 20, o grupo entra em crise pela desvalorização da moeda, que impedia a melhora dos serviços, e pelos acionistas, que acabavam perdendo percentual sobre os lucros. Com a renovação do contrato feito em 1925, os preços da passagem sofrem um reajuste; porém, o governo municipal acaba por impor que houvesse um aumento nos salários dos trabalhadores, além de que o serviço feito pela companhia fosse melhorado.[10]

Ainda nesse cenário, até 1930, começam a aparecer os primeiros modelos de ônibus, dando início, assim, a uma disputa entre estes e os bondes. Em conjunto com essa nova possibilidade de transporte, além das dificuldades que a companhia já vinha sofrendo, em 1928, ela é adquirida pela Companhia Brasileira de Força Elétrica, e, em setembro desse mesmo ano, assina, junto à prefeitura, o contrato. Nessa assinatura, a empresa se prontificava a reformar as vias, além de melhorar a frota com carros em melhores condições.[11]

Essa nova empresa, que começa a administrar os trânsitos de bondes e *auto omnibus*, faz parte de um grupo americano chamado Electric Bond & Share,

[10] **Revista do Município (RS)**, out. /1930, p. 37-36.
[11] **Revista do Município (RS)**, out. / 1930, p. 41-42.

que, além de modificar o nome da companhia em Carris Porto-Alegrense, vai entrar em grande conflito com os trabalhadores que já desempenhavam atividades durante outras mudanças de coordenação. Com uma matéria exclusiva na Revista do Município em 1930, Alberto Bins[12] demonstra aprovação à nova gestão.

> Como solução em apreço, tanto na actualidade como no futuro, entendo que se deve dar a Companhia Carris Porto Alegrense não um monopólio amplo, como ella pleiteia, mas um privilégio parcial que impeça a concorrência directa dos auto-omnibus pelas ruas em que é mantido o trafego a tracção electrica.[13]

Essa breve visão de que o município deveria dar um maior privilégio para a companhia coordenar tanto o trânsito de bondes como o de auto-ônibus se tornou não apenas parcial, como também ampliada, chegando até meados de 1954. O fator da presença americana levou, em um primeiro momento, a uma possibilidade de melhorias, pois, naquele cenário de direitos sendo ignorados, além do aparelho repressivo do Estado, qualquer modificação trazia uma nova esperança aos trabalhadores. Porém, através do depoimento de Vecchio, essa não foi a realidade.

No seu relato, a esperança deu lugar a uma realidade na qual esse grupo dono da Companhia não demonstra o mínimo interesse pelo amparo ao operariado. Sobre essa influência, ele destaca:

> E o que acontecia conosco? Os americanos, os dirigentes da Companhia Carris e Energia não faziam nada, mas pagavam para que fizessem contra o sindicato. E esses que eram pagos eram companheiros da própria categoria que, no afã de ganhar dinheiro facilmente, se vendiam, vendiam a dignidade e passavam a espionar os próprios companheiros. E entre esses estávamos nós, os que dirigiam o Sindicato dos Empregados da Companhia Carris. (VECCHIO, 1986, p. 11)

Nessa descrição, José aponta o ponto na virada para os anos 30. Já com a nova legislação sindical, os dirigentes americanos se articulavam para evitar

[12] Alberto Bins foi uma figura muito importante na cidade de Porto Alegre, chegando a ser conselheiro municipal de 1908 até meados de 1913, a partir de 1918 se torna deputado estadual pelo PRR, cargo que vai se manter até meados de 1923. Na sequência além de se tornar presidente da Associação Comercial de Porto Alegre, ele funda a Varig (Viação aérea Rio-Grandense), em 1930 vai se tornar Prefeito da Capital apoiando o governo Vargas, porém com sua relação próxima a Flores da Cunha, acaba sendo destituído do cargo em 1937 com o advento do Estado Novo, além de ajudar na criação do Partido Republicano Liberal (PRL). Disponível em: Cf. Alzira Alves de ABREU et al (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro** – Pós-1930. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. In: <http://cpdoc.fgv.br.> Acesso em: 20/06/2021.

[13] Considerações feitas por Alberto Bins, sobre as circunstâncias das novas concepções dadas pela prefeitura de Porto Alegre, na Revista do Município em 1930, p.57.

que essa nova formação entre os trabalhadores se concretizasse em conquista de melhores condições. O que chama atenção nessa passagem é o fato da direção pagar alguns operários para que eles trouxessem informações sobre decisões feitas em reuniões da organização.

O processo levou a um grande atrito entre operários, que se articulavam contra aquele sistema de imposição da empresa, e aqueles que recebiam esse favorecimento através de dinheiro, ou até mesmo de melhores oportunidades naquele cenário. Porém, essa situação se apresenta de uma maneira mais ampla, como uma das principais formas do patronato de criar um conflito entre esse conjunto de trabalhadores, evitando assim que eles se organizassem de uma forma ampla, tendo em vista a posição da companhia de desinteresse nas condições pedidas pelo operariado.

Em mais uma passagem, Vecchio apresenta mais uma participação negativa da empresa para com eles.

> A Lei n° 274 foi a primeira lei de oito horas que veio para nós, os empregados dos bondes da Companhia Carris e Energia. Foi uma lei em separado. Os comerciários já tinham recebido a lei e estavam lutando pelo seu cumprimento; os operários metalúrgicos também receberam e assim foi indo, a nossa foi a última. Mesmo assim, os americanos descumpriam, e nós íamos brigando, e a Delegacia do Trabalho fiscalizando. O primeiro inspetor do Trabalho do Rio Grande do Sul chamava-se Ernani de Oliveira. Era tipo patife, "comedor de bola", não valia nada! E vieram dois fiscais com ele, um chamava-se João Latoada – havia sido entregador de pão aqui em Porto Alegre – e outro, um velhinho – um velhinho muito bom, coitado, morreu já faz tempo – professor Israel Rangel. Mas eles não adiantavam nada, porque iam a Carris, lançavam os autos de infração contra a inobservância dos direitos adquiridos e lei de oito horas, mas quando a autuação batia na gaveta do tal inspetor Ernani de Oliveira, ele engavetava ou inutilizava, não dava bola; e o americano passava o troco para ele, um patife de um vendilhão. (VECCHIO, 1986, p.13)

Esse trecho da narrativa de José Vecchio contribui para confirmar mais uma forma de impedir que os operários conquistassem os direitos que lhes eram devidos, incluindo a legislação, que já havia sido aprovada. O decreto destacado por ele traz um aspecto que as categorias como um todo buscavam: a redução da jornada de trabalho. Ainda que a legislação nacional só fosse ocorrer em meados de 1932, já surgia uma esperança específica para cada categoria, mas que era ignorada pelo grupo americano.

Ainda nessa passagem, ele aponta a presença de dirigentes da Delegacia Regional do Trabalho (DRT), que faziam essa ligação com o Ministério do Trabalho, que, a partir desse momento, aparece como um componente central na

intermediação entre patronato e operários. Porém, nessa situação ao longo desse primeiro governo Vargas, esse órgão, que deveria ser o principal agente fiscalizador de que as leis impostas pelo Estado eram realmente cumpridas, acaba sendo colocado na figura de Ernani de Oliveira, que se torna um inspetor que, com suas ações, defende o empresariado.

O inspetor Ernani se tornou uma figura extremamente negativa, já que sua posição deveria ser de manter uma relação entre os trabalhadores de todas as categorias e o patronato em equilíbrio. Porém, o que foi visto por parte da classe trabalhadora foi um retrospecto no qual o favorecimento aos patrões se deu com muito mais frequência do que um real apoio aos trabalhadores. Em outro cenário,

> (…) ouviu de Ernani de Oliveira, o todo-poderoso diretor da Inspetoria Regional do Trabalho (IRT), órgão diretamente ligado ao Ministério do Trabalho, que no Rio Grande do Sul, as soluções das questões sociais não tinham interferência da política. No dia seguinte, visitou fábricas, acompanhado do prefeito Alberto Bins. À noite, foi homenageado pela FORGS, na sede da entidade. Ali, o presidente Leopoldo Machado reclamou da atuação de Ernani de Oliveira em favor dos patrões, solicitando o restabelecimento do cumprimento das leis sociais no estado. Salgado Filho respondeu que os operários o levaram ao Ministério do Trabalho, cabendo a eles e aos sindicatos a fiscalização sobre a legislação social. Concluiu afirmando que havia numerosas queixas contra Ernani de Oliveira, mas ninguém o acusava de improbidade, por isso pedia a harmonia entre os patrões e os empregados. (KONRAD, 2009, p.401)

Nesse fragmento, o autor apresenta uma passagem que mostra as relações entre entidades operárias e as configurações do governo com seu caráter conciliador. Porém, é importante salientar alguns pontos desse trecho: Ernani de Oliveira dá a entender que as decisões tomadas em relação às questões sociais não são de cunho político, porém as atitudes em vários momentos mostram o governo mantendo o cenário repressivo e nem um pouco atuante na defesa das legislações criadas até aquele momento.

Ainda nesse período, a FORGS permanecia ativa, ainda que não tivesse a mesma força em meio ao operariado, principalmente pela nova sindicalização. Porém, ela se mostrava totalmente descontente com as direções que a DRT estava tomando em relação aos desmandos do patronato. Em questões de escala, havia uma linearidade de defesas das decisões tomadas pela inspetoria. O próprio Ministro do Trabalho, Salgado Filho, trazia a palavra de manter o equilíbrio, porém defendia a figura de Ernani como alguém de boa índole e que os trabalhadores e patrões deveriam agir por conta própria também para trazer a harmonia.

O clima de tensão que acompanha José Vecchio e demais trabalhadores vai se desdobrando de forma constante desde os primeiros anos do século XX, com a total falta de condições de vida para com os trabalhadores. As ações políticas no estado e no país direcionavam as condições para as camadas da elite da sociedade, e, com isso, qualquer movimentação contrária levava a atitudes totalmente rígidas com ações da polícia. Nessa primeira etapa da trajetória de Vecchio, fatores constituíram as suas experiências dentro do movimento operário, onde, desde muito cedo, foi colocado em situações de perigo em atividades que não deveriam ser realizadas por menores de idade, mas que, naquele momento, era algo recorrente.

Na sequência do acidente no local de trabalho que o afastou ainda mais dos estudos, sua busca em aprender um oficio parece vir, ainda que de maneira incerta, de uma consequência por ajudar na economia de casa ou até de sua própria vontade. Esse fato o levou para o meio dos transportes de bondes da cidade, atividade que seu pai já desempenhava desde o nascimento de Vecchio.

Nesse panorama, a figura do pai se torna importante, visto que, através dele, Vecchio vai adentrando aquele ambiente e conquistando espaço e cargos mais importantes dentro da Carris. Ao fazer parte de um conjunto de trabalhadores que já se articulavam em grêmios, ele acaba se deparando com um evento de extrema agressão, tornando-o, como ele mesmo afirmava, um jovem revoltado.

Esses processos vão constituir a base das lutas que ele, em conjunto com demais colegas, vão organizar com a chegada de 1930. As possíveis influências do seu pai, agregado às próprias vivências que ele vai ter desde os 10 anos, vão levar às tomadas de atitudes e constituição de ideais, que vão nortear sua liderança ao longo dos governos varguistas. Ainda é relevante apontar que, a partir de 1926, José Vecchio participava de uma diretoria que organizava eventos no bairro Menino Deus. Em uma matéria, destaca que

> Passou ontem o primeiro aniversário do “Acampamento Porto Alegrense” sociedade recreativa do bairro Menino Deus. Fundada a 8 de Novembro de 1926, por um grupo de jovens daquele arrabalde, com o fim de realizar festas campestres, bailes e outras quaesquer diversões familiares, o “Acampamento Porto Alegrense”[14]

A participação de José em atividades além do ambiente de trabalho demonstra uma presença em atividades que o cercavam. Isso é importante, pois

[14] **A Federação (RS)**, 10/11/1927, p.3. Acervo digital da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

abria uma possibilidade de relações se ampliando. Nesse acampamento para organizar festividades, ele ocupava o cargo na comissão de contas, e se manteve nesse posto por um ano. Ainda que tenha sido uma situação, a princípio, isolada, já que não foi possível visualizar nesse momento outras atividades nesse sentido, ajuda a compreender que Vecchio vai se tornar uma figura de liderança, mas que suas relações não vão se dar só em nível de espaço de trabalho, mas com pessoas no entorno do bairro e comunidade próxima, a partir de locais de lazer.

2.2. Novas legislações de 1930 e maior destaque de José Vecchio

A virada para o ano de 1930 trouxe mudanças no cenário trabalhista. As possibilidades que foram surgindo se deram de modo fragmentado e ainda superficial. Nesse cenário, a partir de Getúlio Vargas e das suas imposições, tendo como base as novas legislações, a figura de José Vecchio vai se colocar em uma condição de organizador do movimento de trabalhadores da Companhia do Carris, além de, na sequência, ajudar a articular outras categorias que queriam se constituir.

É importante destacar alguns fatos que levaram o operariado a ver Vargas como um indivíduo que pudesse modificar aquele panorama de falta de direitos aos trabalhadores. Além dessas condições, que seguiam dentro dos governos do estado, e das articulações para a Revolução de 1930, as vertentes anarquistas, comunistas e que apoiavam o varguismo se relacionavam.

Como já salientado anteriormente, até 1930, ocorreram desdobramentos importantes no meio operário, que mantiveram as lutas iniciadas antes dos anos 20, já que os eventos ocorridos em 23 não modificaram as estruturas da falta de direitos e a opressão do estado e favorecimento aos empresários.

> (...) porque à medida que o tempo foi avançando, nós, de 23 até mais ou menos 28,29, vivíamos como figuras apagadas. Éramos tão-somente uma máquina de produzir, de trabalhar e de sofrer. Decepções, dificuldades, enfim, tudo. (VECCHIO, 1986, p.7)

No seu depoimento, ele traz percepções dos sentimentos que foram se acumulando ao passar dos anos seguintes e que cercavam a vida do trabalhador. Como ele relata, os anos de 23 a 29 foram de grande perseguição policial em reuniões de organizações. Um acontecimento que ele vivenciou deixa

explícita a brutalidade na qual eles viviam diariamente, vivendo apagados no meio da sociedade. Todas essas vivências, que tanto Vecchio como demais operários sentiam na própria pele, levaram a um inconformismo que manteve o empenho em seguir lutando para modificar essa estrutura totalmente desigual.

Próximo ao ano de 1929, houve uma grande atividade grevista abarcando inclusive a Companhia do Carris, pois a situação estava se tornando quase insustentável. Os problemas aconteciam no interior das empresas, e externamente o estado não demonstrava amparo ao operariado. Sobre os motivos que levaram as articulações,

> Em setembro, cerca de quinhentos motorneiros e condutores da Companhia Carris Porto Alegrense paralisaram em solidariedade ao seu diretor demissionário, Leovegildo Paiva. Ele deixara a empresa após um desentendimento com G. E. Sands, representante da Companhia Brasileira de Força Elétrica (da qual a Carris era um ramo local) no Rio Grande do Sul, a respeito da circulação de bondes na linha Moinhos de Ventos aos domingos, em função das corridas no prado da "Protetora do Turf", implementada pelo primeiro e desautorizada pelo segundo. Queixando-se do "tratamento grosseiro" que lhe dispensara o americano, Paiva declarava que, nunca obtivera da empresa mais "conforto e vantagens materiais", mas, "como brasileiro", exigia ao menos "que lhe dispensem a consideração a que tem direito". Enquanto Dario Barbosa, 3° delegado auxiliar, era destacado para "acompanhar o movimento" peredista, Oswaldo Aranha, tentava em vão obter um acordo entre Sands e Paiva, obtendo desse o compromisso de ao menos preparar um cartaz agradecendo a solidariedade dos trabalhadores e solicitando a sua volta ao trabalho. Ao mesmo tempo que registravam as tratativas de cúpula, os jornais se inquietavam: "Estarão os comunistas em contato com os grevistas? ". O temor era despertado pelo fato de que "homens de nacionalidade estrangeira", haviam sido vistos perto da estação, sugerindo que os grevistas aproveitassem a mobilização para reivindicar um aumento salarial, o que de fato passou a ocorrer. (FORTES, 2001, p.456)

Essas condições estavam ligadas a uma mudança no comando da empresa. Próximo à data das manifestações, ela havia sido vendida a um grupo americano, que despertou insatisfação, fato esse já destacado anteriormente. Em meio a diversas ocorrências que permeavam o ambiente operário, uma esperança ia surgindo para novos tempos a partir de 1930.

Com a possibilidade de uma nova configuração, que, em um primeiro momento, surgia como uma possibilidade de melhoria. Essa condição se daria a partir de Getúlio Vargas, uma figura que despontava com as disputas políticas ao longo de 1920; porém, logo após assumir o poder, as condições não se modificaram da forma esperada.

No campo político, a presença de Borges de Medeiros como presidente do Estado era vista com grande medo por parte de Vecchio e da maioria dos

trabalhadores, já que o mesmo fazia parte do conjunto de medidas que favoreciam os patrões e oprimiam qualquer movimento grevista vindo dos trabalhadores. Nas palavras de José,

> Porque no tempo do dr. Borges de Medeiros[15], a gente tinha muito pouca coisa. E havia muita judiaria, não é? A brigada matava gente a porrete... Era muita violência, ele era um homem terrível. Raquítico, franzino, mas era um homem respeitado e, diga-se de passagem, foi um homem honrado. Todo mundo o chamava de ladrão, disso e daquilo. O homem morreu em Caçapava, numa fazendola que tinha quando substituiu o Júlio de Castilhos. O que tinham dado para ele aqui, ele devolveu tudo ao estado. (VECCHIO, 1986, p.10)

É possível verificar, com destaque, que Borges de Medeiros permeou todo o período em que Vecchio desempenhava funções empregatícias em variados locais. Essa condição exercia influência total no fato de que realmente Medeiros foi um dos grandes responsáveis por parte das atitudes do Estado repreendendo as ações grevistas e de mobilização. Porém, parte da sua fala se contradiz, pois aponta o quão terrível foram os tempos de governo; porém também complementa que foi um homem muito honrado.

É difícil encontrar motivos para que Vecchio tenha essas visões divergentes, porém vale destacar que, ao longo de sua infância e começo dos estudos, foi pela ajuda de Borges de Medeiros que ele pôde ter acesso, de maneira gratuita, ao ensino. Em contrapartida, seu pai sempre se dizia oposicionista aos governos de Castilhos e Medeiros, e, assim como em outros momentos, a influência do pai de José foi extremamente relevante na constituição dos posicionamentos. Em geral, o conjunto de ocorrências e posições sobre o governo de Borges de Medeiros constitui a complexidade dessa visão divergente de Vecchio.

O processo de esperança em Getúlio Vargas se destaca não apenas na sua eleição para presidente do Estado, mas também nos acontecimentos de 1923. Na concepção e discurso do próprio José Vecchio, os fatos de 23 criaram as bases dos “alicerces da libertação do povo”, e deram os vislumbres de uma

[15] Francisco Borges de Medeiros foi um dos principais nomes da política no sul do pais. Foi presidente do estado entre os anos de 1913 a 1928 pelo PRR (Partido Republicano Riograndense. Após a morte de Júlio de Castilhos se torna o principal líder do partido e figura central das rupturas que vão surgir já a partir de1923 com o pacto de Pedras Altas, onde é acertado uma paz política no estado e a mudança na constituição sobre reeleição, levando a eleição de Vargas em 1928 e mantendo o PRR mais um período no poder do estado. Borges de Medeiros ainda irá apoiar Getúlio no golpe de 1930, mas logo se colocara na oposição pelo modo centralizador que ele irá colocar no âmbito federal, fato esse que o partido republicano era totalmente contrário.

real melhora. Ele relata que, em 1923, com 14 anos, foi a primeira vez que ele viu Vargas pessoalmente, em uma de suas visitas ao Rio Grande do Sul durante os conflitos federalistas.

Após assumir o governo em 1928, Getúlio vai se tornar, para José e demais, uma referência por ser um indivíduo que se fazia ativo no cenário político e dava indícios de que poderia estabelecer condições minimamente dignas. Em uma passagem Vecchio, assinala:

> Quando houve as eleições para a presidência da República, eu votei no dr. Getúlio Vargas. Eu já era eleitor. Tinhas as seções, os comitês, as seções eleitorais, então a gente ia lá, inscrevia-se, depois registrava-se no tribunal e recebia o título de eleitor. Já fui votar no dr. Getúlio Vargas e tenho o título guardado. Pensei: “Se este homem veio por força de uma revolução e vem galgar o governo legalmente pela Constituição da época, ele vai fazer alguma coisa por nós”. Porque no tempo do Borges de Medeiros, a gente tinha muita pouca coisa. (VECCHIO, 1986, p.7-8)

Esse trecho constitui, de forma geral, o quanto representava aquela alteração, ainda que não fosse uma real mudança, já que Vargas era uma manutenção do PRR. Porém, o que dava esse senso da chegada de condições justas era a modificação do indivíduo. Como citado anteriormente, Medeiros se tornou um personagem extremamente terrível pelo modo como agia frente ao operariado. O curto tempo no governo do Estado não foi suficiente para que, pelo menos, uma parcela dos operários duvidasse das suas decisões, e, como, em nível nacional, não havia melhorias, Getúlio desponta como solução.

Os eventos que constituíram a aliança liberal e deram a Vargas o governo federal provisório aconteceram em diversos pontos do país e com certa maioria no RS, principalmente na capital porto-alegrense. Uma das articulações se deu com a tomada dos quartéis, na qual tenentes que faziam parte do movimento buscavam desarticular militares que apoiavam o governo de Washington Luís. Um desses casos se liga diretamente a José Vecchio, que, em um dia de trabalho como inspetor dos bondes no bairro Menino Deus, acabou sendo levado em conjunto com um grupo de 45 pessoas para invadir o 4° Batalha da Cavalaria de Porto Alegre. No seu relato,

> Uma ocasião, eu era inspetor de bonde no bairro do Menino Deus, eram quatro e pouco da tarde, quando desligaram a chave de luz, desligaram a força, parou tudo na rua.... Vinha um ônibus daqueles abertos assim, primários, e eu estava parado no meio da rua. Uns caras me agarraram pelo braço, fizeram-me embarcar no ônibus, me deram um revólver 38 e duas caixas de bala, para tomarmos o quartel do 4° Esquadrão de Cavalaria, que ficava na rua Correia Lima – antigamente chamávamos Laboratório – aqui no Menino Deus também. Então, o que aconteceu? Na José de Alencar tinha um chalé

> de um preto velho que tinha umas taquaras que davam fundos para o quartel, e nós recebemos ordem de comando para nos atirarmos no chão, para fazer a tomada, e saírmos nos arrastando. Começamos a dar tiro de revólver para o quartel, eu pensei: “Vamos morrer todos, no momento em que a metralhadora começar a comer aqui, está tudo morto” – eu não tinha dúvida nenhuma – “mas não temos nada, temos que atirar, ou mata ou morre”. (VECCHIO, 1986, p.16)

O primeiro momento do relato de Vecchio desse acontecimento apresenta alguns pontos importantes. Logo de início, ele narra a forma abrupta como foi levado para o ato. Esse fato deixa uma grande interrogação sobre o real motivo dele ter sido pego, porém, algumas possibilidades podem ter levado à atitude.

Uma das condições pode ter sido o fato de José Vecchio ter sido um operário que vinha emergindo nesses últimos anos de 20, tendo ele sido preso para prestar depoimentos em vários momentos que a polícia levava a repressão ao local de reunião dos trabalhadores da Carris. Outra possibilidade vinha do fato do grande apoio que ele e demais operários davam a Vargas, nesse cenário, já sendo conhecidos por já despontarem no cenário operário. Além dessas condições, o fato de terem pego José sem explicação e inesperadamente dá a abertura para que esse ato tenha sido apenas um acréscimo ao grupo já formado, ainda que as demais possibilidades se destaquem como as mais viáveis.

No momento em que eles chegam até o local, algumas coisas chamam atenção na sua fala. Em nenhum outro momento do seu discurso ou em outros fragmentos, aparece algo relacionado ao uso de armas, e, com isso, é difícil ter a compreensão das ações que ele tomou em um ambiente de extrema pressão, já que uma das possibilidades é que ele tinha sido obrigado a estar naquela situação. Caso o ato tenha sido inesperado, porém ele já tivesse conhecimento dos eventos que estavam ocorrendo, sua descrição de um pensamento que passou naquele momento vai de encontro ao fato de que, apesar de estar naquela situação em que corria risco de vida, ele não tinha nada e que poderia valer o risco de apoiar aquela provável mudança com Getúlio, dando melhores condições a ele e ao coletivo.

A sequência da sua narrativa apresenta maiores detalhes dos acontecimentos que se desdobraram com a tomada do quartel.

> Em seguida nós estávamos sob o comando de um tal tenente Pimentel, que havia sido expulso do Exército como mau elemento. Quem havia expulsado era aquele coronel que comandava o 4° Esquadrão de

> Cavalaria, que nós tínhamos tomado. E quando entramos no quartel encontramos aquele homem em mangas de camisa. Ele tirou a parabélum da cinturam, porque tínhamos atirado e disse: “Bem, eu entrego a guarnição aos senhores, mas não vou aderir a Revolução”. Esse Pimentel agarrou a parabélum dele e disse: “Não, ‘tu é’ um canalha mesmo”. Matou o homem com dois tiros. (...) Nós éramos comandados! Mas eu fiquei com vontade de dar um tiro nele! Pensei: “Vou matar este desgraçado, mas é revolução, eu mato, não vou brigar mais, eles vão me encostar ali na parede e me liquidam”. Pois ele tinha outros, que eram seus companheiros que haviam presenciado, é claro que não iam defender um operário que levaram agarrado na rua... Dali nós saímos, fomos lá para a antiga Subsistência do Exército, no bairro Santana, e brigamos uma noite inteira, ali e na Escola de Guerra. Dali saímos, para o 7° Batalhão de Caçadores, onde conheci um homem valente: era um tenente; ele solito; assestou uma metralhadora na frente do quartel, no portão, e os soldados todos adediram a revolução. Ele solito, só entregou o quartel quando o matamos, mas deu tiro de pamparra! (VECCHIO, 1986, p.16-17)

Essa segunda parte se torna importante para compreender a sucessão de atos que foram surgindo a partir do momento em que eles chegam ao local da ação. Seria de grande relevância ter maiores registros que apresentem percepções desses acontecimentos, porém, nessa situação, a intenção é perceber os pontos relatados e como eles se tornam importantes vínculos com a chegada de Vargas ao poder e a renovação da esperança em dias melhores e maior liberdade.

O fato descrito por Vecchio quanto ao assassinato que ele presencia se torna algo extremamente marcante. Próximo a esse acontecimento, que já havia acontecido 10 anos antes, a repressão da polícia levou à morte de dois operários. A sua revolta ao ver aquele ato demonstra que ele realmente estava naquela situação por pressão e por ter sido obrigado, pela força, no momento em que foi pego no local de trabalho. Porém, mais à frente não fica claro se diretamente ele teria causado a morte do outro tenente, ou se apenas por estar inserido naquele conjunto e ele não poderia fazer nada de diferente.

Ele deixa exposto que a situação de estar ocorrendo uma revolução é um sinal de que valia tudo e que, se ele demonstrasse qualquer pensamento contrário às atitudes que estavam ocorrendo, ele poderia ser morto sem que pensassem duas vezes. Toda essa situação amplia o questionamento acerca de se outros operários faziam parte desse ocorrido, pois ele não deixa essa possiblidade exposta, mas sim que, nesse momento, a maioria era companheiro de Pimentel, um tenente, que foi expulso do exército e articulador daquela ação.

Ainda sobre esse processo, ele fala que

> A medida que a gente tomava os quartéis, os soldados aderiam, aderiam todos, vinham os superiores, e então foi engrossando o movimento. Uma tarde, uma noite e um amanhecer e terminou a revolução aqui em Porto Alegre. Depois teve no interior, mas foi rápido também. Aquilo foi uma passagem, porque ela foi muito bem coordenada. (VECCHIO, 1986, p.20)

À luz do desfecho dessa sucessão de acontecimentos, a partir do relato de José Vecchio, fica evidente de modo geral a complexidade dos atos. Sua fala se coloca pertencente à tomada dos quartéis, e, em conjunto desse fato, ele se sente parte de um movimento que poderia modificar a situação coletiva do operariado.

É perceptível ainda ver a mudança de posição, visto que ele teria sido levado à força e vivenciou a morte de duas pessoas, ainda que, como ele mesmo dizia, isso fizesse parte de uma revolução. A sucessão dos atos poderia ser colocada como uma situação que deveria ter marcado sua trajetória negativamente. De modo geral, os eventos foram profundos e marcaram os anos seguintes de sua vida, porém, por estar vivendo em condições precárias de trabalho e de vida, havia a possibilidade de almejar uma maior liberdade e direitos trabalhistas dignos.

Desse modo, a linha de virada para 1930 trouxe consigo acontecimentos de uma revolução. Este ato, que colocou Vecchio, participante direto do processo e combinado com um ideal de que Getúlio seria a figura que traria a real mudança, ações que, ainda que complexas, tinham como objetivo central a melhora da vida operária. Isso foi levando José a se tornar uma liderança em meio ao coletivo que o cercava, e constituir um conjunto consciente na luta operária, por maiores espaços na sociedade.

Sendo instaurado o governo provisório de Getúlio Vargas, foram postas mudanças na legislação dos direitos dos trabalhadores, que passaram pela criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (MTIC), e as organizações sindicais. Essas condições foram abrindo algumas possibilidades de organização operária. Como destacado anteriormente, a formação de entidades sindicais foi se desenvolvendo ao longo da primeira parte do século XX e influenciando nas estruturas das articulações de 30.

Até aquele momento, grande parte do operariado tinha apenas os movimentos de greve para lutar contra as más condições de vida e a falta de direitos. Em meio aos conflitos da deposição de Washington Luís, ocorria uma

atividade grevista na Companhia da Carris. Uma matéria do jornal *Estado do Rio Grande* noticiava que

> Com real surpreza, sexta-feira última, a população de Porto Alegre viu-se de um momento para o outro, privada dos serviços tramviários, que aqui são explorados pela Companhia Carris Porto-Alegrense. E que a maioria do pessoal do trafego dessa empreza, em face de reclamações diárias e da irritação pública, provocada pelo horário extremamente apertado de diversas linhas do desejo de verem uniformizados os seus salários e de terem um novo systema de fiscalização, esse pessoal, dizíamos resolvera declarar-se em greve pacifica.[16]

O noticiário discorre a respeito do começo da greve, mas apontando os problemas que esse ato estava causando ou iria causar nos usuários. Essas definições somam-se ao modo como grande parte da sociedade visualizava as mobilizações dos trabalhadores, principalmente por parte do patronato e dos governos. No trecho destacado, é dito que aquele que usa o serviço é que estariam sendo explorado pela empresa, pois o serviço da companhia não vinha atendendo às mínimas condições.

Em um relato de Vecchio, ele destaca a questão de carros em péssima condição antes do grupo americano assumir, e que, após a situação, não haviam melhorado. Além disso, como dito em um outro momento, o ambiente se tornou terrível para os funcionários. O conjunto de atitudes da empresa só deixava a opção de ações grevistas, porém esse ato era reprimido pela ação policial e justificado por alguns jornais, que relativizavam as atitudes de impedir qualquer movimento, mesmo que fosse pacífico.

Durante o ato, dois motoristas foram presos por incentivarem os demais a somarem-se à mobilização. Essas ações acabaram levando às ações policiais e à sua demissão. Essa sucessão de atitudes só vem a confirmar os modos de reprimir os operários que se articulassem e exigissem melhores condições do que as que tinham. Ainda vale destacar que, na nota do periódico, é ressaltado que a presença da polícia em conjunto com o afastamento de alguns trabalhadores colocaria o tráfego em normalidade.

Já nos primeiros anos, os obstáculos frente aos trabalhadores continuavam. A gestão estatal sobre as organizações sindicais colocava restrições às possíveis mobilizações, além de se colocar ao lado dos empresários, mesmo apontando que o intuito era conciliar ambos os lados. Nesse cenário, é importante destacar a descrição de Vecchio sobre a criação do

[16] **Estado do Rio Grande: Companhia Editora Rio Grandense (RS),** 21/11/1930, p.6

sindicato da categoria. Segundo ele, algum tempo antes, havia sido criada a Caixa de Aposentadoria e Pensões (CAP)[17], e, após conversas com outros trabalhadores e terem tomado conhecimento do decreto 19.770[18], houve a intenção de pôr em prática a organização sindical.

A criação do Sindicato dos Empregados em Tramways e classes anexas se deu entre os anos de 1931 e 32, já a partir das determinações impostas pelo governo provisório. Segundo José Vecchio, partiu dele a ideia de criar uma entidade que pudesse ser uma frente às reivindicações que lhes eram negadas. Para ele, o ato de organizar representaria risco, já que ficava cada vez mais evidente que os novos donos da Companhia se mostravam intolerantes a ações de mobilização, e, nas palavras do operário, também pagavam outros funcionários e inspetores para evitar que direitos maiores fossem conquistados.

Ele destaca com maior detalhe o processo até a aprovação do Ministério do Trabalho, depois de sugerir a organização para um amigo que era motorneiro.

> Ai eu disse a ele: "Vamos organizar o nosso sindicato". "Vamos". Tinha um preto que dirigia a Associação Cívil do Pedreiros, aqui no bairro do Caminho do Meio; ele era um homem esclarecido e preparado. Ele tinha uma cópia dos estatutos, e fomos conversar com ele. Ele disse: "Olhem, eu tenho essa cópia aqui, vocês levem, que esta aqui enquadra na primeira sindicalização, quer dizer que terá que se enquadrar pelo Decreto n° 19.770". Foi o primeiro decreto sobre a sindicalização, quando Getúlio já estava na presidência da República e o ministro era o Lindolfo Collor. (VECCHIO,1986, p.11)

Neste trecho, fica clara a relação entre categorias. Para a criação do sindicato da Companhia do Carris, precisou da ajuda de outros trabalhadores que já tinham a ciência dos novos termos e, nesse caso, um dirigente de uma importante associação operária. O cenário mostra que a coletividade entre as categorias foi de extrema relevância nesse momento, pois as informações circulavam.

Ainda que Vecchio se apresentasse como uma liderança que coordenou a criação da entidade e que iria se ampliar ao passar dos anos seguintes, a conexão com demais trabalhadores de várias áreas levava a uma integração de experiências, como já vinha ocorrendo ao longo do período republicano.

[17] A Caixa de Aposentadoria e Pensões foi a lei criada em 1923 que previa contribuição de patrões e operários no pagamento de aposentados e pensionistas, e foram as primeiras bases dos institutos de previdência criados nos anos seguinte.

[18] O decreto 19.770 de 1931 dava origem a Lei de Sindicalização, tendo como objetivo estruturar as organizações sindicais de empresários e trabalhadores, que tivessem estritamente ligados ao Estado.

Ao final dos anos de 1931, uma matéria do jornal *A Federação* destacava a viagem de Lindolfo Collor, ministro do trabalho naquela ocasião, para a cidade de Porto Alegre. Na matéria, era exposto que ele seria recebido por várias organizações sindicais com o intuito de homenageá-lo. Estava presente nessa reunião o sindicato do Carris, através de Waldomiro Ferreira da Silva. Além da homenagem, foram discutidas ideias, já que o processo das novas legislações estava apenas no seu início e causava alguns questionamentos.[19]

Após ter sido aprovada a criação do sindicato, apesar da forte articulação de Vecchio, quem assume a presidência é seu colega motorneiro Atanagildo dos Santos. Ao ser perguntado se esse seu amigo tinha alguma liderança, José responde afirmativamente, alegando que se tratava de um sujeito calmo e acatável, diferente dele, agitado e meio bravo, como o seu pai lhe dizia: “Não te mete nisso agora, só ajuda. Você é esclarecido, ajude, mas não vá se meter, porque vai fazer besteira, vai apanhar da polícia”[20]. O fator de revolta vai influenciar no modo como ele vai agir ao longo de todo processo, pois, apesar de defender certos ideais, também fazia um enfrentamento com diferentes lideranças aliadas.

Porém, a nova legislação sindical veio acompanhada de diversas restrições. Além das questões que cercavam a empresa americana que havia comprado o Carris, as reuniões feitas pelo sindicato eram estritamente pressionadas pelo Estado. Vecchio destaca que

> (...) nós não tínhamos condição de fazer uma sessão na sede do sindicato sem pedir licença à Delegacia do Trabalho, que mandava um fiscal assistir à sessão, e outra licença à Ordem Política e Social, que mandava um inspetor de polícia. O inspetor sentava-se à mesa da direção do sindicato junto conosco, para fiscalizar os nossos gestos e as nossas palavras. Não houve liberdade absolutamente nenhuma. A prova é que nas assembleias gerais que nós fazíamos, quando um companheiro levantava e clamava por justiça, por direito ou por pão – por qualquer coisa necessária à existência da criatura – saia dali preso pela Ordem Política e Social e era enclausurado no xadrez como um reles criminoso, assim como se fosse um tipo qualquer. E o sindicato, que tinha seus advogados, não tinha sequer autoridade para tirá-lo dali. A polícia o largava quando bem entendia, e dávamos graças a Deus quando ela não dava uma surra no companheiro. Naquela época eu ainda não tinha sido preso; depois é que fui. (VECCHIO, 1986, p.13)

Na sua fala, fica clara a situação em que eles se encontravam. A pessoa que eles imaginavam como um ponto de melhoria manteve a rigidez de governos

[19] **A Federação (RS)**, 27/10/1931, p.4.
[20] VECCHIO, José. **Depoimento**, 1986, p.14.

anteriores. Mesmo com alguns direitos conquistados, esses grupos sofriam todos os tipos de repressões e prisões, chegando até mesmo a agressões físicas. Esses desdobramentos levantam as questões sobre essa relação, que, ao longo de muitos anos, fora colocada como trabalhadores inertes que apenas aceitavam as condições que lhes eram dadas; porém, era, então, possível perceber que a realidade era diferente, pois os operários se mantinham no enfrentamento, não se mostrando satisfeitos com as estruturam que eram formadas.

Ao passar de um curto período com essas dificuldades que ainda se mantinham, Vecchio segue na direção e a presidência continuava com Atanagildo. Um dos primeiros secretários, chamado Artur Rocha, acabaria tirando sua própria vida.

> Ele era mecânico-torneiro da Companhia Carris. Disseram que iam demiti-lo, botar na rua, porque ele estava fazendo parte da direção do sindicato. E o homem foi um pouco fraco. No dia seguinte ele comprou, numa ferragem, cianureto de potássio, veneno, e uma gasosa. Na hora do descanso – o almoço era dentro das oficinas mesmo – ele botou no copo cianureto com gasosa, bebeu e matou-se em cima do torno em que trabalhava. Suicidou-se porque não teve resistência para enfrentar a perseguição movida contra o sindicato e contra os que dirigiam. (VECCHIO, 1986, p.14-15)

O peso desse relato recai sobre a permanente pressão que a empresa jogava sobre os trabalhadores, os levando até mesmo a tirarem a vida. Desde o começo do grupo americano agenciando o transporte de bondes na cidade, a situação do operariado se torna cada vez mais insustentável. Os próprios relatos de Vecchio destacam as variadas formas de perseguição e aliciamento para gerar conflito no interior do ambiente de trabalho.

A morte desse funcionário, narrada por José, exemplifica a extrema pressão, com o adicional de que o foco era desorganizar a sindicalização crescente dentro da companhia. Os fatores que levaram à sua morte são complexos, mas, partindo das questões mais expostas, fica o medo de ser demitido em um momento de instabilidade econômica no país, portanto maiores dificuldades em conseguir um novo emprego. É importante assinalar questões psicológicas que possam ter se somado para que ele tenha cometido o ato em si.

Vale destacar o modo como José Vecchio compreende essa situação. Para ele, a atitude de seu companheiro foi uma ação de alguém frágil e que não conseguiu resistir à pressão. Porém, sua visão estava direcionada ao que seria um modelo de militante operário que deveria aguentar as ameaças, e, em suma,

se colocar como um espelho frente aos outros, servindo de exemplo para aquelas figuras que participavam das organizações operárias e que deviam se portar da mesma forma.

Esses primeiros anos de sindicalização mantinham os trabalhadores ainda com receios, pois pouco havia mudado desde a esperança que haviam depositado na figura de Vargas. Ao longo dos anos de 1932 até 1934, é visto em pelo menos um dos principais periódicos da capital daquele período que foram chamados para reuniões com o inspetor Ernani, ao mesmo tempo um dos principais vínculos com o MTIC, para exigir que os empregadores cumprissem as legislações em vigor. Também era ele a figura que, na visão de Vecchio, articulava a favor dos patrões.

Durante esse período, também se davam as reuniões na sede do sindicato entre os operários, mas que, em sua grande maioria, era acompanhada por um representante da Delegacia Regional do Trabalho (DRT). Caso a reunião se desse clandestinamente e fosse descoberta, a polícia era acionada e eles eram pressionados a prestar esclarecimentos dos assuntos que estavam sendo discutidos.

Com isso, é possível perceber que, nos primeiros momentos de governo varguista, não se modificava o modo de tratamento aos trabalhadores. A aparente liberdade, que era tão buscada, se tornou algo quase inexistente, pois as novas legislações apresentavam alguns novos direitos. A repressão do Estado se mantinha, e, como Vecchio aponta, eles só tinham como possibilidade seguir lutando para que os direitos fossem cumpridos. Além disso, havia, em alguns momentos, o contato direto de Vecchio e demais companheiros com Getúlio. Nos períodos em que ele ia até Porto Alegre, eles levavam as reivindicações

> Ele nos recebia muito bem, ele era um homem fino, educado, então nós entregávamos a ele, ele lia um pouco e tal e dizia: “Está muito bem, vocês devem continuar pedindo, mas acontece que o que vocês pedem que eu faça por vocês, há um outro grupo que pede para que eu não faça” – querendo que ele tinha quem lhe fizesse pressão contrária – “mas estudarei”. (VECCHIO,1986, p.19)

Seria interessante compreender como se davam essas reuniões, se havia um acordo predeterminado de encontros com aquele operariado sindicalizado, tendo um representante de cada categoria, ou se elas se davam individualmente. E, nas palavras de Vecchio, o direcionamento era sempre o de que o governo buscava essa harmonia entre as classes e que defendia essa ação por parte

deles exigindo seus os direitos. Porém, o panorama demonstrava outra situação, na qual as condições de paz e maior liberdade ficavam no papel e os atos apontavam o oposto. Um ponto também importante nessas reuniões dá conta dos primeiros contatos que José Vecchio teve com Getúlio Vargas, e que serão ampliados no decorrer dos anos 40.

Havia variadas situações ocorrendo tais como esse ambiente urbano de conflitos e articulações e a circulação de vertentes comunistas e anarquistas nas organizações sindicais. Para Vecchio, as relações se davam a partir de

> Mas houve as disputas, as divergências de pontos de vista políticos. Tinha por exemplo, nós, que não erámos políticos, mas que admirávamos a personalidade de Vargas, desde que ele foi presidente do estado do Rio Grande do Sul. E que após ter ele mesmo liderado a Revolução de 30, assumiu o compromisso de dar aos trabalhadores aquilo que estivesse ao seu alcance. É o fato que relatei: a divergência havia. Tinha os anarquistas, que organizavam algumas instituições, mas exploravam politicamente, e se revoltavam, acirravam os ânimos contra aqueles que não se submetiam ao ideal por eles defendido. Tinha os comunistas, que entendiam que pelo fato de sermos trabalhadores deveríamos ser comunistas; e nós, de nossa parte, julgávamos que se eles, mais antigos na vida política, anarquistas e comunistas que vinham de além-mar, não tinham feito até aquela data nada em beneficio deles – ou daqueles de quem eles se diziam representantes – por que deveríamos formar com eles? Para ficarmos parados no tempo e no espaço? Não tinha cabimento. (VECCHIO, 1986, p.23)

Esse processo de relações se torna extremamente importante, pois a troca de experiências complementou o desenvolvimento das entidades que estavam se originando em 1930. As duas vertentes citadas por Vecchio foram grandes influências na formação das associações criadas ao longo da primeira parte do século XX. No caso do anarquismo, com grande presença na FORGS já a partir de 1906, e o comunismo a partir de 1920.

Pela visão de José Vecchio, essas duas vertentes não teriam motivos para exigir que eles seguissem os ideais, pois, até aquele momento, não haviam conquistado nada pelo movimento. Um dos motivos dessa percepção podia vir da sua pouca vivência nessas organizações que se desenvolviam com grande força.

No início do século, ele ainda não havia nascido e somente em meados de 1928 ele chega à maioridade, ainda que tenha vivido muitas experiências até aquele momento. Entretanto, poderia não ter conhecimento dos grupos que o cercavam. No momento em que Vecchio começava a crescer no ambiente de

luta, essas vertentes começaram a ter um declínio de presença e, com Vargas, acabam sofrendo com a perseguição.

Muito provavelmente por esse motivo, José não percebia a real importância dessas linhas na influência das novas organizações sindicais, ainda que em um novo campo de sindicalização. Ainda é importante salientar que essas duas vertentes se manteriam ao longo do governo provisório e do Estado Novo, presente na base de muitas entidades.

Esse grupo, no qual José Vecchio estava inserido, fazia parte de uma nova concepção e de estruturação da sociedade. Ainda que uma boa parte dos trabalhadores já vivenciasse a presença de associações importantes e lideranças anarquistas ou até mesmo comunistas, como a FORGS, esse novo momento dava aos indivíduos que foram se formando, ao final da década de 20, características que anos mais tarde vão levar a conotação de getulistas, que defendiam a figura de Vargas, pelas possibilidades que deram a margem para que eles angariassem mais direitos.

Ainda sobre esses desdobramentos, vale destacar uma descrição da autora Gomes (2005).

> Neste ano, o perfil do movimento sindical é mais nítido. De um lado, existia um sindicalismo atrelado ao Ministério do Trabalho, composto por entidades em parte reais e em parte fictícias, e, de outro, havia sob controle de lideranças de esquerda. Evidentemente, havia associações indefinidas e outras onde o confronto era aberto, mas elas estavam fadadas a ser absorvidas por um ou outro lado. (GOMES, 2005, p.176)

O destaque que a autora aponta deixa claro mais um ponto dessa relação entre sindicalizados com base estatal com aqueles que ainda mantinham suas origens da esquerda. Essa condição soma-se ao conjunto de situações complexas que se mantiveram até meados de 1935, quando essas influências mais à esquerda começaram a perder força com a perseguição iniciada pela Lei de Segurança Nacional.

O pensamento de Vecchio também vinha de encontro ao fato de que havia, de certo modo, uma troca entre os trabalhadores e o governo. Se, em um primeiro momento, Vargas impusera uma base estatal forte e pressionou o operariado a seguir os novos critérios, do outro lado, estavam os operários que seguiam na luta por melhores condições e viam na nova legislação criada um panorama de uma melhora real nas condições de vida.

Com esses dois principais fatores, é criada essa relação em que os trabalhadores seguiam as ordens impostas para que os diretos não fossem

retirados e, ao contrário, ampliados. O modo de pensar desse grupo do qual José Vecchio fazia parte se baseava no fato de terem integrado uma articulação que conquistou aqueles direitos e que não deixaria de seguir aqueles ideais por indicações de outras vertentes.

O ambiente, durante aquele período, se tornava cada vez mais complexo. Não obstante, todas as situações e relações com outros grupos e outras vertentes contribuíram para que, ao longo dos anos 30 e depois 40, o coletivo se tornasse mais forte, não apenas entre trabalhadores de uma mesma área, mas entre várias categorias.

Durante os primeiros anos até a Constituição de 1934[21] e até 1937, o Estado do RS foi comandado por José Antonio Flores da Cunha[22]. Sendo um dos principais nomes do PRR e apoiador do primeiro governo de Vargas, acabou sendo esse vinculado aos condicionamentos feitos pelo âmbito federal. A partir de uma passagem no relato de José Vecchio sobre como a situação se mantinha em relação ao tratamento do governo ao longo desse primeiro momento da sindicalização, na sua visão,

> As prisões eu recebia, porque nós não tínhamos liberdade, desde a primeira lei sindical, e também na segunda, a liberdade não existia. Não que o Getúlio mandasse perseguir alguém, não absolutamente! Eram atos e atitudes dos homens que governavam os estados, e nós aqui estávamos subordinados a uma vida agitada, provocada por Flores da Cunha, que era um homem que não conhecia movimento operário. Era bacharel em direito, general honorário do Exército e da Força-Pública, da Brigada, era um homem só. Um caudilho legitimo.
> Então, ele se assessorava por elementos que eram contrários à organização do trabalhador. Eles não gostavam dessa organização, eles apenas a aturavam porque tinham medo de que Getúlio pusesse o dedo na moleira deles! Mas as arbitrariedades, Getúlio não podia evitar. (VECCHIO, 1986, p.28)

Nesse trecho, fica claro que ele via essa sequência de ataques às organizações como algo vindo apenas de Flores da Cunha. Já nesses

[21] A constituinte de 1934, dava ao governo provisório Vargas outro caráter que teria até 1937 com o golpe do Estado novo. Dentre as alterações, a constituição aprovada, mantinha os pontos aprovados em 1891, e adicionou novas condições, dentre elas vale destacar, a criação da Justiça eleitoral, além do voto secreto, o voto feminino, legislação trabalhista acrescentando previdência social, jornada de trabalho de 8 horas, férias e salário mínimo. Além disso dava a entender que haveria uma autonomia dos sindicatos, porém seguiam totalmente atrelados a figura estatal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm. Acesso em: 20 de Jun. de 2021.

[22] Flores da Cunha, filia-se ao PRR já em 1909 e começa sua vida política como deputado estadual, já em 1917 se torna intendente provisório de Uruguaiana, ao longo de 1923 ele é indicado por Borges de Medeiros a coronel e comandante da 2° Brigada provisória. Até 1928 foi eleito deputado federal, até chegar ao senado, chegando a interventoria do estado em 1930, sendo nomeado por Vargas. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-antonio-flores-da-cunha Acesso em: 20 de Jun. de 2021.

momentos, a visão que tinham de Getúlio era positiva, pois o processo anterior se baseava na confiança de que ele poderia executar ações que trouxessem mudanças para melhor. Porém, a situação não se dava de modo tão simples como Vecchio apresentava. A figura de Flores, de certo modo, era como uma extensão das propostas colocadas por Vargas.

Sobre essa perspectiva, vale ressaltar o trabalho de Elíbio Júnior (2006), que destaca essa relação do âmbito federal e estadual. Nas figuras de Flores da Cunha e Vargas, na sua descrição,

> Julgando "justas" as reclamações dos operários, Flores alegava aos grevistas que para serem atendidos pelo governo, deveriam regressar ao trabalho, ficando depois o próprio interventor no "dever de obter para eles a devida satisfação". Com esta medida, ele buscava transmitir ao governo federal a completa estabilidade administrativa e o controle sobre as dissidências, conflitos ou encampações grevistas. Ao enviar ao presidente Vargas a correspondência encaminhada aos "empregados dos Correios e Telégrafos", Flores procurava reafirmar seu papel de articulador político e justo governante. (ELÍBIO JUNIOR, 2006, p.198)

Em outro momento,

> O que depreendemos é que antes da constituição de 1934, quando uma nova lei de sindicalização através do art. 120 consagra a pluralidade e a autonomia sindical, o governo de Flores antecipava medidas intervencionistas através de invasão policial e destruição das sedes dos sindicatos com abundantes espancamentos e prisões. Todavia, Flores da Cunha implementa uma série de regulamentações visando a adesão das massas trabalhadoras. De certa forma, podemos inferir que ele estabelece benefícios trabalhistas esperando, com isto, obediência política do operariado. (ELÍBIO JUNIOR, 2006, p.206)

Esses dois destaques ampliam a margem para visualizar esses vínculos e modos de agir de Flores da Cunha com Vargas e com os operários. O governo do estado buscava, em suas ações, demonstrar que conseguia gerenciar conflitos e greves e conquistar a confiança a nível federal. De modo geral, as determinações eram geradas pelo sistema federal e o estado deveria seguir da melhor forma.

E, nesse processo, Flores da Cunha queria agia de modo repressivo e agressivo em muitos momentos, assim como tentava abordar de forma conciliatória – portanto diferente do que relatava José Vecchio – o modo agressivo que vinha de um conjunto proposto e não apenas do governador do RS.

Se referia ao governador do estado como um legitimo caudilho, diferente de Getúlio, ainda que as principais características que definem um caudilho se

aplicassem diretamente a ele. Ele era um líder carismático, e que fez parte de grupos militares, e sua família era dona de grandes fazendas no estado.

A partir de 1934, dentro da constituinte de mesmo ano, foi criado o decreto 24.694[23], que, dentre outras coisas, aprovava a pluralidade sindical. Esse acontecimento, para José Vecchio, tinha apenas a intenção de dividir eles, evitando que houvesse uma união e resistência. Essa mudança abria margem para que pudessem ser criadas organizações dentro da mesma categoria, dessa forma podendo ampliar o número de sindicatos ao mesmo tempo que poderia abrir margem para a diminuição da estrutura das entidades já existentes que representavam as diferentes categorias.

Com esse novo componente, nas palavras de Vecchio, essa nova condição não contribuiu para um atrito entre eles, já que "felizmente o operário compreendeu, atinou que aquilo era prejudicial." (VECCHIO, 1986, p.14). Em contrapartida, esse processo decretou a possibilidade da criação de uma União Sindical, na qual trabalhadores de várias categorias poderiam se organizar para pleitear melhores condições. A criação dessa união na capital se deu em dezembro de 1935. Em uma nota do jornal *A Federação*, é possível visualizar que a categoria da Carris se mostrava como uma liderança dessa nova base de articulação.

> (...) uma reunião dos sindicatos locais, afim de fundarem uma união sindical, que se dominará União Sindical Porto Alegrense que terá por objetivo amparar os interesses profissionais dos seus associados, de acordo com o que prevê o decreto n° 24.964, de 12 de julho de 1934. Dirigirá os trabalhos para a instalação dessa entidade, o sr. Humberto Vital Faccini, presidente do Sindicato dos Tranways tendo como secretário, o sr. Pedro Osório Rodrigues.[24]

A notícia referente à criação dessa união salienta que a reunião iria acontecer na sede do sindicato do Carris. Esse fato se relaciona com a colocação feita por Vecchio de que essa entidade, a partir das estruturas da sindicalização, buscava se apresentar como uma das principais representantes das categorias em geral. No próprio relato, Vecchio destaca que o sindicato do Carris não apenas participaria da criação dessa organização, mas também presidiria o processo, tendo inclusive ele como presidente.

[23] O decreto 24.694 aprovou além da pluralidade sindical, a possibilidade de criação de sindicatos para trabalhadores autônomos, e aprovando a criação de uniões sindicais modificando algumas condições criadas pelo governo varguista em 193, mas mantendo o sindicato atrelado ao Ministério do Trabalho. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D24694.htm . Acesso em 20 de Jun. de 2021.

[24] **A Federação**, 06/12/1935, p.2.

Nessa situação, José Vecchio frisava que a relação com outras categorias era ótima e, com criação da união, eles tinham uma ideia de como conseguiriam se articular de uma melhor forma; porém, dentro de um período, ela vai se mostrar pouco efetiva.

> (...) a união sindical tinha a sua base territorial exclusivamente na capital, não podia filiar um sindicato no interior, por mais perto que fosse o município onde estivesse o sindicato organizado. Então, nós ficamos restritos a Porto Alegre e praticamente sem expressão. Nós queríamos estender a base territorial da união para frente e não deu. (VECCHIO, 1986, p.27)

Ainda que a união sindical não tenha rendido os frutos dos quais Vecchio e demais operários gostariam, ela formou uma base importante. A sua definição era de que a união sindical estava exclusiva para a capital, mas, na verdade, o decreto apontava que cada município poderia ter sua união sem poder ampliá-la para todo o estado.

Esse processo de uma maior ligação entre categoria tornou o sistema operário ainda mais forte. Em um cenário de enorme instabilidade, em que direitos e decretos estabelecidos se mantinham mais no papel do que colocados em prática, esse conjunto que foi se formando desde os primeiros anos se reforça e começa a construir as bases para ampliar sua presença na sociedade.

Ao longo desse processo de mudanças, ainda que superficiais, no ambiente operário, por esses motivos, o clima entre trabalhadores, empregadores e o Estado era de intenso conflito. Frente a essa tensão, José Vecchio relata como foram as vezes que, por motivos de mobilização, foi preso ou precisou desaparecer pela perseguição policial.

> Quando eu protestava e fazia movimento, ameaçando paralisar ou fazer alguma coisa, imediatamente me retiravam, me levavam para a cadeia. Da penúltima cadeia em que eu estive, saí com habeas-corpus e tive que fugir. (...) Então meus advogados me tiraram com habeas-corpus, mas a polícia ameaçou me prender outra vez, e tiveram que me esconder no bairro Ipanema, longe, distante daqui. (VECCHIO,1986, p. 29-30)

O relato deixa claramente exposto que as mobilizações eram automaticamente reprimidas ao primeiro sinal. Além disso, alguns indivíduos podiam já estar marcados, como o caso de José Vecchio, que, da penúltima vez, precisou se afastar fugindo para que não fosse encontrado e preso. Outra possibilidade que é possível visualizar a partir desse registro é a da clara representação de Vecchio, um processo que já estava em ascensão.

A começar pelas suas revoltas, ao pensar em conjunto com as mudanças que ocorriam e assim ser o líder na criação do sindicato, sua participação em reuniões com Vargas, os conflitos com a inspetoria e a polícia; todos esses processos constituíram a liderança que se apresentava até aquele momento.

Esse período até 1937 foi essencial na organização de um coletivo operário, no qual nomes surgiam como potenciais lideranças. Dentro dessas movimentações e estratégias, vale citar alguns pontos discutidos por Jorge Ferreira (1997), e que se relacionam com esse ambiente de enfrentamentos, ao argumentar.

> (...) que a forte repressão policial e a intensa campanha propagandista veiculada na época – ou, em outras versões, o aparato hegemônico – teriam sustentado um conformismo generalizado; que a aceitação do projeto dominante dar-se-ia por motivos de subordinação intelectual, além da incapacidade de trabalhadores e populares de formularem um projeto próprio, autônomo e alternativo ao poder. Sem negar o valor do conceito gramsciano de hegemonia, acreditamos, porém, que ele precisa ser relativizado, evitando-se uma abordagem totalizadora e instrumental. Assim, procuramos também seguir a interpretação de Thompson, para quem o processo de hegemonia não impede as pessoas de defenderem seus interesses, de buscarem saídas alternativas, de procurarem brechas nas regulamentações autoritárias e de perceberem os limites impostos (1979:60). (FERREIRA, 1997, p.28)

Os pontos citados pelo autor destacam algumas possibilidades de pensar o sistema de relações e conflitos. A historiografia, até meados de 1980, tinha em discurso a visão de uma classe operária cooptada e que apenas aceitava as imposições. Com a mudança nesse cenário, foi possível visualizar as complexidades existentes, e olhar para o operariado como um agente atuante.

O modo como Vecchio reafirma, ao longo de todo o seu depoimento, essa presença ativa da polícia demonstra que esse era um dos modos do Estado demonstrar sua presença. O intuito desse modo era fechar o cerco e desarticular possíveis surgimentos de ações contrárias às atitudes operárias. Esse aparato hegemônico, como Ferreira aponta, poderia levar a uma acomodação, já que se tornaria cada vez mais difícil se articular para defender novas condições. Contudo, o conjunto de acontecimentos se dava de modo heterogêneo.

E, assim sendo, as bases do governo eram realmente repressivas. Esse fator, porém, não eliminou Vecchio e o coletivo que o cercava de ampliar o leque de possibilidades e articular estratégias para encontrar aberturas nesse regime varguista. Os movimentos detalhados anteriormente, feitos pelo grupo liderado por José Vecchio, vão de encontro a essa proposta, pois, mesmo apoiando o

governo que decretou uma nova sindicalização e novos direitos, eles agiam. Desde as reuniões com o próprio Vargas fazendo exigências, o confronto com a DRT e o surgimento da União Sindical e o fortalecimento de várias categorias se ampliando, as estratégias de luta, ainda que, para Vecchio, não tenham sido duradouras, contribuíram para processos políticos a partir de 1940.

A partir de 1935 até a virada para dos anos 40, a situação se mantinha difícil para aquele grupo operário. Ficava exposto que a luta se mantinha, não havia oportunidade apenas para aceitar as imposições varguistas, porque, até aquele momento, a maioria das intervenções estavam sendo negativas. Sobre o golpe feito por Getúlio, José Vecchio aponta:

> O Getúlio se viu obrigado a golpear a Constituição para poder fazer cumprir aquilo que a revolução se comprometeu a fazer, e não fez, nem queria fazer, por causa justamente dos elementos que o cercaram. E o homem civil... desprotegido. Então o que é que ele fez? Aproveitou o prestígio que ele tinha em parte da força militar e o prestígio que ele tinha nas forças popular e civil e golpeou. Bendito golpe! Eu fui preso também no Estado Novo, mas não tem importância, porque senti a justificativa, nós compreendemos isso mais tarde. Até então a gente não compreendia. Pois, meu Deus de céu! Nós fizemos uma revolução, temos uma constituição, nos propomos a fazer alguma coisa em benefício das classes menos favorecidas – as classes trabalhadoras – como se justificava que as nossas leis fossem decretadas e não fossem cumpridas nem observadas por aqueles que tinham obrigação de as fazer respeitar, que eram os auxiliares diretos de Getúlio, seus ministros de Estado? A rigor o ministro de Estado que mais esteve ligado ao presidente foi Osvaldo Aranha. (VECCHIO, 1986, p.30-31)

Esse longo trecho da sua narrativa contribui de forma ampla para compreender o seu sentimento e, indiretamente, o de outros operários para com a figura de Vargas. Os aspectos implementados por esse governo provisório, e em um curto período em meio à constituinte, se tornaram de grande importância para grande parte da classe trabalhadora, pois apresentavam bases pelas quais as categorias já lutavam ao longo de processos anteriores.

Nesse contexto, o olhar para esse governo vinha agregado de confiança desde o processo de idealizar em Getúlio mudanças reais. Ainda que pressões e bloqueios dos patrões e do próprio governo se mantivessem, as brechas para estratégias em conjunto com as legislações que iam sendo incorporadas levaram, como dito nas palavras de José Vecchio, a um “bendito golpe”. Com a manutenção de Vargas, as chances de manter aqueles direitos que eles haviam conquistado e a possibilidade de novos espaços surgindo se mantinha.

E um dos fatos mais importantes dessas condições, relatadas pelas experiências e como eles viam essa nova etapa iniciada em 37, era o sentimento

de se sentir presente. No momento em que, no seu depoimento, ele se coloca como parte integrante, ao falar “nós”, ele não se via como parte que recebeu os mandos do governo, mas como peça principal e responsável pela revolução de 1930. Essas colocações vão ao encontro das abordagens feitas pelo pesquisador, de modo que

> As enunciações discursivas de trabalhadores e populares à época do primeiro governo de Vargas demonstram como eles aceitavam o discurso oficial e as concepções dominantes. Todavia, não interpretamos essas formas de expressão como conformismo, passividade ou resignação, mas, antes, como apropriação – no sentido dado por Roger Chartier -, que lhes permitia fazer leituras criativas, singulares e desviantes. O aparente conformismo fazia parte de uma estratégia de vida para alcançarem seus objetivos mais imediatos. (FERREIRA, 1997, p.32-33)

Os argumentos do autor confirmam a narrativa e a visão que Vecchio tinha de todos aqueles acontecimentos. A aceitação daquele regime, que deu aberturas significativas, claramente dava margens para defesa do golpe que foi feito, mesmo ao afirmar que também foi preso ao longo do Estado Novo. As motivações eram aceitas pois, para ele, aquele processo se justificava. Ainda é importante ressaltar que o golpe decretado em 1937 se deu por um processo desde a constituinte.

> Desde 1935 vinha ele manobrando seus adversários para coloca-los em posição de poder desacreditá-los ou reprimi-los, ao mesmo tempo que cultivando cuidadosamente o apoio dos grupos de poder solidamente estabelecidos, tais como os fazendeiros de café e os militares superiores. Para apaziguar os fazendeiros, por exemplo, Vargas havia, em outubro de 1937, reduzido o teto dos preços do café brasileiro num esforço para incrementar as vendas no exterior e melhorar a receita cambial. (SKIDMORE, 1982, p.50)

É interessante compreender essa visão de Vargas de permanecer no poder, mesmo após a constituição. Para José Vecchio, foi necessária aquela manutenção a partir do golpe, pois grupos e pessoas que circulavam em torno dele o impediam de aprovar modificações que tinham sido indicadas a partir da revolução.

Em contrapartida, mesmo que Getúlio visse sua oposição crescendo ao passar dos anos, ele se articulou com antecedência para reprimir oposições estaduais, que começavam a crescer, incluindo a de Flores da Cunha, que foi um dos últimos governadores a se tornar oposicionista. De modo geral, se, por um lado, Vargas buscava não perder seu posto na virada de 37, os operários também se articulavam e viam essa manutenção com bons olhos, ato que voltara a se repetir em 1945.

Então, com a instauração do Estado Novo em 1937, houve uma ampliação de alguns pontos da nova legislação no campo social do trabalho, ainda que essas condições tenham ocorrido apenas a partir de 1940, o que leva a um maior apoio dos trabalhadores. Na fala de Vecchio, ele destaca que, com novas condições e com a lei do Imposto Sindical[25], eles foram tendo respeito e até mesmo fanatismo por Getúlio.

Ao passar esse primeiro momento da permanência de Vargas no poder, ele teria ido a Porto Alegre, como já fazia ao longo dos anos anteriores. Nessa situação, José Vecchio detalha esse novo encontro que teria tido e com maiores detalhes sobre os pedidos de melhora nas condições.

> Quando o Getúlio chegou a Porto Alegre, nós tínhamos feito uma comissão e redigido um pergaminho – pergaminho comum de couro escrito – pedindo: sindicalização obrigatória, desconto das mensalidades nas respectivas folhas de pagamento das empresas, descanso semanal remunerado – para podermos ter folga – e férias. Enfim, tudo que nós podíamos reivindicar a grosso modo. O que grosso modo quer dizer? Não tínhamos assistência, não tínhamos nada, falamos como devíamos falar e como estou falando aqui para os senhores. Fomos à presença do Getúlio. O Getúlio nos recebia sempre afável, com carinho. Então falei para ele: "Olha, aqui está, presidente, um pergaminho que redigimos, talvez não possa satisfazer de todo a curiosidade de alguém, mas vai satisfazer de todo a curiosidade de alguém, mas vai satisfazer as nossas esperanças de aprimoramento dos direitos que contamos obter face às dificuldades que arrastamos desde a primeira sindicalização até a segunda, que piorou por isto, por isto e por isto"... E ele escutando, escutando. Ele estava assim como o senhor: quieto, prestando atenção, de vez em quando acendia o charuto... Bom, aí, diz ele: "Muito bem". Entreguei o pergaminho, ele abriu, olhou e diz ele assim: "Vocês me pedem, e eu teria vontade de dar tudo, mas tem uma outra força que vocês não enxergam e que não conhecem, que está atrás de mim e que não deixa fazer por vocês aquilo que eu teria a vontade de fazer". Isso são palavras textuais dele! Eu disse: "Bem, mas nós estamos confiantes é na ação de Vossa Excelência, o que puder vir disso que está aí, já será bem recebido". Diz ele: "Alguma coisa sairá". (VECCHIO, 1986, p.33-34)

Essa descrição detalhada de um líder operário sendo levado até o principal líder político do país reflete muito o quanto o conjunto operário era atuante. Além disso, fica evidente que esses trabalhadores foram se constituindo não só a partir de experiências, mas por estudar e compreender os movimentos políticos e econômico da época ao seu próprio modo[26]. Outro ponto interessante

[25] O decreto 2.377 de 1940, criou a Lei do Imposto Sindical que obrigava o trabalhador sendo sindicalizado ou não a contribuir uma vez por ano o valor equivalente a um dia de serviço. A empresa também devia contribuir com um percentual e com isso as organizações sindicais ficavam ainda mais ligadas ao Estado, e essa ajuda foi o que manteve várias desses grupos.
[26] FERREIRA, Jorge, 1997, p.36-37.

são as condições exigidas. Parte delas já havia sido orientada na constituinte de 1934, mas só foi colocada em prática em 1938.

Esse processo de decretos aprovados levou à confirmação de um período de foco em um sistema trabalhista e social e que vai ter seu ápice em 1943 com a CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas). E, integrado a isso, é importante ressaltar diretamente a figura de José Vecchio, que já começava a ser um indivíduo de liderança, e que, a partir dessas reuniões, tornava-se uma pessoa conhecida de Getúlio, a relação entre ambos se estreitando ainda mais na metade dos anos 40.

Essas conquistas, que foram surgindo, dão conta da organização desse operariado, que, ao longo dos anos anteriores, mantinha a luta. As relações se confirmavam cada vez mais. Se, por um lado, Vargas tentava conciliar empregadores e empregados, por outro, havia o empenho desses sindicalistas, que, a cada novo direito conquistado, seguiam buscando por novas oportunidades.

Em conjunto com o imposto sindical, foram surgindo as Juntas de Conciliação e Julgamento, criação do Tribunal Regional do Trabalho. E, de forma anterior a esses decretos, houve o retorno à unidade sindical e à criação de federações que ampliavam a relação entre categorias de cidades diferentes. O panorama do Estado Novo levava eles

> a estudar com consciência, examinar com perfeição, para depois conversar com nossos companheiros e dizer do nosso pensamento sobre aquilo que vinha para nós sem que tivéssemos pedido e que, às vezes, ou nos prejudicava, ou suavizava em parte os nossos interesses.[27]

As decisões eram pensadas e isso deixa muito claro que havia momentos em que era necessário agir de modo mais enérgico, havia e outros, de visualizar arestas e pressionar o Estado. Desde o ponto de início da sindicalização e de outros pequenos decretos que foram surgindo, os trabalhadores agiam conforme a situação se mostrava, horas se reunindo e indicando ações grevistas. Em outro momento exigindo que a DRT fiscalizasse de modo correto o ambiente de trabalho, e também conseguindo se reunir com Vargas para exigir melhorias daquilo que já havia, e, sobretudo no centro desse desenvolvimento, despontava a liderança de José Vecchio.

[30] VECCHIO, José. **Depoimento**. 1986, p.39.

O processo do evento do 1° de maio, Dia do Trabalhador, também foi outro processo importante para Vecchio e demais. Esse acontecimento começa a ter uma relevância em 1938, e vai sendo agregado a outras celebrações, como seu aniversário em meados de abril. E, ao passar dos anos, por essas duas datas estarem próximas, ele agradecia pelas felicitações e apoio[28].

Esses eventos festivos se tornaram mais um polo de aproximação com a classe trabalhadora, com essa data do trabalhador sendo utilizada, ao longo dos anos, como a data em que eram anunciados novos benefícios. Como bem afirma Vecchio,

> (...) quer dizer que o sacrifício que exigiam de nós, dirigentes sindicais era compensado por aquela manifestação do Getúlio no Primeiro de Maio, homenageando os trabalhadores, dando aquilo que por nós era reivindicado. Ele fazia isso, porque ele se sentia fortalecido pela solidariedade proletária, então ele assustava as outras partes e fazia. (VECCHIO, 1986, p.37)

Essas datas, com o acréscimo da comemoração do aniversário do Estado Novo, se tornaram uma tríade de ligação próxima a Vargas e ao operariado. E, até a metade dos anos 40, esse vínculo se tornaria cada vez mais importante, já que ele acaba perdendo o apoio de mais blocos e da classe civil, e é principalmente a classe trabalhadora que se mantém ao seu lado, até mesmo depois da sua destituição do poder em 45.

Durante esse período, também se mantinham os conflitos entre comunistas e getulistas. Mesmo discordando dos posicionamentos feitos contra todos que se mantinham aliados aos ideais de Vargas, que vinham até pelo jornal *Tribuna Gaúcha*[29], pelo qual esse grupo era responsável, Vecchio defendia esse direito dos mesmos se expressarem e colocarem seu ponto de vista.

E, por contrariar as opiniões, mas defender essa possibilidade de defenderem suas vertentes mesmo com a pressão dos governos, ele destaca que o "trabalhismo no Rio Grande do Sul foi organizado liberalmente, e não aceitávamos pressão de ninguém! Nem do próprio Getúlio mesmo."[30] Esse

---

[28] GOMES, Angela de Castro. **A invenção do Trabalhismo**, 2005, p.216.

[29] Em virtude da pandemia do Covid-19, não foi possível fazer uma análise apurada do conjunto de periódicos do *Tribuna Gaúcha*, porém é importante citar a tese de Alexandre Fortes *"Nós do Quarto Distrito"* – A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas (1996, p.574-575). No seu trabalho ele apresenta um relevante trecho do jornal, onde é criticada a postura de José Vecchio, este já atuando na sigla do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Na nota do jornal criticam a postura de Vecchio, ao se colocar contra a união do PCB e PTB para a eleição de João Simões Lopes a candidatura na cidade de Pelotas. Ainda na nota eles adjetivam José Vecchio como reacionário e pró-fascista e como falso operário. *Tribuna Gaúcha*, 25/10/1947. Aperj, Fundo DOPS, Seção Estados. Pasta 19 C.

[30] VECCHIO, José. **Depoimento**. 1986, p.39.

sentimento de conscientemente entender oposições, mas que, na verdade, tinha um mesmo objetivo central – a melhoria de vida dos trabalhadores – enfatiza ainda mais que havia uma relação muito próxima entre alguns nomes de vertentes diferentes e esse era o caso de José Vecchio.

Ao apresentar os desdobramentos dessa trajetória de Vecchio, é possível visualizar uma grande representação da sua parte. Porém, por outro lado, o trajeto traz algumas condições e atitudes, que podem ser consideradas incoerentes com o que ele deixava transparecer em muitos momentos. Para ressaltar alguns desses pontos, é interessante destacar uma pequena parte da tese de Alexandre Fortes (1996), na qual ele se dedicava a descrever brevemente algumas colocações de José Vecchio em alguns direcionamentos.

O intuito, ao apresentar os pontos, era analisar, com as fontes disponíveis dentro dessa atual pesquisa, as questões que se relacionam e divergem para o debate das vivências e experiências, visto que todo indivíduo existe em seu conjunto de complexidades.

A primeira situação dá conta de uma passagem de seu depoimento, na qual ele se coloca como como um caudilho. Porém, é preciso compreender essa condição para além do que ela aparenta mostrar. Anteriormente, foi destacado por ele que Flores da Cunha tinha as características para ser um legitimo caudilho. Ao mesmo tempo, ele retira Getúlio Vargas da possibilidade de se encaixar nesse conceito; porém, ao se colocar como uma figura caudilha, ele contradiz os apontamentos do que realmente seria ao destacar Flores da Cunha.

Por esse motivo, mesmo que ele narrasse que seu jeito rígido e de enfrentamento fazia dele um caudilho, pelo período que ele vivenciou, o ato de pertencer ao caudilhismo estava ligado à postura e não ao que é sabido a partir dos estudos que indicam o poder econômico e político como características principais de um indivíduo.[31] Logo, a posição de José Vecchio é fruto de uma visão daquele momento, já que ele não tinha poder econômico e nem político, mesmo sendo uma liderança sindical e, mais à frente, um articulador.

Outro ponto levantado pelo autor dá conta do modo como Vecchio se colocava com certa autonomia frente às certas decisões e às relações com vertentes comunistas. Sobre a primeira situação, fica clara pelas suas memórias

[31] TELLES, L. E. C.. Caudilhismo e Clientelismo na América do Sul: Uma discussão conceitual. **Revista Faces de Clio**, v.1, n°2, Jul/Dez. 2015. p.100-114.

que realmente ele se colocava à frente de certas ideias, mas é necessário visualizar de maneira mais ampla o contexto onde ele estava inserido.

As configurações que se estabeleciam a partir de 30 necessitavam de formações de um coletivo. E, dessa forma, esses conjuntos, que se formavam enquanto categoria e, em seguida, com a relação e a união de grande maioria dessas categorias, se tornavam o fator chave na construção de forças para lutar contra as repressões do Estado e dos empregadores. E, nesse cenário, José Vecchio vai se colocando como uma liderança; porém, somente uma possível individualidade dele não seria suficiente para pleitear melhores condições, do mesmo modo que lideranças que permeavam aquela rotina contribuíam com ideias e tomadas de decisões.

E, mesmo se colocando nesse local de líder, José Vecchio não se auto intitulava, inclusive dentro do seu depoimento ele destaca a presença de dirigentes. Nas suas próprias palavras, “o nosso prestígio era resumido, ele estava sintetizado na posição de dirigente”.[32] E ainda reitera que não havia uma liderança e sim representações, o que, naquele momento, fazia sentido, pois muitos representantes que se destacavam, apesar dos diferentes níveis de conhecimento, iam surgindo a partir dos acontecimentos e das experiências que as situações causavam.

As relações com outras vertentes, principalmente com comunistas, que eram a maioria naquele cenário, eram complexas. Como descrito anteriormente, as visões de José Vecchio sobre os posicionamentos e opiniões de comunistas eram totalmente contrárias. Porém, ao longo de seu depoimento, ele apresenta pontos que abrem um leque de possibilidades sobre essas relações.

Em alguns momentos, ele destaca nomes dos quais ele tinha maior proximidade e cujas atitudes elogiava. A partir de discursos seus na Câmara Legislativa do final dos anos 50 e início de 60, ele defende a legalidade do PCB (Partido Comunista Brasileiro). Levando em consideração essas duas posições, além de outros cenários da político-partidária que serão mais detalhados à frente, é possível levantar a possibilidade de um eixo principal de pensamento.

Como Vecchio e uma boa parcela do operariado daquele período se denominavam getulistas, e as bases de melhorias que eles conquistaram se deram através da figura de Vargas, qualquer oposição, fosse mais voltada para

[32] VECCHIO, José. 1986, p.37.

o âmbito da esquerda, fosse para a direita, tinha o medo de perder tudo que eles haviam adquirido. Quanto à relação com comunistas, é preciso considerar que havia grandes conflitos vindos do lado que aprovava as atitudes varguistas e dos que consideravam aquele governo repressivo e prejudicial aos trabalhadores.

Porém, não é possível subtrair a ideia de que poderia haver a troca de experiências antes dos regimes varguistas e durante, visto que a conjuntura buscava reprimir essas vertentes frente aos sindicatos. Porém, muitas categorias seguiam a nova sindicalização, mas tendo em sua base lideranças de vertente comunista. Desse modo, no campo em que havia grandes conflitos, também havia relações amigáveis. E, reforçando esse ponto, Vecchio destaca que, quando eles não se acompanhavam em possíveis mobilizações, havia atrito. Sendo assim, haveria, entre discordâncias, pontos com os quais concordavam.

De modo geral, esse percurso que se deu ao longo dos anos de 30 a 45, José Vecchio resume em poucas palavras, além de destacar a importância da união que eles mantinham nas articulações. Para ele,

> De 32 até 45 a nossa luta não é como muitos pensam, tudo flores, tudo jardim perfumado, não foi nada disso. Foi sofrimento, foi fome, foi miséria, cerceamento de liberdade. As injustiças que se praticaram foram horríveis! E nós só tínhamos uma criatura em quem confiar e que suavizava em parte nosso sofrimento. Era ele! Getúlio Vargas. Era ele. E se alguém disser que não, é porque não conhece a história, ou faz questão de desconhecer. Até 45 tivemos isto que relatei. (VECCHIO, 1986, p.35)

O desenrolar desses anos, com todos os processos, mantiveram esses trabalhadores sempre conscientes das possibilidades e de manter a luta em meio a tantas dificuldades. Esse período trouxe o campo sindical como o principal meio de organização, e as configurações surgidas na crise do Estado Novo em 1945 levaram a constituição de um novo espaço estratégico para esse grupo.

2.3. José Vecchio e as experiências político-partidárias

Como destacado anteriormente, a União Sindical, criada em 1935 em Porto Alegre, foi um dos principais fatores de ligação entre várias categorias. Ainda que essa união tenha durado pouco tempo, até meados de 37, ela vai contribuir nas articulações promovidas nesse novo cenário em que Vargas é retirado do poder, ao mesmo tempo que o medo se instalava com essas mudanças.

> (...) nós a recebemos com uma restrição e uma mágoa muito profunda, porque achávamos que a derrubada de Vargas periclitava os nossos direitos adquiridos por intermédio dele. A maior parte de nossos direitos veio durante o Estado Novo. (VECCHIO, 1986, p.43)

Nesse processo, o sentimento de medo se tornava presente a cada momento. Todo aquele processo que começou a partir de 30, com as conquistas de novos direitos, ainda que muitos deles tenham ficado apenas no papel e eles necessitassem enfrentar aquele sistema, as bases criadas forneciam um novo panorama. Com a chegada do Estado Novo, essa esperança de maiores liberdades e conquistas se mantinha, mesmo com um governo ainda mais repressivo, ao passo que apresentava traziam maiores direitos trabalhistas, posteriormente reunidas na CLT.

Ao passo que o regime vai perdendo força, os grupos operários vão ganhando cada vez mais espaço. Reforçando essa ideia Angela de Castro (2005), destaca:

> (...) é possível vislumbrar que um destes desdobramentos inclui o enfrentamento de uma questão de novo tipo para o regime: a questão político-eleitoral. Ou seja, foi a partir dos primeiros anos da década de 40 que o Estado Novo, através da ação do ministro Marcondes Filho, começou a desenvolver iniciativas que indicavam a preocupação com outro tipo de instrumento de representação, que além dos sindicatos (mas sem dúvida a eles articulado) deveria contribuir para a transição do autoritarismo. (GOMES, 2005, p.265)

Com essas nova medidas, o sistema autoritário que se desenvolvia desde de 37 já era visto pelo próprio regime como algo com os dias contados. E, de fato, ao longo do ano de 1945, os desdobramentos levam à constituição das principais posições que irão disputar as eleições do ano seguinte, além de propiciar o movimento que queria a manutenção de Vargas no poder.

Entre a saída de Vargas em 1945 e a eleição ocorrida em 1946, na qual Eurico Gaspar Dutra é eleito presidente do país, ocorre o chamado movimento Queremista, que, em linhas gerais, defendia a permanência de Getúlio no poder. Um dos grupos que se inseriam nesse movimento como principais articuladores eram dos trabalhadores.

O movimento em si acaba por se posicionar próximo ao debate sobre uma classe trabalhadora amorfa, que apenas defenderia Vargas para usarem os benefícios que seriam cedidos. Esse importante acontecimento vem sendo debatido e, nesse cenário, vale destacar o trabalho de Cássio Alan Abreu (2006). Ele aponta novos aspectos, sobretudo que o sul do país agia de uma maneira diferente quanto ao movimento e que grande parte dos operários usava desse

momento não apenas para pedir a permanência de Getúlio, mas também para usar das mobilizações em busca de mais direitos, condições e uma consciência política, como o autor mesmo salienta:

> (...) a rápida leitura feita pelos queremistas, mesmo de diferentes matizes, era de que para além de Vargas outras formas de lutas eram possíveis. Ou seja, havia um campo aberto de possibilidades, que logo os trabalhadores vão direcionar para a busca da cidadania política. (ALBERNAZ, 2006, p.225)

Esses desdobramentos vão estar diretamente ligados a José Vecchio, indiretamente pelo momento de incertezas. Porém, sua participação direta no movimento traz alguns pontos divergentes. Pelo seu relato, esses acontecimentos foram apenas absorvidos por eles, porém Albernaz apresenta, em alguns destaques a partir de alguns noticiários, a presença de Vecchio nas manifestações queremistas.[33]

O primeiro comício é realizado em setembro de 1945 em Porto Alegre, já com a sua presença, e a segunda atividade que Vecchio atua é discursar em rádio com transmissão para o país inteiro.[34]Essas duas situações simbolizam uma real participação naqueles movimentos, nos quais havia a aceitação de uma constituinte, mas com Vargas liderando. As mobilizações se deram a partir da metade daquele ano, e foram essenciais na construção de dois momentos importantes para José Vecchio, na relação com as siglas operárias.

Os passos seguintes da trajetória de José Vecchio o levaram a ser um importante meio para compreender e visualizar os vários acontecimentos que ocorreram com a saída de Vargas do poder. Em uma visão regional, em um primeiro momento, a sua ida ao movimento partidário a partir da ala trabalhista do PSD (Partido Social Democrático) em 1945, e, em seguida, sendo um dos fundadores do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), é colocado como um importante personagem nesse jogo político e social.

No primeiro semestre de 45, despontava um cenário que já vinha sendo pensado de forma anterior à construção de um sistema partidário. Nas memórias de José Vecchio, ele aponta que o PSD, por se apresentar como um polo

[33] Sobre os registros periódicos analisados pelo autor, é importante destacar que as análises do acervo dos jornais do Correio do Povo seriam relevantes para visualizar aspectos da trajetória de José Vecchio, porém com a pandemia do Covid-19 não foi possível ter acesso aos documentos. Com isso é importante destacar as contribuições de outros pesquisadores que trabalham com documentações e períodos que se relacionam.
[34] ALBERNAZ, Cassio Alan Abreu. 2006, p.193-200.

apoiado por Getúlio, tinha ele como um dos principais fundadores. Em suas bases, ele vai constituir grande parte das interventorias dos estados, além de manter os direcionamentos dos governos getulistas até aquele momento.[35].

No âmbito gaúcho, o apoio veio de Ernesto Dornelles, porém a figura de Cylon Rosa será uma figura importante de representação, tendo como presidente Protásio Vargas, irmão de Vargas. Em meados de julho do mesmo ano, Getúlio é colocado como presidente da sigla e são escolhidos Eurico Gaspar Dutra como candidato à presidência e Walter Jobim para o governo do RS.[36]

O fator relevante acontecido nesse momento foi a criação da Ala trabalhista, com a liderança de José Diogo Brochado da Rocha, que já havia participado da criação da sigla e era ex-diretor da Viação Férrea. Somados a ele, um conjunto de sindicalistas constituem esse novo campo.[37] Na descrição de José Vecchio, esse momento

> Mesmo depois da extinção da união sindical, nós nos reuníamos e conversávamos. Eu dizia: "Olha, precisamos ser file da balança. Agora não temos mais protecionismo individual. O protecionismo agora vai ser às expensas próprias, quer dizer, engatinhamos, aprendemos a caminhar e agora vamos para liberdade. Vamos ingressar neste Partido Social Democrático". (VECCHIO, 1986, p.46)

Ao descrever esse momento, ele reafirma, com as suas memórias, que sempre se colocava como uma liderança, que agia e apontava direções. Porém, é preciso analisar essa situação com cuidado, pois, nesse momento, a complexidade já existia no âmbito sindicalista. Por esse motivo, a questão não é retirar o seu local de líder nesse bloco operário na sigla pessedista, mas visualizar que sua representação estava inserida em um cenário com algumas categorias, a principal sendo a Companhia Carris.

E esse fator o coloca em destaque nessa sigla, porém dividindo esse destaque com outros nomes, que tinham muita relevância no meio político. Nesse sentido, principalmente pelo partido ter um contexto muito maior e alas que advinham de blocos da elite que já participavam do governo varguista, isso trazia possíveis conflitos. A presença de Brochado da Rocha já o coloca como a principal liderança, que trouxe aspectos trabalhistas para o PSD, e, a partir disso,

[35] DELGADO, Lucília de Almeida Neves. 2019, p.136-137.
[36] CANÉPA, Mercedes Maria Loguercio. 2005, p.103.
[37] Ibid., p.104.

outros grupos de várias categorias começam a surgir nessa ala voltada às massas.

Na sequência da sua chegada ao partido, ele afirma que foi escolhido presidente da Ala, tendo como secretário Silvio Ulderico Sanson, que vai se tornar um importante nome na sua trajetória a partir daquele momento. Porém, partindo das informações existentes, não é possível confirmar com certeza se, de fato, ele se torna presidente da sigla, já que Diogo Brochado havia sido o principal fundador, e, quando Vecchio e demais entram, ele mesmo relata que eles haviam sido aceitos.

Outra condição é que eles acabam permanecendo no partido durante cerca de 2 a 3 meses, já que, em meados de setembro, o PTB começa a despontar com relevância entre os trabalhadores. De maneira geral, a questão de ele realmente desempenhar funções de presidente ou diretor não é de total relevância, tendo em vista a importância dele já se fazer presente nesse novo campo no qual o operariado vai se instalar nesse novo momento, além de não retirar a significância que ele já vinha construindo entre o conjunto de categorias com que ele se relacionava.

Dentro desse novo momento coletivo, é importante apontar que, em 1941, ele havia sido demitido da Companhia de bondes, onde trabalhou por 18 anos. Segundo sua narrativa, o principal motivo foi por considerarem-no subversivo, ou seja, comunista. Com isso, mais uma vez Vecchio se vê em meio a questões do comunismo, até mesmo pelos seus atos de rebeldia, como ele mesmo afirmava.

Por outro lado, ele se torna assistente técnico do sindicato dos Marítimos-fluviais, até pela sua relação com várias categorias. E esse novo cenário na vida de Vecchio contribui para uma acentuação de um novo aspecto, que diz respeito a interesses individuais que fogem das pretensões do coletivo.

A figura de José Vecchio se insere nessa situação, pois, ao passo que ele sinaliza o pensamento na coletividade como seu pensamento em todas as tomadas de atitudes, intrinsicamente os interesses próprios existem, seja por melhores condições no ambiente de trabalho, seja por maiores espaços que se abriam dentro da sociedade naquele período. A partir dessa nova possibilidade que se apresentava em 1940, somado à perda do emprego, os novos locais de participação levam Vecchio a se envolver com o campo político, sendo assim um

exemplo claro de um trabalhador que agia em conjunto com um coletivo, porém buscava uma ascensão dentro daquela sociedade.

Retornando às questões no interior do PSD, o primeiro contato com as organizações políticas, acabou tendo curta duração, e os fatores que levaram a isso foram as ideias que iam em direção oposta ao que Vecchio e demais buscavam, que eram seus direitos e maiores espaços na sociedade. Um acontecimento que acentuou essa situação da conta foi descrito por José Vecchio do seguinte modo:

> Então ia indo tudo muito bem. Um determinado dia, eu estava atendendo um expediente da ala, e a sede do Partido Social Democrático era aqui na Sete de Setembro, onde está hoje um imponente edifício da agência do Banco do Brasil, ao lado da prefeitura. Chegou lá um operário que eu conhecia – foi empregado da Guarda Civil – ele foi pedir emprego no PSD. Eu estava conversando com o falecido dr. Gabriel Obino, que era o primeiro secretário do PSD. "Ah! Doutor, eu estava precisando, estive ontem aqui falando com o senhor, estou desempregado, preciso me empregar"... Aquela coisa toda do homem que está em desespero. O dr. Gabriel disse: "Foi ótimo chegares aqui, rapaz. Pois casualmente está aqui o presidente da Ala trabalhista do PSD, o José Vecchio, ele vai te encaminhar para um emprego". Eu fiquei olhando pra ele! O rapaz se dirigiu a mim: "Pois é, doutro"... "Mas espera um pouco rapaz, tu trabalhaste na Carris, depois foste para a Guarda civil, tu me conheceste e sabes que eu não sou doutor. Sou teu companheiro, operário; que bobagem é esta? Doutor é esse ai, eu não sou! Sou operário, um trabalhador igual a ti, apenas um pouco mais esclarecido. Mas se queres trabalhar, não é aqui que vais arrumar emprego, isso aqui não é comércio, não é indústria, nisso aqui tens que entrar, se gostares do programa e do estatuto. Aí, então tu entras para vir brigar em favor dos outros lá de fora. Mas emprego não tem. (VECCHIO, 1986, p.48-49)

Esse evento acaba refletindo negativamente na continuidade de José Vecchio na sigla. Nas memórias dele, esse fator contribuiu para que ele visualizasse que os variados grupos existentes naquela sigla tinham opiniões e direcionamentos que entravam em conflito com essa ala trabalhista. Para ele, principalmente a ala da qual fazia parte deveria se portar como um programa alinhado às pretensões do operariado e não a uma empresa. Com esses acontecimentos, a opinião daquele momento em seu depoimento dava conta de:

> A noite eu encontrei com esse rapaz, o Sílvio Sanson. Eu lhe disse: "Sílvio, aconteceu isso assim, assim e assim dentro do PSD. Nesta altura – te falo com sinceridade – já permaneço ali contrariado, porque já vi que nós não vamos conseguir nada. Vamos servir só de máquina de bater palma para meia dúzia de políticos corrompidos que se vêm aproveitando do prestígio do Getúlio e do irmão do Getúlio, para nos botar o pé no pescoço". (VECCHIO, 1986, p. 52)

A situação em que eles estavam naquele instante representava um conflito interno, pois aquele partido representava os simbolismos dos governos

varguistas. Em contrapartida, a grande maioria presente na sigla pessedista trazia aspectos que eram vistos de forma a não agregar às estruturas da organização. Na sequência, ele destaca a resposta de Sílvio e a sua posição.

> "Olha, Vecchio, se nós nos afastarmos agora, vai ser pior para nós, porque essa polícia começa a nos perseguir na rua. Ao passo que enquanto nós estivermos figurando aqui como governistas, eles não mexem tanto conosco". (VECCHIO, 1986, p.52)

A resposta dada por Silvio, a partir das memórias de Vecchio, representava que aquele espaço dava garantias de proteção a eles. A polícia continuava a fazer parte dessa repressão para aqueles operários, e aquela base governista preservava o coletivo e o individual de sofrer perseguições. Então, em um pequeno espaço de tempo, valia a pena se manter naquela situação com rupturas, para ampliar a ascensão dentro daquelas estruturas, além de defender aparelhos repressivos que se mantinham.

Junto com o acontecimento relatado, em conjunto com um clima nada amistoso, que pelo menos Vecchio sentia dentro da sigla pessedista, outro partido surgia como real alternativa. Em meados de maio de 45, era criado o PTB, que tinha na sua coordenação, além do Ministério do Trabalho, sindicatos e trabalhadores de maneira geral. Alguns aspectos da organização petebista foram destacados no capítulo anterior, porém vale destacar a análise feita por Bodea (1992).

Ele vai pontuar o desenvolvimento da sigla a partir de duas correntes importantes, a primeira sendo da conta do grupo sindicalista. Esse grupo correspondia aos sindicalistas dissidentes da ala trabalhista do PSD, onde estava José Vecchio. Essa base trabalhadora vai dar a característica essencial que vai se diferenciar da sigla em relação a outros estados do país, além de contribuir para criação de alas para as categorias presentes. A segunda corrente, chamada pelo autor de Doutrinária – Pasqualinista, que diferente da primeira, se dava em torno de um intelectual, Alberto Pasqualini, e com viés progressista. Porém, sua chegada ao poder se dá através de José Vecchio, que vê em Pasqualini uma importante figura, que poderia concorrer ao governo do estado pela sigla.[38]

É importante destacar nas memórias de José Vecchio a intenção de fazer parte da construção da sigla petebista no estado. Em meio a essa intenção, se

[38] BODEA, Miguel. **Trabalhismo e Populismo**, 1992, p.20-27.

desenvolvia o movimento queremista, que acaba tendo interesses alinhados ao partido, como a permanência de Vargas no poder com o desenvolvimento da constituinte. No depoimento, Vecchio destaca que ouviu falar do PTB e como ele estava atarefado com as atividades nos sindicatos de marinheiros, indicou Silvio Sanson ao ir ao Rio de Janeiro descobrir o programa da organização para a possível criação no RS.[39]

Segundo ele, o pouco dinheiro que ele havia conquistado após sua demissão, ele deu a Silvio para que este pudesse comprar as passagens de ida e volta para o Rio. No retorno, a resposta foi positiva para a criação da sigla no estado. Em seguida, ele tem a ideia de organizar uma reunião com as categorias para explanar essa nova oportunidade. Então ele narra os acontecimentos daquele encontro:

> Naquela noite, por sorte nossa, todos que estão aqui na foto compareceram, eu tinha até fotografias disso tudo, mas me roubaram. Porque um pedia, outro pedia, fui emprestando, depois não voltou mais. Nessa reunião eu disse aos companheiros o que houve no PSD com aquele operário: "Eu tive daquilo a 'mais péssima' impressão, nós não podemos militar dentro de um partido onde nós temos que nos enganar mutuamente, porque você fica na esperança de que eu vou lhe ajudar, você fica na minha e assim nós vamos indo – isso não vai dar em nada. Como surgiu no Rio de Janeiro um movimento para organização de um partido para trabalhadores, com o apoio do presidente Vargas, eu tomei a liberdade de, com o meu dinheiro, mandar nosso companheiro Sílvio Sanson ir buscar os elementos. Ele tem agora neste instante a palavra, para discorrer sobre todos os passos que deu". E ele discorreu sobre tudo, conforme já estou falando aqui. Eu disse: "Agora a maioria vai deliberar, quero que os senhores se manifestem livremente: devemos continuar como ala trabalhista do PSD, ou devemos nos enquadrar no Partido Trabalhista Brasileiro e fundar o partido no Rio Grande do Sul?" Votação por aclamação, todos levantaram, inclusive este que não ficou, Darci Gross, do Sindicato dos Comerciários. "Muito bem", prossegui, "vamos redigir aqui um oficio que será encaminhado ao presidente do PSD, declarando que a contar da data de hoje, 14 de Setembro de 1945, nós nos desligamos do Partido Social Democrático, para considerar fundado o Partido Trabalhista Brasileiro. (VECCHIO, 1986, p.53-54)[40]

Esses trechos da sua memória refletem a coletividade entre essas categorias. Esse conjunto de relações vinha desde os primeiros governos varguistas, e tinha novos tons com a chegada à ala trabalhista do PSD, com um menor tempo, e a grande oportunidade com a criação de uma sigla no sul do país. No seu relato, apenas um sindicalista representando a categoria não quis

[39] VECCHIO, José. 1986, p.52.

[40] José Vecchio, aponta para várias fotografias ao longo da sua entrevista, porém como nesse trecho ele acaba relatando que perdeu várias, as que naquele período de 1980 ainda existiam também foram perdidas. E seriam de grande valor para incorporar a pesquisa e os fatos narrados.

integrar o grupo que iria criar o PTB. Ao passo que havia a grande presença do interesse coletivo, havia também o interesse individual, e a colocação de Vecchio enxergava que sair daquele local onde estavam valia a pena e traria melhores condições. E a ata de inauguração do partido dia 02 de outubro de 1945 continha:

> João Lino Brown, professor de português no Colégio Anchieta; Manuel Tavares, dirigente do Sindicato dos Padeiros; Cristiano Costa, fundador e secretário dos Empregados Auxiliares do Comércio; Manuel Mato Pontes, poeta e ferroviário no Rio Grande do Sul; Arlindo Achute, comerciário; João Gregório do Nascimento, meu colega "tranviário"; Vicente Salerno, do Sindicato dos Pedreiros; Adélia Elisa Machado, a primeira mulher a ingressar no trabalhismo, ainda está viva, está bem forte! Ela era caixa de um bar de café, operária. Foi a única mulher que participou da fundação do partido. Nicolau Pires, Sindicato dos securitários; Arnaldo Sousa, Sindicato dos Tramways; Ernâni Sperbi, empregado do comércio, era empregado do próprio irmão, que era patrão dessa Adélia, morreu há pouco tempo; João Francisco Vanini, padeiro-panificador, industriário; Tompson Colin, alfaiate; Martiniano Rosa Vaz, vendedor ambulante, do Sindicato de Vendedores Ambulantes – todos eram de sindicato; Emílio Barcelos da Silva, Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Trigo; Bertoldo de Araújo Lopes, Sindicato dos Estivadores em Carvão Mineral; Armando Finco, alfaiate; Antônio de Souza, presidente do Sindicato dos Marinheiros e Moços da Navegação Fluvial; Atiliano Veiga Rodrigues, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Arroz; Osvaldo Leopoldo de Oliveira, presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil; Orlando Gás, Sindicato de Pedreiras; Antero Lentino, Sindicato da Indústria do Trigo; Eduino Miller, comandante de embarcação, presidente do Sindicato dos Práticos, Arrais e Mestres da Cabotagem Fluvial, Manuel Marinho da Cunha, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Sabão e Velas; José Cereja, assistente-técnico do Sindicato dos Alfaiates, Francisco Baladão, estudante de direito; Ângelo Fernandes Peres, Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Lavanderia e Tinturaria do Vestuário; Durval Farias da Rosa, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Estaleiros Navais de Porto Alegre; Amaro Francisco dos Santos, presidente da Associação Profissional dos Trabalhadores no Comércio de Classificação de Cereais; Augusto Dinis, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Moinhos; Emetélio da Silva, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Arroz; Volfran de Oliveira Filho, operário, trabalhador na indústria Dufril do estado do Rio Grande do Sul, com sede em Santana do Livramento. (VECCHIO, 1986, p. 55-56)

É interessante observar essa extensa lista de organizadores dessa sigla, pois amplia a visão que constituía aquele novo cenário. Algo possível de ser visto é a presença de trabalhadores que não necessariamente faziam parte de entidades sindicais, e, desse modo, ampliava as bases operárias, inclusive o primeiro nome citado por Vecchio, que era professor, se tornou vice-presidente ao lado dele, que se torna presidente.

Outro fato importante é a única presença feminina. Inclusive, ela já havia participado da ala trabalhista do PSD, e foi um acontecimento totalmente

relevante naquele período em que havia poucos casos conhecidos de mulheres participando das atividades políticas. Ao entrar no partido, ela também assume o cargo de tesoureira. Pela listagem, havia uma grande variedade de categorias presentes já nos primeiros instantes da criação, e que veio a fortalecer o partido trabalhista, e torná-lo um grande campo de representação.

Ao construir do zero o partido, as possibilidades se abriam. Como destacado, várias alas emergem dentro da sigla, direcionadas pelas categorias, além da própria ala trabalhista. Segundo Vecchio, essa ala acaba sendo dividida em 2 blocos, onde um articularia na região metropolitana, e ele estaria nessa posição, enquanto o outro lado ficaria responsável por coordenar a sigla pelo interior do estado tendo como presidente Sílvio Sanson.

Sobre a figura de Getúlio Vargas mediante o partido, ele reflete de algumas formas. Em um primeiro momento, a presença dele como governante instrumentalizou algumas bases que foram usadas por esses operários para conquistarem espaços relevantes na sociedade. E Vargas vai seguindo com forte influência, nesse momento partidário, tanto que, para José Vecchio, o aval e apoio de Getúlio ao PTB vai se tornar de grande relevância para que a sigla gaúcha seja originada.

Relacionado a essa presença, para Vecchio, o prestígio varguista é que mantinha e que ajudou a estruturar aquele partido, pois, na opinião dele, o trabalhador era “arredio à política”.[41] Esse aspecto, ajuda a refletir nessa presença do operariado em outros campos. É inegável que alguns trabalhadores como José Vecchio tinham entendimento das situações que o cercavam e por isso se destacavam no conjunto.

Por outro lado, demais operários, a partir das articulações, podiam compreender aquele cenário e formar estratégias para alcançar objetivos. Nesse caso, o arredio ou medo que o trabalhador teria nada mais era que um ambiente novo, que estava sendo formado em meio a vários acontecimentos, e que as decisões eram tomadas a partir das experiências do dia-a-dia trabalhista e pelos interesses em comum e específicos.

Logo nos primeiros meses de criação, começou a se discutir quem viria a assumir a liderança do país após Getúlio Vargas ter sido deposto. Logo o PTB estadual se mostrou receoso à indicação do General Eurico Gaspar Dutra, visto

[41]VECCHIO, José. 1986, p. 58.

que, na concepção deles, este teria sido um dos principais agentes da destituição de Vargas do poder. Nas palavras de Vecchio,

> Então se fez a proclamação em geral, apoiando o Dutra entre todos os candidatos, que eram em número quatro. Recebemos aquilo com restrições. Mas me deu um estalo, pensei: "Se não apoiarmos essa proclamação, ele retira o apoio ao nosso partido, retirado o apoio está morto o partido, não vai ter dúvida nenhuma". Eu sabia disso. Então pedi a palavra como convencional por Porto Alegre e li a proclamação. Aquilo foi como tocar pimenta no rosto das pessoas, aquilo foi silêncio, foi recebido com uma restrição, uma frieza, por que tínhamos no Dutra o responsável pelo golpe do Estado Novo. (VECCHIO, 1986, p.59-60)

Ficava exposto que a aceitação de Dutra vinha da consideração que tinham por Vargas. Isso se dava ao fato de terem receio da sigla perder relevância, além da importância que davam às decisões de Getúlio. Já que não haviam conseguido manter ele no poder, o seu apoio a Eurico Gaspar trazia consigo que aqueles direitos conquistados não seriam retirados.

Aos poucos, a sigla e a liderança de José Vecchio ia se mostrando contrária a certas indicações da sigla a nível nacional. Enquanto apoiavam a candidatura de Dutra a partir de um direcionamento de Vargas, eles começavam a pensar em uma indicação para o governo do estado. Por um lado, o indicado pessedista não era o nome que agradava a Vecchio, até pelos conflitos que levaram à sua saída do partido, e, por outro lado, a sigla trabalhista precisava se destacar e alçar cargos relevantes nas eleições do ano seguinte.

Na mesma reunião em que a sigla gaúcha aprova a candidatura de Dutra, foi levantada a indicação de Alberto Pasqualini. Ele, que não fazia parte do PTB, já surgia com relevância, sendo o principal fundador da USB (União Social Brasileira), por ter em seu programa um projeto solidário para superar o capitalismo individualista[42] e por defender ideais em favor do operariado e das legislações trabalhistas criadas até aquele momento.

Segundo Bodea (1992, p.26), "nos debates com seus colegas da USB, a afinidade entre os princípios por ele pregados e a legislação de proteção ao trabalho implementada por Vargas". Essa condição também abria a possibilidade de se aproximar de um partido de influência varguista, mesmo com divergências, e foi o que aconteceu entre o final do mês de outubro de 1945.

Sobre a escolha do nome de Pasqualini para a candidatura a governador do RS, Vecchio narra a partir de suas memórias que

[42] BODEA, Miguel. 1992, p.24.

> Porque o PTB não tinha ainda uma elite capaz de ser aclamada ou escolhida candidata, ainda estávamos muito "comumente" organizados. Fizemos a primeira convenção. E eu, por duas razões, achei que aquilo ia estar bem. Primeiro, os que dirigiam o movimento queremista já estavam dentro do PTB, já estavam junto comigo, nós éramos queremistas também. Além desses havia aqueles que não participavam da nossa categoria, não é? Então já havíamos absorvido o queremismo (...) E eu, quando fiz aquilo, disse; "Bom, agora o Pasqualini vem, é uma elite também, e nós vamos botando todos aqui dentro, vamos puxando todos e vamos depois começar a fichá-los dentro do partido. Quer dizer que PTB, trabalhistas, queremistas e USB se vão fundir em um só organismo político. Aqui está uma elite formada para enfrentarmos as eleições de 47". (VECCHIO, 1986, p.63)

Além do aspecto de trazer Alberto Pasqualini ao partido para concorrer pelo partido, ele destaca outros grupos, que não faziam parte do círculo sindicalista. Na sua visão, o ingresso de intelectuais e de outras áreas, ainda que reformistas, dariam o peso de que o PTB necessitava para concorrer às eleições para o estado em 1947. Nesse período, ocorre o ingresso de Leonel Brizola, que fazia parte de uma leva de jovens que começavam a se instalar, e, nesse processo, Vecchio dá o aval para que Brizola crie a ala estudantil, e que contribuiu para que, em seguida, fossem criada outras alas fora do ambiente sindical como ala feminina.[43]

As eleições estaduais, marcadas para 1947, causaram grandes movimentações entre os principais partidos de relações varguistas. O cenário estava formado com PTB tendo Pasqualini como candidato e PSD com Walter Jobim, com Getúlio Vargas buscando conciliar ambas siglas para uma união em torno de Jobim. Na metade de 46, em uma carta direcionada a Getúlio Vargas, José Vecchio e Affonso de Assumpção Vianna, que havia sido líder do movimento queremista e, naquele momento, era secretário da sigla trabalhista, descrevem os direcionamentos que o partido teria para as próximas eleições.

Essa mensagem vinha em razão das tentativas de coalizões com o PSD, o primeiro tópico indicando que haveria um apoio a Vargas sobre orientações imprimidas; a segunda destacava que não gostariam de participar dessa coalizão, pois seria prejudicial a Getúlio e às classes trabalhadoras.[44] Essa

[43] FERREIRA, Jorge. **João Goulart – Uma biografia**, 2014, p.54.
[44] Arquivo Getúlio Vargas, 46.07.01/2.

situação apresenta uma certa imposição da sigla gaúcha. Ainda que aceitassem imposições varguistas, queriam construir um partido que mantivesse as origens daqueles operários que lutaram por melhores condições e, com isso, criaram a própria autonomia, frente a decisões de âmbito nacional ou de Vargas.

Com a vitória de Dutra à presidência nacional, que era um nome não muito bem visto pelo PTB gaúcho, algumas atitudes deste como presidente em relação aos trabalhadores desagradavam ainda mais. Essa condição afastava ainda mais a sigla de uma coalizão com o PSD. Algumas atitudes de Vargas, ao indicar alguns nomes para sigla petebista, causavam olhares receosos por parte dos pessedistas.[45] Esses fatores vão levar à saída de Getúlio do PSD ao final de 1946, após um grande discurso a favor de Pasqualini e criticando fortemente o seu agora antigo partido.[46]

É importante destacar que, antes de ficar ao lado do PTB e apoiar Pasqualini, Vargas tentou ao máximo convencer a união em torno de Walter Jobim. Em meio a essas articulações, ele entra em contato com José Vecchio, até mesmo fazendo um encontro com Vecchio em sua casa em São Borja, como ele narra no seu depoimento.

> Ele começou a puxar palestra sobre a situação política no estado e na capital. Enfim, o homem estava afastado e tinha curiosidade de tomar conhecimento sobre aquilo. Fui dizendo tudo o que estava ao meu alcance, e ele dizia: “Está, está muito bem”. Então depois veio o caso da proclamação de apoio ao Dutra, da eleição do Dutra, que ele também se elegeu, não é? E veio o caso da candidatura Alberto Pasqualini. Disse ele: “Olha, Vecchio, eu lancei a proclamação aos trabalhistas e ao país, porque apoiei, entre todos os candidatos o mais burro”. Eu não entendi: “Mas, como? ” Ele continuou: “O Dutra foi meu ministro da Guerra e esse eu conheço; a burrice dele vai nos levar a voltar ao poder. Se não for eu, será outro, mas leva ao poder”. “Quer dizer, é um vaticínio. ” “Muito bem”, diz ele, “se eu apoiasse o brigadeiro Eduardo Gomes não seria muito pior, Vecchio? ” Eu disse: “Pior, mas era viável também”. Pois é: era viável, mas para ele não serviria. “Tinha o Fiúza que era o do Prestes, tinha o fulano”, ele dava os nomes todos, “que era dos proprietários da fazenda de café de São Paulo... Então fiquei com o Dutra. Mas eu não disse para vocês me acompanharem. ” Respondi: “Ah, diretamente, não. Mas indiretamente deu ordem”. Ele deu a risada que costumava dar. Eu disse: “E nós cumprimos as ordens”. “Muito bem”, diz ele, “mas teve uma em que vocês se excederam. ” “Qual foi, dr. Getúlio? ” “Vocês lançaram um candidato ao governo do estado sem me ouvir. ” “Bom, mas aí, só temos feito repetir o que o senhor fez. O senhor não nos ouviu para apoiar o marechal Eurico Gaspar Dutra, nós achávamos que também não precisávamos ouvi-lo no tocando ao estado, porque era uma deliberação que deveríamos tomar. ” Ele insistia: “E ademais, vocês sabem que me estão comprometendo profundamente? ” Eu disse: “Em que sentido, presidente? ” Eu chamava de presidente. “Eu tenho compromisso de honra com o dr. Walter Jobim e tu sabes, Vecchio, o

[45] CÁNEPA, Mercedes Maria Loguercio. Opus Cit. p. 114-115.
[46] BODEA, Miguel. Opus Cit. p.41.

> que é compromisso de honra? ” “Sei, sim senhor. Quer dizer que o senhor está comprometido a apoiá-lo na campanha para governador do estado. Até aí entendo, porque o senhor está falando como filiado do PSD. Mas espero que o senhor compreenda também que sou filiado ao PTB e mal ou bem eu sou o presidente do partido, onde cheguei levado pelas minhas origens. Mas há um remédio para salvar esse seu compromisso de honra. ” Diz ele: “Como, Vecchio? “Porque o senhor, embora ainda não esteja filiado, é o presidente de honra do Partido dos Trabalhista Brasileiro do Rio Grande do Sul. O presidente efetivo sou eu, eu vou renunciar, o senhor assume a presidência do PTB e substituiu o candidato pelo apoio que o senhor quer dar ao candidato do PSD. Mas o José Vecchio não vai fazer isso, porque se o PTB concorrer a mais uma eleição como caudatário do PSD, ele está extinto. Mesmo que o senhor queira dar apoio, ele não vai valer mais nada. O PTB tem de concorrer com candidato próprio nem que seja para perder, mas vai se consolidar com o seu prestígio, e essa luta é a luta que travamos. ” Quando ele viu que eu queria renunciar, disse: “Esse diabo é doido e renuncia mesmo”. Eu não nasci em partido. (VECCHIO, 1986, p.67-69)

Esse extenso e importante relato apresenta um longo diálogo em um encontro de Vecchio com aquele que ele considerava um líder da organização operária. É preciso considerar que esse fragmento representa as memórias de José Vecchio, e, por esse motivo, é preciso considerar algumas afirmações, visto a falta de documentos que deem maiores detalhes dessa reunião. Esse chamado de Vargas fazia parte das últimas tentativas de convencer os principais nomes do PTB estadual a apoiar Walter Jobim, e, através desse relato, essa possibilidade se daria de modo a pressionar com a sua força política e com os direitos concedidos. Em contrapartida, Vecchio usa do fator das trocas de concessões, as quais os trabalhadores usavam para reivindicar direitos e encontrar brechas no sistema dos governos varguistas. Naquele momento, as estratégias vinham por melhores cenários e pela ascensão nas disputas políticas.

Como exemplo dessa postura de criar uma estrutura para que os trabalhadores conquistassem maiores oportunidades na carreira política, tem-se uma carta enviada por José Vecchio a Vargas alguns dias antes da eleição de 47.[47] No documento, ele aponta o nome de vários operários de diferentes categorias e que somente não haveria um número maior concorrendo por escolhas próprias. Ainda frisava a importância do apoio de Vargas a Pasqualini, que havia ocorrido quase 2 meses antes e que tinha confiança na vitória deste.

[47] Arquivo Getúlio Vargas. 47.01.03/3. Carta enviada por José Vecchio à Getúlio Vargas, informando sobre as candidaturas a eleição de 1947.

Outro ponto a ser levado em consideração, com base no relato anterior, se dá pela relação individual entre a figura de José Vecchio e Getúlio. Ainda nessa ocasião, Vecchio destaca que Vargas pede sigilo a ele para que as informações sobre decisões tomadas não fossem descobertas. Somente esse fato poderia significar uma situação de confiança entre ambos, porém é necessário considerar que os fatos descritos por José podem estar relacionados ao seu próprio posicionamento frente às atitudes varguistas.

Mesmo tendo isso em vista, é preciso visualizar que havia certo reconhecimento de Getúlio para com Vecchio, ainda que fosse por motivos estratégicos no campo das disputas políticas. Em um telegrama enviado por Vargas entre os anos de 46 e 47, ele parabeniza Vecchio pela dedicação e desprendimento na coesão do PTB[48]. Em um momento anterior, logo nos primeiros momentos da indicação de Alberto Pasqualini, a partir dos relatos de Vecchio, Vargas pregava

> "Eu dou prestígio a vocês, ao PTB; mas dinheiro eu não dou, porque também não tenho". Respondi: "Espera aí, presidente. O que é isso? O senhor vai querer me tirar da campanha? " Ele não entendeu: "Como assim? " "Já lhe disse uma vez e vou repetir. Não tenho interesse em presidir partido. Estou aqui por uma ironia do destino, nada mais do que isso. Mas o senhor vai ter que nos ajudar, porque o Pasqualini não tem dinheiro, e o senhor sabe que não tem". Disse ele: "Bom, vou ver". (VECCHIO, 1986, p.73)

Essa relação entre ambos, apresenta situações de divergências e apoios refletidas nas memórias expressas por Vecchio. Ainda na sequência, José destaca que Getúlio não queria que o PTB disputasse o governo com um próprio candidato, pois aquela sigla era socializante e não socialista. Além disso, havia a figura de Pasqualini, que defendia um modelo reformista, que divergiam com Vargas. Nas palavras do próprio Vecchio, em relação às ideias de Getúlio, o partido só poderia chegar ao poder depois dos 10 ou 30 anos.

Fica evidente como a constituição de origem do partido em 45, com base em sua totalidade operária e sindicalista, com a intenção de ter candidato próprio, além de indicar candidatos à câmara legislativa, tinha interesse que esses trabalhadores almejassem maiores espaços naquela sociedade. Em contrapartida, tendo como exemplo a figura de Getúlio Vargas, os interesses eram outros, principalmente permanecer no centro do poder, ainda que não fosse possível descartar que operários estivessem em disputas pelo poder.

[48] Arquivo Getúlio Vargas. 46/47.00.00/2. Telegrama enviado por Vargas em reposta a José Vecchio e sua dedicação ao PTB.

Outro acontecimento que levou a uma certa divergência foi a chegada de José Diogo Brochado da Rocha ao PTB. Ele, que havia sido o principal fundador da ala trabalhista pessedista, da qual Vecchio fez parte. Os relatos de José Vecchio dão conta que Diogo havia marcado uma reunião com ele para tratar de assuntos relacionados às eleições para governador. Nesse encontro, ele pede a Vecchio que retire Pasqualini e que seja feito o mesmo no PSD para que ele fosse indicado como candidato único.[49]

Ao discordar e relatar que não faria tal acordo e que notificaria a sigla sobre aquela procura, Diogo Brochado pede para que esse assunto ficasse apenas entre eles. Porém, Vecchio destaca que pediu para seu secretário colocar um alto falante na sede do partido e espalhou os motivos que levaram à procura de Diogo, e que essa situação chegou até a sigla do PSD como uma bomba.[50]

Essa situação levou à saída de Brochado da sigla e ocasionou sua procura para uma filiação ao PTB. Porém, é descrito por Vecchio que ele não aceitou logo de início e que teria uma reunião com Vargas, e, que mesmo com apoio dele, mandaria sua ficha para o diretório decidir. Ao chegar ao encontro com Vargas, ele teria dito que:

> "Oh, Vecchio, vim te ver. Estava curioso para te ver". Pensei: "Este velho está sabendo de tudo". Eu disse: "É verdade, presidente, estou aqui de novo". Diz ele: "Mas então, o que é que tu fizeste lá em Porto Alegre? " "O que é que eu fiz? Nada. " "Mas como nada? Tu me fazes tocar para rua um homem do PSD e achas que não fizeste nada?" "Mas, como? Eu? Não, senhor. Ele foi para rua porque quis. Pois ele me procura como delegado do marechal Eurico Gaspar Dutra, e quem sou eu para receber delegado? Quer que eu afaste o candidato do meu partido para ele afastar o partido dele e ser ele o candidato! O que o senhor esperava que eu pudesse fazer? " Aí ele deu uma bruta risada e disse: "Olha, Vecchio, o que estás fazendo é para mestre em política; não era pra ti. Como é que podes fazer isso? " (VECCHIO, 1986, p.81)

Esse é mais um encontro com divergências entre ambos, posterior ao encontro em que Getúlio pede que apoiem Walter Jobim, inclusive ele já sendo filiado ao PTB. Entre outras coisas, Vecchio sempre reitera seu ponto de vista sobre suas decisões em contrapartida às opiniões de Vargas, sempre deixando claro que não era dono do partido ou não se sentia desse modo, mas sempre se colocava à frente da sigla, demonstrando que o PTB era praticamente uma parte dele.

[49] VECCHIO, José. 1986, p.76-78.
[50] Id., 1986, p.79.

Esse conflito se encerra, pois Vargas assinala para que Vecchio aceite Brochado, ainda que o mesmo já o tenha criticado, pois ajudaria em votos na legenda e que, enquanto ele estivesse no partido, Diogo jamais concorreria a governador, e essa decisão foi seguida por Vecchio. Ao ser perguntado mais a fundo sobre essa estreita relação com Vargas, ele destaca que "sou getulista mesmo. Nem precisa perguntar. (...) Mas tem uma coisa: não devo favor pessoal nenhum a ele, nada! Nem a ninguém.[51]" E ainda reitera que a lealdade que tinha a Getúlio foi em reconhecimento do que ele havia feito em defesa dos trabalhadores brasileiros, somente por isso e nada mais.

Ao chegar às eleições de 1947, os resultados de urna levam Walter Jobim ao governo do estado, porém o PTB tem um grande salto elegendo 23 cadeiras na assembleia Legislativa, além da eleição de Salgado Filho para o senado.[52] A partir daí, a sigla gaúcha já começa a se estabelecer como uma grande força no cenário político, tendo como fator essencial sua formação totalmente trabalhadora, fato que irá começar a se modificar com a ascensão de nomes como João Goulart, Brizola e o próprio Getúlio, que irá concorrer à presidência em 1950.

Ao longo de 47, o diretório petebista começa a se articular em busca de nomes para concorrer aos cargos de governador, prefeito e vereadores. Em nota do *Jornal do Dia*, de setembro, é noticiada uma caravana de alguns nomes do partido, incluindo Vecchio, que percorreria algumas cidades do estado para o lançamento de candidaturas por cidades do interior.[53] Os próximos dois anos, até meados de 1950, seriam de relações e mudanças de apoios entre siglas para as eleições.

Ao passo que a eleição chegava, sucessões aconteciam, inclusive com a saída de Vecchio da presidência da sigla. A partir desse momento, sua influência nos desdobramentos das articulações políticas vai ter outro tom, e levar a rupturas na sequência da eleição de Vargas para a presidência. E as divergências que aparecem nos discursos de Vecchio se ampliam aos outros dois nomes de maior força na estrutura do partido.

No processo de começo de campanha para a presidência, Vecchio destaca sua organização para uma caravana para São Borja a fim de

[51] Id., 1986, p.83.
[52] Id., 2005, p.117-118.
[53] **Jornal do Dia**., 26/09/1947, p.4.

conversarem sobre as eleições. Segundo ele, desde um ano antes, Getúlio Vargas tinha o interesse na candidatura e ele o apoiava. Logo, foram para casa de Vargas, onde o mesmo anuncia oficialmente sua candidatura. Em uma nota do *Jornal do Dia*[54] de junho, é exposto que Salgado Filho era o indicado para o governo do estado, além de Pasqualini para o senado. Cita ainda que José Vecchio era um dos indicados para deputado estadual, porém, através dos dados do Tribunal Regional Eleitoral do RS, indica que ele não concorre.

Porém, no mês seguinte à matéria, na qual já estava acertada a candidatura de Salgado Filho, ele acaba sofrendo um acidente aéreo e morrendo. A partir daí, o panorama fica conturbado com a mudança no nome para concorrer ao governo e então desponta o nome de Ernesto Dornelles, que havia saído do PSD e, naquele momento, fazia parte do PSDA (Partido Social Democrático Autonomista), acabando por se candidatar e ganhar a eleição com apoio de PTB e PSP.

Sobre as questões que cercam essa indicação, vale destacar condições que seriam essenciais nas rupturas que iriam ocorrer antes mesmo das eleições. É visto que Salgado Filho era o candidato para o governo do estado, porém, com o seu trágico falecimento, o nome de Ernesto torna-se a única alternativa possível, já que ele havia saído do PSD e se encontrava mais próximo à UDN (União Democrática Nacional), além das desavenças de Dutra com Getúlio. Porém, é importante destacar uma passagem do trabalho de Jorge Ferreira (2014), que desenvolve a biografia de João Goulart.

Em um momento, Ferreira apresenta algumas trocas de cartas entre Jango e Getúlio, e que colocam o nome de José Vecchio no centro. Nas palavras do autor,

> (...) segundo carta de Jango: “O Vecchio sempre com suas burradas! Deu uma entrevista lançando o Ernesto (Dornelles) sem falar comigo.” Em um partido de origem carismática, o líder sindical, por maior fidelidade que prestasse a Vargas, estava incomodando. Jango, demonstrando grande capacidade de negociador político, levou adiante o plano que já havia combinado com Vargas: o lançamento de Ernesto Dornelles como nome de consenso final, os partidos não chegaram a um acordo e, com o apoio de Goulart, o PTB gaúcho lançou o nome de Dornelles como candidato ao governo do estado. Vecchio tinha apenas se precipitado. Daí a intervenção e a sua destituição do cargo no diretório municipal. (FERREIRA, 2014, p.66-67)

[54] **Jornal do Dia**., 21/06/1950, p.8.

Neste retrato, estavam formadas algumas condições. Uma delas foi a relevância e a confiança que a figura de Jango dava para Vargas. Essa ligação extremamente forte se deu em âmbito pessoal e político, o que levou Goulart à presidência do partido e futuramente a ministro do trabalho no governo de Getúlio. Ter esse homem de confiança, e que ia ao encontro de seus pensamentos, tornava mais fácil que os direcionamentos fossem concretizados dentro do partido.

Esses movimentos, somados às divergências que claramente ele tinha a essa liderança sindical de José Vecchio, levaram Vargas a articular movimentos para afastar Vecchio e toda base sindical do eixo principal do partido que esses trabalhadores haviam criado. Ainda sobre a possível nomeação de Dornelles por parte de Vecchio sem buscar a direção com Vargas, esta é vista apenas nessa comunicação com Jango, já que nem o próprio relata e faltam outros documentos que direcionem outras visões.

Na concepção de José Vecchio, ele foi um dos principais responsáveis pela viabilidade na eleição de Vargas. Esse pensamento vinha do seu ato de articular a vinda de Ademar de Barros para conversar com Getúlio, situação essa pedida pelo próprio candidato. Nas memórias de Vecchio, esse encontro teve saldo positivo, e de fato o PSP (Partido Social Progressista), do qual Ademar fazia parte, se alia à chapa de Vargas nas eleições, para a qual Café Filho foi escolhido como vice.

Partido dessa condição, José Vecchio começa a visualizar certa inveja de grupos que ele considerava de elite dentro do PTB. Para ele, ao se colocar individualmente como articulador essencial no acordo entre Vargas e Ademar, alguns nomes vão levar à destituição do diretório municipal, entre eles Leonel Brizola. Nas suas palavras,

> (...) eles, despeitados, não compreenderam, que eu, José Vecchio, com todos os meus atrasos políticos, com todas as minhas falhas, havia forçado o presidente da República a se pronunciar com o meu gesto e o meu trabalho. Bastou que eu fizesse o Ademar de Barros ir lá e apoiar o Getúlio para que ele permitisse o nosso pronunciamento. Foi uma deferência toda especial dele, Getúlio, aos trabalhadores do partido. E aqueles que não foram capazes de fazer o que havíamos feito até ali, despeitados, extinguiram o diretório e nos destituíram. (VECCHIO, 1986, p.87)

Fica claro que, em muitos momentos ao longo da sua trajetória, José Vecchio se coloca como uma pessoa fundamental em algumas tomadas de decisões, desde a organização sindical em 30. Em alguns momentos, sua

tomada de decisão é essencial para que certos acontecimentos ocorram, porém, em outros, como nessa situação de apoio ao PSP, ele tem um papel importante, porém não total, sobre a aproximação e desfecho positivo entre essas duas siglas. Mas não é possível negar a relevância da sua presença nesse jogo político, tanto que algumas forças e demais sindicalistas queriam seu afastamento.

Ainda sobre esse conflito interno, Vecchio reitera:

> O PTB foi organizado por trabalhadores. A elite, que nós mesmos, os trabalhadores, fundadores do partido organizamos, galgou posições. Um era deputado estadual, o outro foi senador e por aí afora. Ela, sendo elite governamental, não se conformava de que estivesse subordinada à direção de trabalhadores no partido. Houve, então, a ruptura e essa ruptura foi a gora d'água que transbordou, quando o Getúlio nos autorizou a lançar em São Borja a sua candidatura em homenagem ao sacrifício de nossos familiares e do nosso trabalho em torno da pessoa dele. (VECCHIO, 1986, p.88)

Esses pontos de Vecchio reiteram e simbolizam que o PTB, a partir das movimentações para a eleição de governador, entra em divergência com o PSD, grupos de outras vertentes e principalmente da elite que entram na sigla petebista começa a ganhar um novo ambiente. Alguns dos nomes que entram para o partido são indicados por Getúlio Vargas, sendo o principal nome de confiança João Goulart, que vai estar diretamente ligado à destituição do diretório. Quanto a Brizola, foi uma figura que entrou na sigla fazendo parte de um bloco jovem, que, por parte do Vecchio, foi o responsável por desmobilizar aqueles fundadores. A certeza da destituição do diretório foi apontada por Jorge Ferreira em outra passagem do seu trabalho

> Em fins do ano anterior, Jango escrevera a Getúlio dizendo que, "apesar de Vecchio ter prática muitas 'bobagens', e o chão em consequência, ter afundado muito sob seus pés, ele ainda continua merecendo a confiança de todos os getulistas". A seguir completou: "O diretório municipal continua se 'carneando'(...) mas creio que a extinção que vem ai tudo normalizará. (FERREIRA, 2014, p.66)

Já em 1951, após a eleição de Vargas, o *Jornal do Dia* publica uma entrevista feita com José Vecchio, na qual ele destaca seu afastamento do PTB para criar, junto com o grupo sindical, o PTBI (Partido dos Trabalhadores Brasileiros Independente). Entre algumas questões, ele aponta que iria até o Rio de Janeiro para conversar com Vargas para pedir desligamento da sigla. Outro ponto se deu com sua visão de que o PTB começava a ter militantes comunistas infiltrados na sigla e que levariam a novos destinos da agremiação; porém ele não cita nenhum nome e nem se aprofunda nesse aspecto.

Porém, mais uma vez, a questão do comunismo sempre está cercando a vida dele. Outra questão que ele aponta diz respeito à mudança das estruturas pedetistas, ocorrendo ligações com outras siglas, levando à perda das essências do movimento trabalhista que deram origem ao partido em 1945.

Um outro tópico que ele tece é sobre o fato do governo representar o povo. Na sua opinião,

> (...) é necessário que os governem para o povo, sem perseguições ou ressentimentos. Os cargos políticos propriamente ditos, devem ser ocupados por políticos, mas nos cargos técnicos, não podem e não devem ser substituídos seus titulares, por cidadãos que foram somente cabos eleitorais, no período das campanhas políticas. O que quero dizer é simples: é que um cidadão que exerce uma função técnica em qualquer repartição federal, estadual ou municipal, sendo ele trabalhador, cumpridor de seus deveres, não pode interessar a que partido pertence, uma vez esteja militando em partido legal, ou igualmente não deve interessar o fato de ele ser apolítico. Não deverá tal servidor ser substituído pelo fato de não querer entrar para o partido do situacionismo. Se os rio-grandenses se baterem pela reforma dos nossos costumes políticos e o PTB, como governo que é não admitir as injustiças – que, a meu ver, não admitirá, - no próximo pleito será vitorioso mais uma vez, mas, se modificar a sua finalidade, creio que, com a onda de descontentamento que poderá surgir com a provocação de substituições de funcionários que estão ao exercício do seus cargos, por outros que somente querem galgar posições, então, somente Deus Todo Poderoso é que sabe o que poderá acontecer.[55]

As posições que ele tinha sobre o campo político e as estruturas que se organizavam no pós-eleição, como no trecho referido, demonstram um grande entendimento de vivências e experiências, que ele foi tendo ao longo de toda sua trajetória. A partir de então, eles dão os primeiros passos rumo ao movimento independente, que, nas palavras dele, eram trabalhistas e getulistas, mas que eles não iriam obedecer à elite que havia tomado conta do partido.

Essa organização vai ter como foco central a candidatura de Brizola, porém, esse fato não seria para apoio, e sim para evitar sua eleição. Ele, e mais os componentes sindicalistas que faziam parte do diretório municipal, apoiam Ildo Meneghetti, que tinha sido indicado pelo PSD, porém apoiam o vice da chapa de Brizola, pois o candidato de Ildo era do PL (Partido Libertador), um inimigo de Vargas. Ainda que tenha se afastado da sigla e se colocado contrário à indicação brizolista, se manteve sempre ligado às continuações daquilo que fora conquistado em todo período varguista.

Nas suas palavras, nesse processo, é o único que se abstém de defender algum dos candidatos, e esse feito vai ter um significado nos anos seguintes,

---

55 **Jornal do Dia**., 04/03/1951, p.8.

para o retorno de Vecchio para a sigla. Um momento interessante que ele destaca, nesse momento de ruptura com a sigla original, é sua ida à sede do PRP (Partido Republicano Progressista), que tinha, entre seus componentes, nomes como Borges de Medeiros, que eram de oposição a Vargas, mas que faziam parte da aliança com Ildo Meneghetti. Ele ressalta que, dentro dessa sigla, acabou por encontrar comunistas e extremo-esquerdistas.

Essa sua posição de enfrentar Brizola vai chamar a atenção de Vargas, que vai chamar Vecchio até o Rio para que ele desse explicações. Porém, vale destacar uma nota de um periódico em meados de setembro, que assinala a possibilidade da candidatura do próprio Vecchio para concorrer à prefeitura. Em vista que ele nem mesmo cita essa situação, uma das possibilidades é que, por estar ligado ao PTB e não poder ser considerado um partido, o PTBI só poderia apoiar outros candidatos.[56]

Sobre o novo encontro com Getúlio, Vecchio discorre:

> Recebeu-me no sistema de sempre: muito delicado, muito alegre, mas meio aborrecido: "Mas, Vecchio, o que é que você está fazendo? " "Política. " "Mas, como, política? Todos vêm aqui me dizer que você vai derrotar o partido. Logo você, o homem que cria um partido vai derrotar o mesmo? " Eu disse: Não, senhor doutor. Não vamos derrotar partido nenhum. Vamos derrotar um candidato que também nos derrotou. Nós vamos derrotar o sr. Leonel Brizola porque nós o fizemos deputado! Nós o botamos dentro do partido, com a elite de estudantes, e por força da inveja, da ganância, ele extinguiu o nosso diretório e nos botou para a rua". Ele disse: "Não, Vecchio, você não vai poder fazer isso, não". "O senhor me mandou chamar aqui para quê, dr. Getúlio? Para me ouvir. Nós não vamos derrotar o partido, eu vou derrotar o candidato. Duas coisas vão acontecer, presidente Vargas: uma, nós derrotamos o Brizola e ele fica como derrota, ou ele ganha a eleição e nós nos afastamos definitivamente da vida pública. Está terminado." (VECCHIO, 1986, p.91-92)

Em mais um encontro com Vargas, as memórias de José Vecchio apresentam um enfrentamento de defender seu ponto de vista. Ao considerar um indivíduo que ele havia colocado na sigla, sendo o principal articulador à destituição do diretório municipal, o foco era impedir Brizola de conquistar aquele cargo e sentir na pele a insatisfação que Vecchio e demais sindicalistas sentiram ao serem colocados à margem. Ao chegar ao resultado das eleições, Ildo acaba vencendo Brizola por uma diferença de mais ou menos 1000 votos. Para José, essa situação é grande vitória, já que, segundo ele, o grupo que fazia parte daquele diretório girava em torno de 7000 pessoas.

[56] **Jornal do Dia**., 05/09/1951, p.8.

Como pensamento daquele momento, Vecchio destaca que o grande problema de Leonel foi sua ganância e desejo de tripudiar e esmagar, que esteve junto com ele e que ajudou a colocar no interior da sigla. A partir desse momento, o desejo de José Vecchio havia acontecido e acaba encerrando esse conflito. Ao passar de 2 anos, as novas eleições para prefeito começam a ser articuladas, e, no seu depoimento, Vecchio pontua a visita de Jango a sua casa.

Nesse encontro, João Goulart destaca que Brizola vai concorrer novamente ao cargo e que isso só aconteceria

> (...) se o senhor apoiar e voltar para o partido". Digo: "Não, nem preciso ir para o partido. Que falta eu faço lá? O que eu tinha que fazer com ele eu já fiz: derrota-lo uma vez. Agora, vou trabalhar para ele. Vou fazê-lo prefeito de Porto Alegre. Ele tem que saber que sempre por trás dele tem um homem. Tem mais, tem mais um, mas esse que ele tem que conhecer, sou eu, que a mim ele não esmaga". (VECCHIO, 1986, p.94)

Novamente, é perceptível o orgulho que permanece em Vecchio quanto à derrota que Brizola sofre, com a sua contribuição. A partir daquele momento, ele ajudaria nessa nova campanha, e com a certeza de que, por ter conseguido derrota-lo indiretamente, o seu apoio e dos demais levaria à vitória de Leonel, o que realmente ocorre, ainda que não seja possível afirmar com base em documentos que sua eleição se deu pelo apoio desse grupo. Ainda vale ressaltar que, para Jango, ele afirma que não tinha mais interesse em retornar ao partido, porém, pela proximidade que tinha com Pasqualini, que iria concorrer ao governo do estado novamente, acaba retornando, como afirma Bodea nessa passagem.

> Os entendimentos entre o PTB oficial e os dissidentes sindicalistas em torno do apoio a Pasqualini permitiram mesmo uma reaproximação entre Brizola e Vecchio, que desde 1950 não mantinham sequer relações pessoais. Mas o apoio destes dois pequenos agrupamentos dissidentes – o remanescente PSDA e o PTBI – não chegavam a dissimular o isolamento da legenda trabalhista nas eleições de 1954: de fato, o PTB concorria sozinho contra a coalização liberal-conservadora da Frente Democrática (BODEA, 1996, p.115)

Esse reingresso ao PTB leva não somente a uma reaproximação de Vecchio com Brizola, como abre possibilidades para que oficialmente José Vecchio concorra a uma eleição para a Câmara Legislativa. E, com esse cenário, nessas eleições, apenas Brizola consegue se eleger prefeito de Porto Alegre, enquanto Pasqualini acaba perdendo para Ildo Meneghetti.

Ainda é importante ressaltar as memórias que Vecchio tinha sobre a figura de Vargas nos últimos anos da sua vida em conjunto com o último governo. A última vez que ele encontraria Getúlio seria logo de pronto após sua candidatura,

e, nessa reunião, ele chama Vecchio para que ele fosse para o RJ trabalhar com ele. Porém José Vecchio nega o chamado, pois, nas suas palavras, ele não iria se tornar um “capanga”, afirmando que gostaria de permanecer como um amigo, e que, quando Vargas precisasse, ele estaria ao seu lado no RS.

Ao ser questionado pelo entrevistador sobre o suicídio daquele que ele sempre considerou uma liderança importante em todas as conquistas que ele e demais tiveram até aquele momento, diz que, para ele, não foi uma notícia que trouxe surpresa, pois, segundo suas lembranças, Vargas teria dito que não voltaria para o estado nas mesmas condições que ele havia voltado no fim do último mandato. Logo ele percebeu que Getúlio poderia estar falando de sua morte. É relevante destacar que, nas suas palavras, ele não deixa claro se fazia parte das pessoas que ouviram esse relato. O que ele deixa transparecer é que pessoas contaram a ele a respeito dessa situação.

Ele ainda relata como viu esse segundo governo varguista. Nas suas palavras:

> Completamente diferente. Não a pessoa, mas o sistema. Porque ele não mandava, ele era o presidente da República, mas tinha de se submeter a uma série de injunções políticas. E aquela gente que pouco colaborou para a volta dele, foi aquela mesma que fez questão de acabar com o governo dele. Então armaram, fizeram uma armadilha de que ninguém está livre! E os companheiros que o estavam cercando foram excessivamente fracos para o defender. Porque se ele pega um grupo de companheiros aqui do Sul ou lá do rio, de outras partes – em toda parte tinha gente dele – e fosse governar e ouvir aqueles, talvez ele chegasse ao fim do poder. (VECCHIO, 1986, p.97)

Na sua visão, se ele tivesse se cercado de pessoas como aquelas que o defendiam na região sul, onde Vecchio estava inserido, o governo poderia ter tido sequência, levando sempre em questão que aquela organização que ele havia ajudado a fundar tinha grande importância e que estaria sempre com Vargas. Ele ainda resume que Vargas foi e sempre seria insubstituível, e que nenhuma liderança, nem mesmo a de Jango, que crescia no campo político com o apadrinhamento de Getúlio, se equipararia à liderança getulista. Para ele, o único possível defeito que ele tinha era o de fazer “as coisas dentro da sua época, dentro dos seus princípios, sem comprometer ou se comprometer”[57].

Sobre a relação que ele tinha com Jango, é interessante visualizar que era uma relação próxima por todas as circunstâncias das articulações políticas. No seu depoimento, ele enfatiza alguns momentos de encontro com Jango,

[57] VECCHIO, José. 1986, p.109.

principalmente quando ele se torna presidente da República. Ele destaca que nunca foi visitar o gabinete de João Goulart, mas que foi visitá-lo algumas vezes no Uruguai durante seu exilio, e que ele se colocou algumas vezes em meio a brigas entre Brizola e Jango.

Dessa relação entre Jango e Brizola, é possível considerar que, ao passo que, com Goulart, a relação foi sempre amistosa, chegando a uma amizade com o passar dos anos, com Brizola, após o grande conflito, os ânimos foram se acalmando e as relações parecem ter se estreitado, ainda que não seja possível dimensionar o nível de amizade que foi criado. Porém, a principal circunstância da qual Vecchio possa ter partido sem saber é que os agentes da destituição do diretório municipal foram Jango e Getúlio, duas das personalidades com que ele mais teve ligação, sendo uma delas aquela à qual ele mais tinha gratidão, porém restou a Brizola o papel de vilão.

Ainda é importante destacar sua passagem pela assembleia legislativa entre os anos de 1957 a 1961. A primeira eleição em 54 não o elegeu a uma vaga na câmara. O PTB conquista 23 cadeiras e Vecchio acaba por ficar na posição 40, com 3.430 votos, se tornando suplente até 1957.[58] Desse período como suplente, ele vai se pronunciar em dois momentos, em sessões ordinárias, onde vai falar sobre os preços do café e da carne.[59]

Em 1958, acontecem as novas eleições para o governo do estado e da assembleia, e, nessa disputa, Vecchio consegue uma das cadeiras, deixando a suplência. Nessa eleição, ele obtém 7.227 votos[60], aumentando quase o dobro do número obtido na última eleição, e, dentre as 24 cadeiras disponíveis, ele vai ocupar a 23ª. Nesse primeiro ano de mandato, é possível ver que abriam maiores condições para que ele pudesse defender os pontos que ele sempre articulou até aquele momento.

Nos anais da assembleia, ao passar dos meses, ele se destaca na defesa dos direitos de categorias, destacando a marítima na qual ele havia estado presente nos anos anteriores à organização do PTB, e os trabalhadores do transporte, local onde ele começa sua trajetória de organização sindicalista. Ainda em meio aos discursos, há divergências com políticos de outras siglas,

[58] Tribunal Regional Eleitoral do RS., 29/10/1954. p.17.
[59] Anais da Assembleia Legislativa do RS., 01/08/1957, p.10-12.
[60] Tribunal Regional Eleitoral do RS., 22/08/1958, p.14.

além de falas defendendo Vargas e a sigla petebista que ele havia ajudado a criar.

No ano seguinte, em 1960, seu mandato continua apontando algumas questões referentes a organizações operárias e à situação de aposentadorias e pensões. Porém, enfrentou alguns conflitos por discordar do uso do dinheiro público por deputados para viagens e festas. Ele ainda homenageia Alberto Pasqualini, que vai falecer naquele ano. Em 61, os assuntos abordados por ele seguem a mesma linha, sendo incisivo para que as obras públicas fossem mais fiscalizadas. Um destaque, abordado por ele nesse ano, vai de encontro à legalidade do Partido Comunista Brasileiro (PCB), onde ele se coloca a favor dessa liberdade. Em um trecho do seu discurso, ele salienta:

> (...) acredito que todos cidadãos que militam em partidos democratas deveriam antes de mais nada, admitir a legalidade do Partido Comunista porque foi na legalidade do Partido Comunista que eu consegui fundar o Partido Trabalhista no Rio Grande do Sul. E não foram eles os bicho-papões, porque só elegeram 3 Deputado, e o Trabalhismo elegeu 25. Agora, conforme manifestação de nossos colegas, há infiltração em todos os partidos. E por que? Porque nós próprios os chamados democratas não admitimos a legalidade dos comunistas.[61]

Em mais um momento, as complexas relações que José Vecchio tinha com o movimento comunista emergem. Ao longo de todos os pontos até aqui relatados sobre sua longa trajetória política, o mesmo explana sentimentos variados em relação a essa vertente, passando por opiniões nas quais coloca esse grupo como totalmente oposto ao que o grupo getulista defendia, mas, em outros momentos, defendia e articulava com figuras desse meio.

Essa situação divergente vai de encontro a toda trajetória de Vecchio, que foi se desenvolvendo em meio às mudanças da sociedade desde a virada para o ano de 1920 até aquele momento, além da própria complexidade desse individuo inserido no andamento das atividades.

De modo geral, os apontamentos feitos pelo autor contribuem para afirmar que, ao analisar aspectos que envolvem a trajetória de um indivíduo, é necessário perceber um plano mais amplo e considerar as contradições que forem surgindo. A trajetória de José Vecchio, dentro de um cargo público, não vai ter sequência, já que ele acaba não eleito para um segundo mandato.

Porém, todas as decisões, tomadas em conjunto com as experiências operárias e partidárias que ele vai ter, tornaram Vecchio uma liderança de grande

[61] Anais da Assembleia Legislativa do RS., 25/09/1961, p.178-179.

relevância naquele cenário. Em meio a isso, vai se mantendo firme aos ideais operários, e visualizando em muitos momentos o coletivo, ainda que dispusesse de interesses individuais, mas que não diminuem sua importância em meio à luta operária daquele período.

Capítulo 3 – Olhando para trás a representação da trajetória de José Vecchio

Nesse capítulo, o intuito é analisar a trajetória de José Vecchio a partir de fontes variadas, como memórias, documentos autobiográficos e documentos variados, buscando compreender essa figura multifacetada que emergiu dos setores subalternos da sociedade para o espaço de destaque na política regional brasileira e, a partir daí, trilhou caminhos a partir de suas escolhas e do contexto que vivenciava até chegar a um relevante cargo político e a uma prisão política.[62]

A trajetória de José Vecchio é relacionada aos contextos políticos e históricos do Brasil ao longo do século XX. Nesse sentido, ele é representativo das potencialidades que o contexto abria para a militância e ascendência que se dispunha a interagir e se desafiar com a dimensão da militância e da política que orbitava. Sua representação deve ser vista de mesmo modo, como uma figura que se destacou em meio àquele grupo de operários que usou das oportunidades que foram surgindo entre os anos de 1930 e 40.

Nesse capítulo, o intuito é visualizar estas (militância e relação com a família) na trajetória de vida de Vecchio. No que diz respeito às relações com a família, poucos documentos dão clareza sobre os relacionamentos particulares e como se dava o convívio entre o ambiente público e o privado. As fontes que apresentam detalhes sobre esses desdobramentos, além do seu próprio depoimento, no qual ele relata apenas detalhes do início da sua vida com seus pais e a relevância do seu pai no começo da sua trajetória operária. Outro principal registro são as memórias narradas nos depoimentos de seus filhos, que contribuem para entender a influência de ideias que Vecchio deu a eles, bem como visualizar os comportamentos dele frente à relação político-sindical com as relações familiares.

Uma outra perspectiva essencial na sua trajetória se baseia na militância que ele foi construindo ao longo de vários anos – as experiências que José Vecchio foi vivenciando, ao passo que participava das atividades cotidianas, no ambiente operário, com relações entre variadas categorias e vertentes políticas,

[62] Ao longo do período do regime militar, ele teria sido preso. Os motivos que levaram a essas prisões variam, e pela falta de fontes que possam apresentar maiores detalhes e pela falta de tempo em virtude da pandemia, não foi possível se aprofundar nessas questões.

como anarquistas e comunistas. Os momentos de atuação militante foram se ampliando com a organização sindical dos anos 30, e, ao longo das formações partidárias, a partir da metade de 1940. Sua militância em meio a outros operários, em um ambiente de intensa luta operária, vai dar margens para que sua presença se destacasse das demais, e se tornasse representativa.

Suas vivências, atitudes e opiniões constituíram toda sua trajetória, cercada de complexidade, na qual várias ações acabavam por entrar em conflito, e grupos e comportamentos divergiam em algumas falas. Porém, essas alternâncias faziam parte de todo um conjunto de acontecimentos que influenciavam as tomadas de decisão daqueles indivíduos. Outra questão importante dentro dessa trajetória em si é a própria visão de Vecchio sobre os eventos que aconteciam em sua vida e com o coletivo operário.

É importante observar os pontos destacados, pois eles vão ajudar a entender a relevância de José Vecchio em meio às potencialidades dos momentos que ele vivenciava. As oportunidades que foram surgindo abriram o campo, no qual o jogo de estratégias foi importante, para o discurso do Estado de se colocar como conciliador das classes, o que permitia espaços de negociação que ampliaram as legislações trabalhistas. Por outro lado, os trabalhadores apoiavam o governo, porém sem deixar de lutar por melhores direitos sociais e sempre sendo um espaço de tensão.

Como apontado anteriormente, Vecchio e demais sindicalistas usavam estratégias para ampliar os direitos já conquistados. E, com sua atuação como negociador nesse processo de ampliação do campo de conquistas ao longo dos anos, sua figura ascendeu, tornando-se um dos principais representantes de um conjunto de trabalhadores, em específico os trabalhadores da Companhia de bondes da Carris.

3.1. Família

Desvelar as relações familiares é importante na medida que mostra o objeto dessa pesquisa de uma forma mais ampla, permitindo uma compreensão que ultrapassa sua atuação enquanto militante, permitindo um olhar do historiador mais próximo da realidade em que ele estava inserido. Dito isso, os

registros sobre toda a trajetória de José Vecchio circulam em torno da sua militância sindical e política, havendo poucos espaços para as questões familiares. Porém, as poucas referências a esses momentos são de grande importância para visualizar Vecchio em seu ambiente particular. E, sobre esse cenário, dois documentos ajudam a compreender momentos distintos da sua vivência familiar.

O primeiro é o depoimento de Vecchio, já analisado no capítulo anterior. Esse registro, ainda que brevemente, aponta sua relação com a família no início de sua vida, principalmente o quanto a influência do pai foi essencial para que ele começasse a ter a consciência do que acontecia em seu entorno, e para sua chegada à companhia de bondes. O segundo diz respeito às entrevistas concedidas pelos seus dois filhos, Miguelina Vecchio e José Vecchio Filho. Ambas as narrativas vão ajudar a perceber a relevância da figura de Vecchio como pai e como, na memória de ambos, ele conciliava sua militância com a relação com a família, sem deixar de lado a influência que ele deixou a eles.

Em um primeiro momento, como já relatado anteriormente, sua família fazia parte de um grande número de imigrantes italianos que haviam chegado ao Brasil entre o final do século XIX e início do XX. Sobre esse período, seria importante um maior suporte de documentos para ampliar essa relação de Vecchio com os pais e com sua irmã. A partir das suas memórias sobre sua infância, ele destaca que, a partir das oportunidades criadas por Borges de Medeiros, ele conseguiu começar os estudos na escola, aos 6 anos, com todo o material gratuito, tendo permanecido até o quinto ano do primário.[63]

Essa oportunidade de conquistar os estudos de forma gratuita abre um interessante ponto. Ele descreve que seu pai era totalmente contrário ao governo de Medeiros. Além desse posicionamento influenciar Vecchio na visão que ele vai construir desse governo, somado às suas próprias experiências já relatadas, esse êxito ao conseguir, ainda que por pouco tempo, ter estudado foi uma das primeiras oportunidades que foram surgindo na vida de José Vecchio para que ele alçasse melhores condições.

Sobre a composição de sua família, ele fala que seu pai começaria a trabalhar na Companhia Carris no ano de seu nascimento, em 1909. Já sua mãe

[63] VECCHIO, José, 1986, p.1.

trabalhava como costureira para a empresa Tanhauser, e que sua irmã também ajudava nesse trabalho. Ao longo de todo esse período, Vecchio e sua família tinham grande dificuldade de se manter. O nível de pobreza era enorme, vide as enormes crises e condições precárias de trabalho.

Um detalhe que sua filha Miguelina apresenta no depoimento a partir da sua memória é a presença de sua bisavó de mesmo nome e que morava com seu pai e seus avós, além da sua tia, irmã de Vecchio. A figura dessa avó de Vecchio teria sido importante para a família, principalmente no período em que o seu pai havia sido chamado para lutar pela Itália na Primeira Guerra Mundial. Para Miguelina, a presença matriarca dentro da família italiana era muito forte, pois, ao longo do período que o pai de José havia ido para a guerra, sua vó se tornara um figura extremamente importante, contribuindo até financeiramente.[64]

Durante esse período sem a presença do seu pai, Vecchio, ainda menor de idade, acaba precisando trabalhar para ajudar com os gastos em casa. Essa situação já foi melhor desenvolvida anteriormente, porém o que é interessante salientar como algo novo é a presença feminina que decidiria os rumos da família com maior espaço. Como Miguelina destacava, sua bisavó tinha uma grande força, que, em muitos momentos, ultrapassava qualquer imposição do seu filho, pai de Vecchio, ficando clara essa presença matriarca. Ainda que não seja possível determinar o quanto essa liderança forte da sua vó influenciou José Vecchio ao longo da sua jornada, o certo é que foi representativa.

Logo após o retorno do pai, Vecchio, que já estava trabalhando, teria demonstrado interesse em aprender um ofício, e assim pediu que seu pai o ajudasse. Essa ação pode realmente ter vindo de vontade própria, porém fica claro pelas suas memórias que o pai teve um papel muito importante para que ele começasse o trabalho no transporte de bondes da cidade. O período de quase 10 anos que seu pai trabalhou na companhia contribuiu para que ele tivesse contatos de nomes da administração, que acabou aceitando Vecchio para começar a desempenhar atividades, as quais foram se modificando ao passar dos anos.

Nesse início da trajetória de criança para a juventude, José Vecchio vai passar por condições extremamente difíceis. Em todos os relatos de Vecchio e

[64] VECCHIO, Miguelina. **Depoimento**. Entrevistador: Leonardo Amaral. Porto Alegre. 2019, p.1.

de seus filhos, ele e sua família viviam na pobreza, situação na qual grande parte da população estava inserida naquela época. E, nesse contexto, ele precisou trabalhar com apenas 10 anos, e seu pai foi a principal figura que influenciou em posicionamentos sobre os governos e a situação que eles presenciavam, além de ser responsável pelo começo da sua atividade operária e, posteriormente, pela sua militância.

Tendo visto essas questões, baseadas nos primeiros anos de vida de Vecchio com sua família, é interessante visualizar as percepções de seus filhos a partir dos relatos contados por ele sobre sua trajetória e o quanto a sua influência foi importante na vida de ambos. Ambas entrevistas trazem aspectos que vão se somar aos acontecimentos descritos por Vecchio sobre sua militância sindical e relações com outras figuras políticas.

Vale apresentar uma breve descrição de ambos, atividades que praticavam e o processo pelo qual passaram até chegar aquele momento. Importante relatar que ambas as entrevistas foram feitas em 2019, respectivamente em seus locais de trabalho. A partir disso, é importante apresentar brevemente Miguelina Paiva Vecchio, de 58 anos. No momento da entrevista ela desempenhava a função de funcionária pública estadual na Câmara Legislativa do Rio Grande do Sul, sendo chefe de gabinete da deputada Juliana Brizola (PDT). Além dessas atividades, ela também é formada em Sociologia e faz parte das principais estruturas do PDT (Partido Democrático Trabalhista). Já seu irmão, José Vecchio Filho, tem 56 anos, é formado em Direito, já tendo desempenhado a função de advogado do PDT, e havia sido funcionário público. Ainda vale destacar que, durante os anos de 2009 a 2015, foi presidente do Jockey Club de Porto Alegre.

Tendo em vista as atividades e cargos desempenhados por ambos, um ponto específico liga ambos. Essa ligação se dá pela presença deles no interior do partido pedetista. Miguelina participa ativamente das decisões do partido, trabalhando ativamente no movimento da Ação da Mulher Trabalhista, do qual é presidente nacional. Seu irmão participou da Ala Jovem do partido, e até o momento da entrevista, permanecia afiliado, porém sem estar participando ativamente.

Esse fator é importante, pois, ao final de 1970, com a volta da liberdade política, o partido foi criado tendo Brizola como principal fundador. Porém, José Vecchio acaba participando dessa nova sigla, que vai manter boa parte dos ideais petebistas. Vecchio acaba sendo um grande condutor para que seus filhos, naquele momento ainda jovens, se filiem. A partir dessa circunstância, fica clara a importância de José na vida dos dois, nas posições e visões das relações, como vai ficar mais claro na sequência de ambas as narrativas.

Na relação da sua filha com ele, a própria relata que seu pai tinha opiniões conservadoras e machistas em vários momentos. Como ela mesma afirma,

> (...) a minha relação com ele pelo menos era uma relação direta muito forte, tanto que assim, eu casei de noiva por causa dele, eu me formei de toga por causa dele, eu foi oradora de turma por causa dele, eu era a herdeira política dele, isso já é uma coisa da gente analisar porque ele era um machista, como todo homem que nasceu no período dele, ele era bem machista, tanto que uma vez eu já era casada e eu tava com uma roupa com uma leve transparência e ele disse assim: "Vai ali na porta, abre as pernas, como teu marido deixa tu sair com uma roupa dessas", e eu disse: "meu marido não manda nas minhas roupas". (VECCHIO, 2019, p.2)

Esse trecho apresenta uma grande consideração sobre essa relação de conflito. Ao passo que Vecchio tentava impor opiniões e, em alguns momentos, o que sua filha deveria ou não fazer, Miguelina se impõe e até mesmo enfrenta essa pressão. E, com isso, é possível visualizar que, ao passo que os ideais de seu pai sobre as vivências e opiniões de um militante foram importantes para ela, levando-a a atuar em atividades relacionadas ao meio social, por outro lado, fica evidente que nem mesmo essa ligação que ambos tinham e o respeito que ela tinha por ele suprimiram os posicionamentos firmes que ela vai ter ao enfrentá-lo e de constituir suas próprias opiniões, opostas às de Vecchio. Ela vai descrever o quanto a figura do seu pai foi significativa.

> Sim, com certeza, a visão de mundo dele de como a sociedade de classes, ainda que ele não tivesse nenhuma formação intelectual sobre isso, ele sentia a opressão da classe dominante, e isso influenciou muito pra eu fazer sociologia por exemplo, pra mim ser socióloga, e influenciou muito a forma como ele tratava a mãe, ainda que carinhosamente com o subjugo do macho, o macho alfa, me tornou a feminista que eu sou, eu sempre dizia pra mãe, eu amo ele, mas eu não quero ter um marido que vá pro banheiro e grita: "traz a esponja, traz a toalha, traz o chinelo, traz a roupa", sabe então aquilo forjou a militante feminista que eu sou, das mais ortodoxa, tu conta de que aquele modelo ali não me servia de homem, toda minha formação tem a ver com ele, minha formação acadêmica, pra poder entrar fundo nessa questão de luta de classes, tinha a ver com ele, e a militância

> feminista, o tipo de homem que servia pra ser meu lider, mas não servia pra ser meu homem, por conta do excessivo machismo, a mãe não podia usar óculos escuro, ele achava que mulher que usava óculos escuro tava se escondendo, por ai tu tem uma ideia, então com certeza a minha militância tem a ver com, pro bem e pro mal, tu entendeu, no caso do feminismo forja uma militante pra reagir ao machismo e no caso da socióloga tem a ver sim com, claro que ele queria que eu fosse professora de sociologia, isso eu não quis ser porque eu não tenho talento pra ser professora (...) (VECCHIO, 2019, p.7)

É importante apontar essa relação direta de Vecchio com sua filha, pois, ao analisar ambas as entrevistas, é perceptível um conflito, mas, como a própria Miguelina descreve, seu pai via ela como sua sucessora no campo de militância, constituindo assim uma conexão de respeito. Já com seu irmão, esse vínculo se dava de maneira natural, sem grandes divergências.

É significativo visualizar como eram as atitudes de José Vecchio em família e essa relação entre vida política e pessoal a partir dos dois relatos. A partir de Miguelina, seu pai aproveitava os momentos em que ele tinha tempo. “Ele tinha muita qualidade no tempo que ele tava com a gente, era afetivo, comigo então que tinha aquela relação com o nome da mãe dele, muito forte”[65]. Ela ainda destaca que alguns políticos que tinham forte ligação com Vecchio iam até a residência deles e seu pai impedia que os filhos ficassem por perto. Eles ficavam no quarto até eles irem embora. Para José Vecchio Filho, esse cotidiano com a família era também mais próximo ao longo do final de semana, pois as questões políticas em que seu pai estava envolvido o mantinham ocupado a semana inteira.

> (...) o pai era um cara muito engajado e não existe político com ideal que abrace a causa que tenha tempo pra cuidar dos filhos, não existe. Até hoje eu me dou tenho grandes amigos na política e o sacrifício da família, claro que aos finais de semana como o pai era um político de porto alegre, com base em Porto Alegre viajava menos, então fim de semana ele era um cara muito presente, mas durante a semana ele tinha compromisso até tarde, reuniões, etc. então eu tive o privilégio de ser estudante de escola pública e acompanhado pela minha vó, minha vó dava um alicerce pra minha mãe muito importante, então fui criado pela mãe e pela vó e aos fins de semana pelo pai, o pai era um cozinheiro excelente, fim de semana o hobbie dele era cozinhar, comida italiana, aprendeu com a minha vó, eu aprendi um pouco a cozinhar também, então como pai excelente, nos educou ao que era certo e o que era errado (...) (VECCHIO FILHO, 2019, p.5)

[65] VECCHIO, Miguelina. 2019, p.4.

A partir das duas percepções das relações de Vecchio com a família, é possível visualizar que ambos têm a memória de um pai que aproveitava aqueles momentos em que estava em casa para estar mais próximo. Na fala de Miguelina, ela relembra uma ida a um parque, que fez com que ela, naquele momento, ficasse muito feliz, mas que, para seu pai, não era algo de que ele realmente gostasse, mas, como ele queria dar aos seus filhos condições melhores do que as dificuldades que ele vivenciou – tendo até mesmo passado fome –, ele se sujeitava àquela atividade. Na fala de seu irmão, o que ele destaca é o gosto pelo ato de cozinhar que seu pai tinha, e que ele gostava de exercê-lo quando estava em família.

É interessante destacar ainda que, em outra passagem da entrevista de Miguelina, seu pai ainda gostava de passar um tempo em sua chácara e nas pedreiras que ele havia adquirido. Sobre essas aquisições, vale observar que, ao longo de vários anos, sua situação como operário inviabilizaria qualquer chance de ter posses desse tipo. Não é possível apontar que alguma delas tenha vindo de conquistas da família, porém é possível que, a partir do seu trabalho dentro do partido e dentro de organizações sindicais, e posteriormente seu trabalho na câmara legislativa, tenha sido possível adquirir tais propriedades.

Outro relevante ponto a ser discutido é a grande relação com várias figuras políticas, muitas delas com uma proximidade maior. E, nesse contexto, dois nomes se destacavam, Brizola e Jango, além de Getúlio Vargas, que, através das memórias do próprio Vecchio, foi uma das figuras mais importantes na sua vida. Para José Vecchio Filho, a relação com Vargas

> (...) e o Getúlio gostava muito dele, o Getúlio usou a liderança do pai pra criar um partido que ele sonhava que era o PTB que ele talvez em um primeiro momento ele tinha medo de imigrar e não dar certo, então as pessoas de confiança que o Getúlio dentre os quais o pai estava, as pessoas de confiança do Getúlio são os fundadores do PTB, todos com militância no movimento popular e estudantil da época e o Getúlio pediu que eles fizessem isso, na verdade a ideia de fundar o PTB é do Getúlio, como uma questão embrionária de um partido de massa, então ele deslocou as pessoas da confiança dele pra essa tarefa, dentre as quais estava o pai, então o pai amigo pessoal, depois o Getúlio evidentemente, como o PTB tinha acesso, o pai visitava o Getúlio (...) (VECCHIO FILHO, 2019, p. 4)

Nesse trecho, o filho de Vecchio destaca que havia, por parte de Vargas, uma confiança em seu pai para que ele cuidasse do PTB. A sua visão dessa ligação pode ter se dado por conversas com Vecchio e relatos que ele possa ter ouvido por outras pessoas. Ele, inclusive, indica leitura de cartas entre ambos,

porém, sobre essa possibilidade, os telegramas entre ambos que existem foram apontados anteriormente, e outros que pudessem existir foram perdidos. Para Miguelina, o vínculo com Getúlio era muito estreito e seu pai gostava muito dele, afirmando principalmente que ele nunca o considerou um ditador.

Ainda que ambos os discursos expressem um forte vínculo até mesmo de amizade entre Vecchio e Vargas, é preciso visualizar esse relacionamento de modo mais amplo. Como destacado no capítulo anterior, um dos grandes conflitos gerados ao longo do período de formação partidária levou à saída de Vecchio do PTB gaúcho, e, para ele, o causador teria sido Brizola. Na verdade, as mensagens entre Getúlio e Jango demonstram que a insatisfação e as ações que levaram à saída do militante trabalhista foram gerenciadas por aquele que ele considerava sua principal liderança.

Apesar disso, não é errado considerar que havia realmente uma ligação constante entre ambos, porém, a partir das documentações disponíveis, esse relacionamento não parecia ser uma via de mão dupla. Dentro desse contato com importantes figuras, outras duas também são descritas por Miguelina e Vecchio Filho.

> Ele gostava muito do Brizola, achava o que todo mundo acha que era um líder que tinha uma potencialidade de liderança violente, mas como todo velho, sem estudo e militante trabalhador, ele tinha uma visão de que a juventude tem que cuidar de coisa de jovem e não se meter com política, tipo assim , o que quer perturbando sabe, mas mesmo assim gostava muito do Brizola, e o Brizola dele, respeitava ele pra caramba, ajudou muito ele na vida quando foi governador do Rio, botou ele de conselheiro do Banerj, que ele já tava com dificuldades financeiras, ajudou muito ele, o Brizola, quando era governador, porque claro respeitava ele, e ele respeitava o Brizola, ele não gostava porque achava que gurizada só apurrinha, mas ele via nele o líder que ele era, isso é importante, a visão do cara, os velho não gostam dos guri enchendo o saco, qual o veio que gosta do guri enchendo o saco, só que claro ele reconhecia que ele era cara que tinha potencial, tanto que deu no que deu, eu acho que foi o único no poder que foi governador 3 vezes em estados diferentes. (VECCHIO, 2019, p.5)

E, sobre a relação com Jango:

> É, mas com o Jango era uma relação mais conflituosa, tanto que eles, quando apareceu um filho do Jango, fora do casamento e esse filho arrolou ele como testemunha de que era filho do Jango, a família ficou muito contrariada com o pai ser testemunha deles, acontece que em uma vez numa visita a fazendo do Jango no Uruguai, o Jango disse pro pai, quando o pai perguntou: " Mas afinal de contas, é teu filho ou não é teu filho?", o Jango teria respondido que poderia ser filho e poderia ser irmão, e o pai disse isso em juízo e eles não gostaram, a

> relação com Jango era uma relação bem mais distante do que com o Brizola, com o Brizola era mais próxima. (VECCHIO, 2019, p.5)

As duas passagens apontam como se dava a condição entre esses dois indivíduos, e, na visão de Miguelina, as proximidades eram diferentes. Enquanto, com Brizola, havia o atrito principalmente pelas diferenças de idade e de ideias, ambos tinham enorme respeito um pelo outro, que foi crescendo próximo dos anos 60. Já com Jango, essa relação seria mais afastada, principalmente pelo fato de que seu pai teria relatado a outras pessoas sobre o segredo de um possível filho que João Goulart não teria assumido, e, com isso, a relação havia se distanciado.

Através da narrativa do outro filho, é perceptível a presença de uma mudança de proximidades entre esses dois nomes. Sobre a relação com Brizola, os atritos apontados dão conta da percepção que seu pai relata em seu depoimento, segundo a qual Leonel foi o responsável pela eliminação do diretório municipal do PTB, que levou à saída dos sindicalistas e de Vecchio.

> O Brizola, sentia uma diferença grande pro pai, quando o pai era presidente do partido, o Brizola e o Sereno Chaise, que faleceu a pouco, uma pessoa fantástica, eram da Ala Moça que seria a ala jovem do partido, e o pai que já era uma pessoa mais velha, o pai já era da geração do Getúlio, do Jango, então o pai se incomodava um pouco com a maneira dos jovens fazer política, o Brizola já era radical e o Sereno também, então o pessoal fazia uma política mais diferente, não dá pra dizer coronelismo que seria um termo forte, inapropriado, mas assim um caudilhismo, o pessoal da cúpula do partido, todo mundo muito postado, muito tranquilo e já uma juventude mais agitada, que ai era o Brizola pra baixo, que depois se tornaram os grandes líderes do trabalhismo, tinha uma boa relação com eles, quando tinha as disputas internas eventualmente, rachava, o pai fez uma descendência e derrotou todo mundo, mas isso faz parte do processo interno, não arranhou a imagem deles a amizade. (VECCHIO FILHO, 2019, p.2-3)

Ainda que houvessem as rupturas, ele afirma que nada disso inviabilizou a amizade de ambos e nem arranhou a imagem deles. Por outro lado, o contato com Jango fica indiretamente relatado como um vínculo mais próximo, com a sua ida ao Uruguai para a casa de Goulart durante o exilio deste durante várias vezes.

> (...) e as visitas que ele fazia ao Uruguai e a maioria era visita de amigos, não tinha cunho político, o meu pai era um cozinheiro e um bom assador e o Jango gostava de pescar com ele, então o avião dele aqui em Porto Alegre, levava e ficava 2/3 dias no Uruguai pescando e as conversas segundo o pai, se falava sobre política, mas nunca se falou sobre tentativa de retorno, sob qualquer tipo de insurreição ou luta armada que fosse, ou do Jango retornar, eram conversas assim

> de amigos, como está o fulano, como está o bertano, o Jango era um cara sedento, naquela época a comunicação era muito precária, então o João Goulart era sedento de notícias dos amigos dele, do pessoal do PTB, que eles estavam fazendo, quem estava preso (...) (VECCHIO FILHO, 2019, p.6)

Ao analisar os trechos referentes às narrativas dos irmãos, há um ponto de convergência sobre a relação com Brizola, e uma divergência em relação a Jango. Os fatores de discordância entre Vecchio e Leonel Brizola se relacionam à diferença de idades, e, com isso, os ideais tinham outros interesses, além do principal acontecimento com o diretório da sigla municipal. O que aparece como um questionamento é o nível de amizade que eles vão construir ao longo dos anos. Ainda pelas memórias do filho de Vecchio, ao sair do exilio, Brizola vai fazer uma carreata em Porto Alegre, e acaba indo reencontrar seu pai.

Esse relato leva a compreender que havia realmente essa ligação, mas que fatores de posição e influências do interior do partido levaram a ter uma grande ruptura que, pelas memórias de José Vecchio, foi algo que bastante marcante. No que diz respeito a Jango, há uma divergência, pois, ainda que não seja claramente explícito por seu filho que havia uma forte amizade, muito próximo do que o próprio Vecchio aponta em sua entrevista, o relato de que Goulart recebia a visita frequente de José em sua casa durante o exílio traz essa demonstração de uma forte ligação. Mas o ponto destacado por Miguelina sobre um acontecimento que tenha levado a um conflito real entre ambos pode ser colocado como fiel da balança sobre uma ruptura que tenha ocorrido em meio a essas viagens ao Uruguai.

Uma questão importante feita aos dois é sobre a importância da militância e como eles viram essas suas ideias até os últimos dias das suas vidas. Nas palavras de Miguelina,

> O pai era um socialista, ainda que ele não soubesse né, ele falava do direito das pessoas comerem, terem acesso à educação, coisa que falava que tinha apanhado de palmatória no colégio, tu imagina, aquela época o respeito a professora era construído na porrada, falou alguma coisa, palmatória, era violência mesmo, institucional, violência de Estado, encima da criança, ele tinha uma visão de que os direitos dos trabalhadores, ele era um operário mesmo, ele dizia: "A o deputado fulano, que as pessoas babavam muito o ovo de deputado, na época, porque naquela época ser deputado tinha um status realmente muito poderoso sabe, tanto que eu fui com 1 ano capa da Folha da Tarde, no meu aniversário, porque eu era filha do deputado, eles tavam cagando pra mim, porque tudo tinha a ver com o mandato dele, mas ele tinha uma visão pra além da visão de classe,

> ainda que ele não soubesse que era de classe, que era a visão de que não ia ser construído no sistema capitalista, esses direitos que as pessoas teriam com um deputado, dois deputados ou com três, não ia se construir, tinha essa visão, eu acho que ele era socialista da forma de ver as coisas, de repartir, de dividir, só que claro, um socialista com a cabeça de 1910 (...) (VECCHIO, 2019, p. 12)

E, para José Vecchio Filho,

> O pai tinha uma visão muito clara que, o que tem hoje é o que sempre teve capital contra trabalho, então o pai era um cara até certo ponto lúcido, à frente da época dele, nessa relação, então o pai entendia que com raríssimos e bons avanços, mesmo com partido trabalhista, etc. a força do capital era muito forte, então medidas que ele saudava, claro que são méritos dos governos trabalhistas, a CLT, muitas coisas que eles se vangloriam de ter conquistado, alguns direitos trabalhistas, mas a visão dele era essa que era tudo claro que a força do capital era muito violenta e que os trabalhadores, é uma luta permanente com a exploração, muito difícil, o pai dizia que era utópico tu achar que no Brasil aqui o trabalhador vai conseguir ganhar, o valor condizente com a importância dele na cadeia econômica, que o capital especulativo sempre vai prevalecer. (VECCHIO FILHO, 2019, p.9)

Em frente a essas considerações, fica visível que, na percepção de ambos, Vecchio podia ser considerado alguém que compreendia a situação em que ele estava inserido. Em outro momento, ambos indicam que, mesmo que que ele não tenha completado os estudos, ele tinha interesse, lia bastante e que partia dele a vontade de ampliar seu conhecimento. Ainda vale destacar que, para Miguelina, seu pai era um socialista, ainda que não se considerasse como tal, seus pensamentos se aproximando desse ideal, e que os cargos públicos que ocupou ao longo de todo período acabaram sendo vistos por ele como insuficientes, pois eram poucos os que se interessavam em agir em prol da classe trabalhadora.

Em suma, ambas as entrevistas contribuem para visualizar um campo maior sobre a trajetória de José Vecchio, tanto a partir de uma outra perspectiva sobre a militância dele, e como se davam essas relações no âmbito familiar. Se destacam nesse arranjo as percepções que seus dois filhos tinham em relação a proximidades com outros nomes relevantes no cenário político daquele período de transição, as quais trazem a condição de que haviam conflitos. Mesmo assim, essas ligações ocorriam, seja por interesses ou até mesmo por constituírem uma certa amizade de fato, além de confirmarem que a visão de Vecchio sobre Getúlio realmente era de respeito e consideração, ainda que, por outro lado, não

seja possível visualizar uma consideração varguista por ele. Considerando um acontecimento, é possível ter em conta o oposto.

Outro importante cenário é a influência e os comportamentos que ele tinha para com a sua família. Fica visível que Vecchio influenciou diretamente na formação de ambos os filhos, ainda com maior força sua filha, pois, até hoje, ela segue os rumos políticos e da militância, sendo uma grande liderança dentro do PDT a nível nacional. Já com seu filho, entre os anos 80 e 90, ele fez também parte da ala da juventude do PDT, ao qual ele permanece filiado, porém, como ele mesmo narra, sem a mesma atuação que sua irmã.

E fica claro que, muito provavelmente até os anos 80, quando ele ainda estava ativo no meio político, ele tinha apenas o final de semana com a família. Diante isso, o atrelamento da militância com o dia-a-dia familiar ficava impossível de ser desatrelado. Um fato que deixa mais implícita essa situação eram as constantes visitas de políticos à casa de sua família. Segundo eles, vários políticos levavam presentes para eles, e, como eles tinham que ficar no quarto, tentavam espiar pela fechadura e entreouvir a conversa.

De maneira geral, entender a trajetória de um indivíduo de maneira ampla ajuda a compreender outras relações a partir de outras perspectivas. No caso de José Vecchio, analisar os vínculos familiares, principalmente a partir dos seus filhos, torna possível constatar os modos de convivência e o tamanho da influência na formação deles, e como essa militância foi passada a eles. Tanto Miguelina como José Vecchio Filho demonstram em suas narrativas o quanto seu pai significou nas suas vidas, além de ambos contribuírem para ampliar o campo de conexões e de representação que Vecchio constituiu ao longo de toda a sua luta operária.

É importante refletir, nesse momento do trabalho, que a militância de Vecchio cobrou um alto preço do convívio familiar, visto que a memória viva de sua ausência se torna evidente nas fontes consultadas. Percebe-se que, dessa forma, a militância cobrou um preço alto na vida cotidiana, culminando na necessidade de trilhar uma trajetória que consideravam uma herança política paterna. Desse modo, os momentos que ambos vivenciaram e relataram na entrevista evidenciam a pouca presença do pai em casa em momentos de lazer,

visto que várias vezes, mesmo em casa, ele recebia outros políticos e eles acabavam ficando dentro do quarto, sem poder estar próximos a Vecchio.

3.2. Militância

Conforme perseguimos a trajetória de Vecchio, observamos essa mescla de família, militância e sua caminhada. Isso permite inferir os elementos mais significativos de sua vivência, que marcam as suas ações em meio a esse cenário político tensionado do Brasil no século XX. Dessa forma, relacionar família, militância operária e política permite discutir os espaços de formação da classe operária brasileira. Suas lutas, derrotas, desafios são um rico mosaico de estudo.

A partir da análise das entrevistas dos filhos de José Vecchio, é perceptível a influência que sua militância tem na vida de ambos. Dessa forma, torna-se possível compreender, de modo mais direto, como se deu a sua formação atuante em meio aos operários, seja lutando a favor do coletivo, seja pensando em estratégias para conquistas próprias.

É interessante retroceder e fazer uma progressão sobre esses primeiros anos, a fim de entender como foi se desenvolvendo essa forte militância que vai se tornar representativa, conforme o cenário político e social ia se modificando. É possível visualizar, a partir das fontes disponíveis, principalmente a partir do seu depoimento, a constituição sindical daquele período e as estratégias que cercavam os operários. Infelizmente, são poucos os registros dessa formação operária a partir da legislação varguista, mas, partindo dos fatos narrados por Vecchio, alguns pontos são perceptíveis.

Um primeiro ponto refere-se à sua tomada de posição frente às opções que se abriam. Como relatado por José Vecchio, surgiu a oportunidade de abrir uma Caixa de Aposentadoria e Pensões[66]. Este ato iria contribuir para dar um passo rumo às conquistas por direitos para empregados que quisessem se aposentar ou tivessem algum acidente e precisassem se afastar do serviço, e aquele suporte financeira o ajudaria a se manter. Nessa criação, a partir do depoimento do seu filho, fica claro que ele teve uma grande relevância na

[66] VECCHIO, José. 1986, p.5-6.

organização dessa entidade, pois ele, segundo seu filho, mesmo não tendo concluído os estudos, gostava muito de ler e entender sobre vários assuntos, e foi a partir disso que se deu a criação da Caixa.

> (...) era um homem que tinha, não sei se na época chamava de ginasial incompleto, mas o pai lia muito, ele era muito culto, então o pai desenvolveu uma habilidade e um conhecimento em direito previdenciário muito bom, o que fez dele um rabula, que era o antigo ativista do direito, que não tinha formação acadêmica no direito, então o pai era um excelente rabula em direito previdenciário, porque a legislação previdenciária até hoje ela possibilita que pessoas que não tenham formação jurídica, atuem como procuradores, então o pai aposentou muita gente, fazia recurso, ele entendia muito da legislação, principalmente no campo dos trabalhadores, que era o pessoal com insalubridade, periculosidade, aposentadoria especial. (FILHO, 2019, p.1)

Ainda que não seja possível concretizar essa liderança de tomada de decisão e articulação na criação de organizações que abrissem campos de luta trabalhista, fica exposto que ele vai ter uma importância enorme. Como no trecho indicado acima, o interesse por assuntos que atingiam sua rotina de operário o levou a dar os primeiros passos rumo a uma liderança. No próprio depoimento de Vecchio, ele sempre se coloca como agente idealizador de ideias de criação, desde a Caixa de Aposentadoria como do sindicato do Carris.

A militância foi se expandido com a formação dos sindicatos atrelados ao Estado. Desde o começo da organização das categorias, tendo como ponto central os discursos de Vecchio e de seus filhos, é grande a possibilidade de que partiu dele a ideia de organizar uma entidade representativa. Somado a isso, vale destacar um trecho da fala da sua filha, segundo a qual

> (...) vendo que o Estado não se responsabilizava pelos direitos das pessoas ele formou o primeiro sindicato, ai alugaram uma sede aqui na Praça Parobé, e era um escritório pequeninho, onde funcionava o sindicato de motorneiros de bonde, só que ai várias outras categorias queriam se organizar e não sabiam e não tinha estrutura, ai ele fez um armário onde cada portinha era um sindicato, então o povo reunia no mesmo lugar, cada categoria, ele ajudou a fundar o sindicato dos estivadores, lá de Rio Grande, e aqui eles tinham então um escaninho pra guardar os documentos de cada sindicato, então vários sindicatos foram formados com a liderança dele, explicando como é que se montava um sindicato e uma categoria de trabalhadores (...) (VECCHIO, 2019, p.1)

Essa situação vem ao encontro da proximidade e contato com várias categorias que Vecchio vai construir. Em suas memórias, ele destaca amizades e ligações com outras categorias profissionais. Esse fator fica mais claro ainda

quando, após sua saída da Carris em 1940, ele vai desempenhar atividades dentro de sindicatos de marinheiros. Mais uma vez, a questão de ter um conhecimento sobre as legislações foi de grande auxílio nesse primeiro momento.

Ainda mais importante é compreender que, nesse período, o cenário dava condições para a formação de estratégias, as quais não estavam baseadas somente em aceitar o que era imposto pelo governo. Desse modo, esse grupo de operários se manteve insatisfeito por algumas mudanças que iam ocorrendo até meados de 1937, desde a legislação que, por vezes, buscava desmobilizar as categorias, até mesmo pela manutenção das estruturas repressivas, com a presença policial nas reuniões dos sindicatos.

Tendo em vista esse campo de articulações e estratégias, que variavam entre interesses coletivos e individuais, é importante visualizar essa passagem da organização sindical para uma estrutura política. Esse cenário vai abrir as possibilidades de José Vecchio ampliar essa militância, principalmente conquistando cargos expressivos dentro da sigla partidária, que vão dar melhores condições individuais, mas que vão representar destaque frente aos demais operários, principalmente pela condição do próprio Vecchio ter se colocado à frente na criação da sigla gaúcha. É digno de nota que a movimentação de Vecchio era relacionada ao seu respaldo junto à categoria da qual se originava, visto que seu poder político de barganha era proporcional ao respaldo que o segmento lhe dava na luta por direitos sociais.

Em uma passagem do trabalho de Maria Celina D'Araújo (1996), é evidenciada essa construção de uma sigla partidária.

> Em ambos os casos também se opta por ignorar que os partidos políticos distinguem-se de outras formas de organização por atuarem em uma arena específica - a arena política. As atividades que ali desenvolvem é que os definem como partidos, não as metas de seus programas ou a composição social de seus militantes e eleitores. (D'ARAÚJO, 1996, p.17)

Essa condição apresenta fatores que contribuem para entender que a organização de uma sigla operária se faz a partir dos componentes presentes nela, e não somente baseada no programa estrutural. Isso se faz importante, pois, na criação do PTB estadual, a primeira formação se deu com esses sindicalistas a partir da figura de Vecchio, procurando embasar os ideais do

partido tendo por base a construção da sigla carioca, mas dando suas características e interesses próprios, focando em abrir espaço para que os operários tivessem presença até nas candidaturas entre os anos de 1946 e 1947.

Sobre essa formação específica, ainda vale destacar outra consideração de D'Araújo, sobre o interior dessas organizações.

> Ao institucionalizar-se, o partido define-se em torno de um conjunto interno de interesses e, em consequência, a ideologia que presidiu sua constituição torna-se latente e os interesses coletivos originais são relegados a segundo plano. Administrar o equilíbrio dos interesses internos torna-se também um objetivo central e a liderança passa a ser valorizada pela sua capacidade de controlar zonas de incerteza em seu interior. Assim, a maneira pela qual os partidos enfrentam as lutas internas e a forma pela qual se dá a distribuição de poder oferecem a chave para o entendimento de sua atuação na arena política. (D'ARAÚJO, 1996, p.17)

Nessa passagem, é relevante destacar a presença da importância de uma liderança que consiga coordenar as arestas do partido. Nesse sentido, a presença de Vecchio aparece. Seria interessante visualizar atas de reuniões e decisões que eram tomadas e como se apresentava essa figura de José Vecchio para além da sua visão sobre os acontecimentos. Porém, os conflitos que foram gerados, e que resultaram na sua saída, indicam que sua militância ia na direção oposta da de lideranças como a de Getúlio.

Por outro lado, ele se colocava ao lado dos demais operários nos interesses do coletivo, ao passo que os interesses particulares não podem ser ignorados, já que ele havia sido demitido e apenas estava trabalhando em um sindicato, atividade esta que era a sua única condição de se manter financeiramente. Com a atuação partidária, ele conseguia sobreviver e, ao passo que conquistava cargos públicos, essa situação melhorava, além da sua militância, que ascendia.

De modo geral, a partir dos pontos discorridos no capítulo anterior e no presente, Vecchio desempenharia uma militância realmente representativa. Ao mesmo tempo que o governo impõe conjunturas até mesmo repressivas, e, não obstante, concedia direitos aos trabalhadores, esse contexto contribuiu para o surgimento de lideranças que se colocariam em destaque no ambiente de articulação. Ainda que houvesse organizações operárias que apenas aceitavam

as imposições, essa certamente não era a condição das categorias que faziam parte do bloco em que José Vecchio estava inserido.

Ao passo que aceitavam as leis, buscavam ampliação das mesmas e mudanças das situações que incomodavam. E, dentro desse sistema, o militante Vecchio ia ampliando sua representação, que se tornava cada vez mais visível com o passar dos anos e da participação na conjuntura política. O reflexo dessa liderança é importante, pois seus modos de agir e ideais de como via o mundo influenciava claramente seus filhos, e sua militância vai representar um período de grandes movimentações no ambiente operário.

Em suma, suas atividades como trabalhador vão ser um ponto central da sua trajetória. Ainda que o intuito desse trabalho seja o de observar os passos de José Vecchio dentro do ambiente operário e da militância, os quais, como já citado anteriormente, se relacionarão com o contexto. Além da relação de via de mão dupla com os demais companheiros de categoria, essas condições vão influenciar todo o entorno da sua vida, inclusive o meio familiar.

3.3. Trajetória

Em sua maioria, as fontes que descrevem os aspectos da trajetória de José Vecchio apresentam seus pontos de vista e suas memórias sobre os diferentes momentos. Esse fator representa uma importante visão, já que, nesse caso, é possível visualizar o que ele pensava sobre suas atitudes; e, ao correlacionar suas impressões próprias com as demais documentações, é possível encontrar as contradições existentes.

O depoimento de José Vecchio é o registro que colabora para visualizar de maneira mais clara como as mudanças e atitudes eram vistas pela sua própria visão. Ao apontar o processo de constituição do sindicato, ele se coloca como um agente central, e, ainda que apresente um processo de compreender o coletivo, desempenhando as ações em conjunto com o grupo, há, de certo modo, uma imposição na sua fala de que as ideias de criação vieram a partir da sua individualidade.

No processo de relações com outros indivíduos do meio sindical, é relevante a colocação de Vecchio que faz críticas a outras figuras de liderança,

seja por modo de agir ou pelo pertencimento à sua vertente. É possível que José Vecchio tivesse o pensamento de que foi uma presença importante. Não se pode desconsiderar o fato de que poderia haver conflito entre essas lideranças por pontos de vista, e, principalmente quando ocorria a divergência entre comunistas e trabalhistas, conforme aconteceu com Vecchio, e que será melhor apontado adiante.

Ainda vale destacar algumas considerações sobre o fator da memória nesse modo de se colocar em relação à tomada de atitudes. Com base nisso, o autor Halbwachs (1990) apresenta alguns pontos.

> Haveria então memórias individuais e, se o quisermos, memórias coletivas. Em outros termos, o indivíduo participaria de duas espécies de memórias. Mas, conforme participe de uma ou de outra, adotaria duas atitudes muito diferentes e contrárias. De um lado, é no quadro de sua personalidade, ou de sua vida pessoal, que viriam tomar lugar suas lembranças: aquelas que lhe são comuns com outras não seriam consideradas por ele a não ser sob o aspecto que lhe interessa, na medida em que ele se distingue delas. De outra parte, ele seria capaz, em alguns momentos, de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter as lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo. Se essas duas memórias se penetram frequentemente; em particular se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela; nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente a sua substância. (HALBWACHS, 1990, p. 54)

É através dessa passagem que é possível ter um entendimento das descrições abordadas por José Vecchio. Como destaca o autor, o indivíduo pode apresentar, de variados modos, as memórias individuais e coletivas, e principalmente transitar entre elas. Nos primeiros destaques da entrevista de Vecchio, esse fator fica evidente quando ele usa fatos coletivos, como reuniões que eles tiveram com Vargas antes dos anos de 1940, ao mesmo tempo que destaca lembranças individuais, como sua tomada de ação, ao se colocar como líder e apresentando exigências, e essas concepções preenchem lacunas de outros que possam ter dialogado com Getúlio além dele.

Nesse mesmo panorama, em alguns momentos, ele vai destacar acontecimentos até mesmo detalhados, porém sem que estivesse no local. Essa situação se dava ao ponto de que ele mesmo incorporava à sua narrativa essas considerações como pertencentes aos fatos vividos. Um desses casos, por

exemplo, se dá na descrição de um último momento antes da morte de Vargas, quando ele teria dito que, se voltasse ao estado, seria de uma maneira diferente daquela que retornou da outra vez. Ainda que seja possível visualizar certa indicação de que ele não estivesse na reunião citada, a forma como ele incorpora esse fato à sua narrativa deixa transparecer que ele vivenciou o episódio.

É importante relatar outros aspectos sobre a condição das memórias em análises de trajetórias de um indivíduo. O autor Halbwachs considera distinguir duas memórias: a primeira seria a memória interna; e a outra, a externa.[67] Essas memórias seriam ainda relacionadas ao aspecto pessoal e social respectivamente, e essa condição serve de base para observar esse aspecto da vida pessoal e o contexto histórico em que aquela trajetória se desenvolveu. Ainda sobre essa situação,

> A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso. (HALBWACHS, 1990, p.55)

Ao visualizar a narrativa de José Vecchio, é perceptível que os acontecimentos que iam sendo relatos por ele assumem proporções amplas, pois representam as memórias vivenciadas. As datas de acontecimentos, que são focadas diretamente com ele, são apontadas sem necessariamente uma precisão, e quanto àqueles que são de contexto mais geral, Vecchio vai retratá-los a partir dos atos que se correlacionam com os interesses e articulações do meio operário.

Em outro retrato da sua percepção dos acontecimentos ligados à trajetória, apresenta sua relação com grupos que não pertenciam ao getulismo. Sobre essa condição, logo de início, ele indica essas organizações, principalmente as que tinham como viés o comunismo. Segundo ele, muitos criticavam a forma como eles defendiam o governo varguista. De acordo com Vecchio, tratava-se de uma crítica totalmente errada, pois estes mesmos não faziam nada para realmente melhorar a situação dos trabalhadores, enquanto

[67] HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 1990, p.55.

que eles tinham realmente atuado e conquistado os direitos em conjunto com as ações feitas por Vargas.

Porém, ao passo que ele apontava essas críticas, que vão gerar contornos permanentes de um conflito, não se pode considerar que isso ocorria com a maioria dos componentes de vertente comunista. Conforme destacado no capítulo anterior, trechos de informativos criticavam algumas atitudes feitas por ele ao longo do processo como presidente da sigla petebista.

Em contraponto a isso, ele também fala que tem boas relações com algumas lideranças que eram de oposição. Até mesmo no seu período como deputado estadual, ele vai defender a legalidade do PCB (Partido Comunista Brasileiro). Com isso, assim como já salientado anteriormente, há um claro conflito e divergência dentro da sua narrativa, principalmente quanto a relações com diferentes grupos.

A partir dos pontos destacados até o momento sobre o modo como José Vecchio relata os acontecimentos, vale salientar algumas conclusões feitas por Bordieu (2006), em relação a perspectiva auto-relato.

> Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário. E é provável que esse ganho de coerência e de necessidade esteja na origem do interesse, variável segundo a posição e a trajetória, que os investigados têm pelo empreendimento biográfico. (BOURDIEU, 2006, p.184)

Com base nesse trecho destacado, o autor apresenta que, ao dar um relato autobiográfico, o indivíduo busca dar sentido a tudo que ele está relatando, buscando coerência. Ao saber que o indivíduo aborda os acontecimentos da sua trajetória, apresentando linearidade e uma constância, elevando os pontos positivos, o pesquisador cumpre o papel de desconstruir a noção linear e visualizar as divergências e conflitos da vida daquele indivíduo, entendendo que o ser humano é composto por uma complexidade.

Conclusão

A partir dos pontos colocados ao longo desse trabalho, fica clara a importância de análises de indivíduos que fazem parte de um dia-a-dia, que, ao longo de muitos anos, não recebiam a devida atenção. Como apresentado no desenvolvimento da pesquisa, apenas a trajetória de José Vecchio ajuda a compreender um período amplo da sociedade brasileira e principalmente gaúcha, com enfoque nas relações de trabalho e nas lutas por melhores condições de vida.

Além desses fatores contextuais, a figura de Vecchio é representativa, como uma liderança que foi crescendo ao longo dos anos de 1920 a 1950. Os primeiros anos da sua vida já dão conta de um jovem que vai presenciar a dura realidade das formas repressivas do Estado e as péssimas condições do cotidiano de trabalho. Um acontecimento claro desse momento é seu contato com produtos perigosos em uma fábrica de vidros, fator que o levou a adoecer e, em consequência disso, acabar largando os estudos para começar a trabalhar a partir de um ofício.

Todo esse processo, logo no início da sua vida, marcou profundamente sua visão de mundo, pois, como ele mesmo destacou, os eventos ocorridos o levaram a se tornar um jovem rebelde. Ao passo que ele vai construindo sua trajetória dentro das atividades nos bondes da capital, ele vai constituindo em conjunto com demais operários uma consciência de luta, em meio às dificuldades que eram impostas, com os acontecimentos políticos e sociais que iam se sucedendo nessa primeira parte do século XX.

O seu enfrentamento com os demais ia trazendo pontos dos quais sua liderança ia despontando. Se, ao longo de um governo estadual, através da figura de Borges de Medeiros, a situação foi se articular ao ponto de fazer reuniões de modo sigiloso, a figura de Getúlio Vargas vai despontar como a real possibilidade de conquistar espaços e direitos. É nessa virada para 1930 que a figura de José Vecchio se coloca mais ativa nos caminhos de luta dos trabalhadores, pois, ao dar o primeiro passo rumo à criação do sindicato da categoria, não apenas beneficia um círculo restrito, mas abre espaço para um

sistema de relações de diversas categorias, que se fortalecem para conquistar benefícios e manter os que vinham sendo decretados.

A formação de organizações, como sindicatos e caixa de aposentadoria, foram peças fundamentais para traçar um alicerce desse movimento. Em ambas as situações, Vecchio foi o personagem a tomar a frente com as ideias para a criação desses instrumentos. Ainda que essas situações dessem margem para aspirar melhores condições dentro da sociedade, o aparelho repressivo do Estado se colocava como grande empecilho. Se uma parte das perspectivas historiográficas via os governos varguistas com uma estrutura repressora e que levava os trabalhadores a serem submissos aos direitos impostos pelo Estado, a vida de José Vecchio apresenta outras possibilidades nas relações entre governo e trabalhadores.

O segundo momento importante da trajetória de Vecchio se deu com a soma da sua militância em conjunto com um novo campo político que despontava a partir da metade de 1940. E, nesse período, sua participação vai se tornar ainda mais forte, pois, se, anteriormente, o campo de articulação se dava nas formações sindicais, a constituição de um partido como o PTB abriu a oportunidade daqueles operários não só visualizarem um novo espaço de luta pela manutenção dos direitos já conquistados, mas também de possibilidades de alçarem novas posições dentro da sociedade tanto a partir da perspectiva do coletivo como individualmente.

Tendo esse conjunto de condições observadas, a intenção desse trabalho foi dividir em três principais pontos as considerações que cercavam a trajetória de Vecchio. Sendo assim, no primeiro capítulo, é perceptível a relevância dos acontecimentos que permeavam aquele cenário da virada dos anos de 1900, como o crescimento de organizações operárias, as crises econômicas que levaram ao aumento do desemprego, e como esse cenário levou a uma elevação da insatisfação dos trabalhadores.

Relacionado a essa crise, vertentes socialistas e anarquistas disputavam a liderança dos movimentos trabalhistas, e, com todos esses acontecimentos, se coloca a figura de Vecchio, que, ao longo desses 20 primeiros anos, vai presenciar esses fortes desdobramentos. E, desse modo, tanto as experiências desse contexto vão influenciar toda trajetória de militância de José Vecchio,

como essas vertentes, que vão ser ativas no seio operário e que vão entrar em divergência e convergência com os grupos pró Getúlio, vão em conjunto constituir boa parte dos ideais e dos modos de luta que Vecchio vai colocar em prática a partir de 1930.

No segundo capítulo, o intuito foi apresentar a sua trajetória de vida como um todo, para melhor visualizar seu conjunto de atitudes ao longo de todo o período aqui norteado. Ao visualizar seu extenso trajeto, é possível perceber que se tratava de um indivíduo que era formado por toda sua complexidade e com pontos de vista que se modificavam ao longo desse processo.

Sua própria relação com grupos comunistas sempre variou. Se, em alguns momentos, o conflito era claro, em outros, pelo cenário, havia uma aproximação. Esse conflito de interesses permeava não somente Vecchio, como todo o coletivo, que demonstrava apoio a Vargas. Outro relevante ponto de vista diz respeito às relações com a própria figura de Getúlio, que, apesar de contar com um grande apoio pelos direitos concedidos, que em parte representava uma troca de concessões e apoios, por outro havia os conflitos, visto que o modo repressivo da polícia se mantinha como em anos anteriores, e, por esse fato, mesmo com a esperança em Vargas, não deixaram de interpelar e lutar pelos direitos de se organizarem e terem uma certa liberdade para lutar por melhores condições.

Em uma passagem de sua fala, ele destaca as articulações até mesmo com Getúlio, próximo à instauração do regime do Estado Novo. Nessa ocasião, ele, em conjunto com alguns operários em reunião com Vargas, indicou algumas mudanças e melhores direitos trabalhistas, como férias e carga horária, além de adicional de hora extra, aplicações estas que, mais tarde, foram implantadas dentro da CLT. Esse fato, a partir da análise do discurso de Vecchio e da percepção que sua imposição em conjunto com outros colegas de categoria foi responsável para que o governo implantasse grande parte dos pontos indicados por eles em uma reunião, demonstra um sentimento de se sentir relevante em meio àqueles acontecimentos, que fica claro nesse evento descrito, mas que, ao longo de sua narrativa, é possível perceber as nuances desse pensamento

No terceiro capítulo, ao analisar o ponto de vista dos seus dois filhos e como ele próprio via sua trajetória, é possível extrair alguns pontos. Em ambas

as narrativas, tanto de Miguelina como de José Vecchio Filho, a representação que ele teve na vida de ambos influenciou na visão de mundo que eles foram desenvolvendo ao passar dos anos. Na relação com a sua filha, isso se deu de maneira ainda mais forte, por ela seguir a vida da militância política. Na visão dos dois, independentemente do âmbito em que ele estivesse, mantinha sua militância trabalhadora, a qual, de certo modo, nunca chegou a ser a de um político tradicional.

Já na sua perspectiva, é claro seu modo de se colocar como protagonista da sua própria história. Ao longo do seu depoimento, é possível ver declarações detalhadas de todas as dificuldades que ele passa ao longo dos anos, mas principalmente é possível identificar as inúmeras vezes que ele se coloca como uma liderança nas tomadas de atitudes, ainda que traga o coletivo consigo, bem como contradições em certas opiniões.

E, por isso, foi tão importante visualizar os aspectos mais amplos da sua trajetória. Como salientado anteriormente, todo individuo é complexo e traz consigo posições que vão se modificar ao passar do tempo e com as circunstâncias de cada situação. Sendo assim, de modo geral, é clara a relevância de José Vecchio mantendo seus ideais até o final da vida, bem como o destaque que ele teve dentro do cenário sindical e político não só de Porto Alegre, como, de forma mais ampla, no Rio Grande do Sul, a partir das diversas conexões, entre categorias e siglas.

É importante destacar um processo de mão dupla entre a trajetória de Vecchio e seus companheiros de categoria, visto que o seu respaldo não estava vinculado a ele, mas também ao seu potencial de trazer retorno financeiro e social, afinal os trabalhadores, na época, faziam a leitura do contexto em que estavam inseridos. Além disso, sua trajetória representa uma perspectiva de como aquele coletivo operário se articulou em um novo momento do país, dentro de uma sequência de governos varguistas, a qual claramente não era a de um grupo submisso, e sim que atuava coletivamente por melhores posições na sociedade.

Em resumo, ao longo desse caminho, foi possível visualizar um agente histórico que vai se relacionar diretamente com o contexto que vai se desenvolvendo ao passar dos anos, em um coletivo de operários que vai se

ajudar mutuamente, em uma via de mão dupla. E, com isso, Vecchio ascendia como representante de sua categoria ao passo que recebia o suporte desta, e desenvolvia sua trajetória.

Fontes

Acervo Digital da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A Federação – RS (1930-1937).

Jornal Estado do Rio Grande – RS (1929-1930).

Jornal do Dia – RS (1947-1951).

Revista do Município - RS (1927 -1930).

Anais da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Memorial da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul (ALRS). Disponível em: http://www2.al.rs.gov.br/memorial/ModulodePesquisanoAcervo/tabid/6348/Default.aspx. Acesso em: 15 Jun. 2021.

Arquivo Getúlio Vargas. Carta enviada por José Vecchio à Getúlio Vargas, informando sobre as candidaturas a eleição de 1947. FGV/CPDOC, (GV c 1947.01.03/3).

Arquivo Getúlio Vargas. Telegrama enviado por Vargas em reposta a José Vecchio e sua dedicação ao PTB. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, (GV c 1946/1947.00.00/2).

Arquivo Getúlio Vargas. Carta do Diretório Estadual do PTB (Rio Grande do Sul) a Getúlio Vargas firmando posição perante a "Coalizão das forças políticas nacionais" e expressando fidelidade. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, (GV c 1946.07.01/2).

VECCHIO, José. **Depoimento**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1986.

Entrevistas orais

VECCHIO FILHO, José. **Entrevista.** Entrevistador: Leonardo Amaral. Porto Alegre, 10 set. 2019.

VECCHIO, Miguelina Paiva. **Entrevista**. Entrevistador: Leonardo Amaral. Porto Alegre, 11 set. 2019.

Referências Bibliográficas

ABREU, Luciano Aronne. **Um olhar regional sobre o Estado Novo**. Porto Alegre, EdiPUCRS, 2007.

ALBERNAZ, Cássio Alan Abreu. **Em busca de cidadania política**: o queremismo no Rio Grande do Sul frente à reorganização política e partidária: 1945. 2006. 243 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ALBERTI, Verena. **História dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo, Editora: Contexto, 2008. p. 155-202.

BATALHA, Claudio. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro, Editora: Zahar, 2000.

_____. A Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: **O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente.** Rio de Janeiro, Editora: Civilização Brasileira, 2003. p.110-135.

BODEA, Miguel. **Trabalhismo e populismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

BOMBARDELLI, Maura. **A Trajetória de Fernando Ferrari no PTB: da Formação do Partido ao "Trabalhismo Renovador" (1945-1960).** 2016. 210 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

BORDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moares (Org.). **Usos e Abusos da história oral**. São Paulo, FGV. 2006. p.183-192.

_____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand. 1989.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2008. p. 203-234.

BRANDT, Aline. "**De Borges a Getúlio: A Transição Política nas páginas de o Nacional (1923-1930)** ". Dissertação – Universidade Federal de Passo Fundo. Passo Fundo, 2008.

CÁNEPA, Mercedes Maria Loguercio. **Partidos e representação política**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Contexto, 1996.

CERUTTI, Simona. Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVII. In: REVEL, Jacques (Org**.) Jogo de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p.173-201.

CRUZ, João Batista Carvalho da. **Da formação ao desafio das urnas: o PTB e seus adversários nas eleições estaduais de 1947 no Rio Grande do**

Sul. 2010. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Programa de Pós-graduação em História, Universidade do Vale dos Sino, São Leopoldo, 2010.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: **O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática (1945-1964)**. São Paulo, Civilização Brasileira. 2019. p.127-154.

D'ARAUJO, Maria Celina. **Sindicatos, Carisma e Poder: o PTB de 1945-65.** Rio de Janeiro: FGV,1996.

DE CONSTANTINO, N. S. Espaço urbano e imigrantes: Porto Alegre na virada do século. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 24, n. 1, p. 149-164, 31 dez. 1998.

DE LUCA, Tania Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. Editora Contexto, São Paulo, 2006.

ELIBIO JUNIOR, Antônio Manoel. **A construção da liderança política de Flores Cunha: governo, história e política (1930-1937)**. 2006. 426 f. Tese (Doutorado) – Curso de História, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

FERREIRA, Jorge. **João Goulart: Uma Biografia.** 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. **Trabalhadores do Brasil: o imaginário popular: 1930-45**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1997.

_____. A transição democrática de 1945 e o movimento queremista. In: **O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática (1945-1964)**. São Paulo, Civilização Brasileira. 2019. p.11- 46.

FERREIRA, Marieta de Morais; PINTO, Sumara Conde Sá. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de A. N (org). **O Brasil republicano. Vol.1**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FORTES, Alexandre. Revendo a legalização dos sindicatos: metalúrgicos de Porto Alegre (1931-1945). In: FORTES, Alexandre (Org.). **Na luta por direitos: Estudos recentes em história social do trabalho**. São Paulo, Editora da Unicamp, 1999. p. 19-50.

FORTES, Alexandre. **Nos do quarto distrito ...: a classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas**. 2001. 602p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciencias Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280763>. Acesso em: 25 maio 2021.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moares (Org.). **Usos e Abusos da história oral**. São Paulo, FGV. 2006. p. 3-14.

GERTZ, René. Estado Novo. In: GERTZ, René (org.). **História Geral do Rio Grande do Sul, vol.4 – Da Revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)**. Passo Fundo. Méritos, 2007.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **A invenção do trabalhismo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2005.

GOMES, Ângela Maria de Castro. O populismo e as Ciências Sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. **Tempo**, Rio de Janeiro , vol. 1, n°. 2, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. Paz e Terra, 2008.

HIPPOLITO, Lucia. Vargas e a gênese do sistema partidário brasileiro. **Anos 90**, Porto Alegre, v.11, n.19, 2004. p.21-47.

KARSBURG, Alexandre. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. In: VENDRAME, Maíra Ines et. al. (Orgs**). Micro-história, trajetória e imigração**. São Leopoldo. Editora: Oikos. 2015. p. 33-52.

KONRAD, Diorge Aleceno. A FORGS, a LEP e o Inspetô Reacionário:
A Negação da Política como Espaço da Luta Social (1933-1935). **Aedos**, Porto Alegre, vol.2, nº. 4, 2009. p.400-409.

LEOPOLDI, M. A. P.. A economia política do primeiro governo Vargas (19301945): a política econômica em tempos de turbulência. In: Jorge Ferreira e Lucilia Neves Delgado. (Org.). **O Brasil Republicano. O tempo do Nacional-Estatismo**. 1aed.Rio de Janeiro: Civilizaçao Brasileira, 2003, v. 2, p. 241-285.

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia**.** In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moares (Org.). **Usos e Abusos da história oral**. São Paulo. FGV. 2006. p.167-182.

LONER, Ana Beatriz. As Frentes sindicais do interior e a FORGS na década de 30. **Métis**, Caxias do Sul, vol.4, nº. 7, 2005. p.145-168.

LOZANA, Jorge Eduardo. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moares (Org.). **Usos e Abusos da história oral**. São Paulo. FGV. 2006. p. 15-26.

MATTOS, Marcelo. **Trabalhadores e Sindicatos no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MOREIRA, R.L. Revolução Gaúcha de 1923. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.) **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

NEGRO, A. L. e SILVA, S. (orgs.) E. P. Thompson. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. São Paulo, Editora Unicamp. 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Editora: Mercado Aberto, 1982.

_____. **Os Pobres Da Cidade: Vida E Trabalho, 1880-1920.** Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1994.

PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. **Que a União Operária seja a Nossa Pátria (História das lutas dos gaúchos para construir suas organizações)**. Santa Maria, Editora UFRGS. 2001.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção social. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogo de escalas: a experiencia da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p.15-38.

SILVA, Fernando Teixeira & COSTA, Hélio da. Trabalhadores urbanos e populismo: um balanço dos estudos recentes. In: FERREIRA, Jorge (org.). **O populismo e sua história: debate e crítica.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

SILVA JR., Adhemar Lourenço. Greve geral de 1917 em Porto Alegre. **Anos 90**, Porto Alegre, vol. 4, nº. 5, 1996. p.183-205.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção da identidade e da diferença. In: Tomaz Tadeu da Silva (Org.), **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.73-102.

SKIDMORE, Thomas E.. **Brasil: de Getúlio a Castelo.** São Paulo, Editora Paz e Terra. 1982.

TELLES, L. E. C.. Caudilhismo e Clientelismo na América do Sul: Uma discussão conceitual. **Revista Faces de Clio**, v.1, n°2, Jul/Dez. 2015. p.100-114.

THOMPSON, E. A Formação da classe operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **As peculiaridades dos ingleses**. In.: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). E. P. Thompson: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1998a. v. 1. (Coleção Textos Didáticos).

VIANNA, Marly de A. G. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: DELGADO, Lucília de Almeida; FERREIRA, Jorge (org**). O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 63-106.

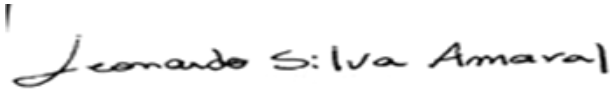
WALTER, Clara Natalia Steigleder. **A sociabilidade na cidade moderna: os bondes e a Porto Alegre de 1890 a 1945**. 2016. 266p. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura, Porto Alegre, RS. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/143005. Acesso em 20 Jun. de 2021.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu da Silva (Org.), **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p.7-72.

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, Leonardo Silva Amaral, matricula nº1910427 declaro para todos os fins que o texto em forma de (x) Dissertação de mestrado ou ( ) Tese de Doutorado, intitulado JOSÉ VECCHIO: A TRAJETÓRIA DE UM MILITANTE EM ASCENDÊNCIA AO LONGO DO ESTADO NOVO (1930-
1950), é resultado da pesquisa realizada e de minha integral autoria. Assumo inteira e total responsabilidade, sujeitando-me às penas do Código Penal (“Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos”).

Pelotas, 14 de Setembro de 2021.



ASSINATURA